

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

# Relatório de Estágio Profissional

**Ana Rita Alves Gomes**

Lisboa, outubro de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

# Relatório de Estágio Profissional

**Ana Rita Alves Gomes**

Relatório apresentado para obtenção de grau de mestre em  
Educação Pré-Escolar, sob a orientação do  
Professor Doutor Pedro Fidalgo e Costa

Lisboa, outubro de 2012



# Escola Superior de Educação João de Deus

## Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... PEDRO FIDALCO E COSTA

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a)..... ANA RITA ALVES GOMES

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes)..... em EDUCAÇÃO  
PROF-ESCOLAR

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 05 de OUTUBRO de 2012

O(A) Orientador(a)

## Agradecimentos

Terminado este tão importante percurso da minha vida, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que me apoiaram ao longo deste percurso e que contribuíram para a realização deste trabalho.

Começo por destacar a Escola Superior de Educação João de Deus a quem agradeço a oportunidade de ter realizado este curso tão desejado ao longo da minha vida, nesta instituição que prima pelo rigor e qualidade no ensino. Agradeço a todos os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus, que contribuíram com o seu excelente trabalho para uma boa formação, transmitindo os seus conhecimentos ao longo deste meu período de formação. Que continuem sempre do lado dos alunos como têm feito até hoje.

Agradeço ao Professor Doutor Pedro Fidalgo e Costa pela orientação prestada, por todo o apoio e dedicação que teve em todos os momentos.

Não posso deixar de referir a Escola onde realizei o meu Estágio Profissional. Agradeço a todo o corpo docente, especialmente às educadoras cooperantes com quem tive o prazer de trabalhar. Agradeço-lhes o excelente exemplo de profissionalismo que me transmitiram e todos os conselhos e críticas que me fizeram. Só isso nos permite crescer enquanto profissionais. Às crianças que frequentaram esta Escola durante este ano letivo, agradeço a simpatia com que me receberam e os abraços e os carinhos que me deram.

Agradeço às minhas colegas de curso, que partilharam comigo as suas experiências. Um especial agradecimento à Ana Raquel Henriques e à Inês Abrantes Pereira, que me acompanharam ao longo deste curso e estiveram sempre presentes em todos os momentos. Obrigada pela amizade, pelo companheirismo e por todas as partilhas.

Agradeço especialmente à minha família por me terem dado a oportunidade de seguir este meu sonho. Sem eles nada seria possível. Por fim, e não menos importante, deixo um agradecimento especial ao meu namorado, por todos os minutos de acompanhamento, paciência e confiança que me transmitiu.

Muito obrigada a todos!

## Índice geral

<b>Índice de figuras</b> .....	IX
<b>Índice de quadros</b> .....	X
<b>Introdução</b> .....	1
1. Identificação do local de estágio .....	2
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional .....	3
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional .....	3
4. Identificação do grupo de estágio .....	4
5. Metodologia Utilizada .....	5
6. Pertinência do Estágio .....	6
7. Cronograma .....	8
<b>CAPÍTULO 1 – Relatos diários</b> .....	11
Educação Pré-Escolar .....	12
1.1. Primeira Secção: Bibe Azul B .....	14
1.1.1. Caracterização da turma .....	14
1.1.2. Caracterização do espaço .....	15
1.1.3. Rotinas .....	16
1.1.4. Horário .....	18
1.1.5. Relatos diários .....	18
1.2. Segunda secção: Bibe Amarelo B .....	54
1.2.1. Caracterização da turma .....	54
1.2.2. Caracterização do espaço .....	54
1.2.3. Rotinas .....	55
1.2.4. Horário .....	56
1.2.5. Relatos diários .....	56
1.3. Terceira secção: Bibe Encarnado B .....	83
1.3.1. Caracterização da turma .....	83
1.3.2. Caracterização do espaço .....	83
1.3.3. Rotinas .....	84
1.3.4. Horário .....	85
1.3.5. Relatos diários .....	85
1.4. Quarta secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa .....	113
1.4.1. Caracterização do espaço e da turma .....	113
1.4.2. Rotinas .....	113

1.4.3. Relato geral da semana .....	114
<b>CAPÍTULO 2 – Planificações .....</b>	<b>117</b>
2.1. Fundamentação teórica .....	118
2.1.1. Planificação .....	118
2.1.2. Currículo .....	122
2.2. Planificações .....	125
2.2.1. Planificação 1- Domínio da Matemática .....	125
2.2.2. Planificação 2 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	128
2.2.3. Planificação 3 – Área do Conhecimento do Mundo .....	131
<b>CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação .....</b>	<b>134</b>
3.1. Avaliação .....	135
3.2. Tipos de Avaliação .....	139
3.2.1. Avaliação Diagnóstica .....	139
3.2.2. Avaliação Formativa .....	140
3.3. Avaliação na Educação Pré-Escolar .....	141
3.4. Primeiro Dispositivo de Avaliação: Área da Expressão e Comunicação – Domínio da Matemática .....	143
3.4.1. Descrição das grelhas de avaliação .....	147
3.4.2. Análise do gráfico .....	148
3.5. Segundo Dispositivo de Avaliação: Área do Conhecimento do Mundo .....	148
3.5.1. Descrição das grelhas de avaliação .....	152
3.5.2. Gráfico de apresentação dos resultados .....	153
3.5.3. Análise do gráfico .....	153
3.6. Terceiro Dispositivo de Avaliação: Área de Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	153
3.6.1. Descrição das grelhas de avaliação .....	158
3.6.2. Gráfico de apresentação dos resultados .....	159
3.6.3. Análise do gráfico .....	159
<b>Reflexão final .....</b>	<b>160</b>
1. Considerações finais .....	160
2. Limitações .....	162
3. Novas pesquisas .....	163

<b>Referências Bibliográficas</b> .....	164
• Referências bibliográficas .....	165
• Referências eletrônicas .....	172
<b>Anexos</b> .....	174

## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> – Sala do Bibe Azul B .....	16
<b>Figura 2</b> – Caracol feito com a castanha .....	39
<b>Figura 3</b> – Tabuleiro do jogo de equipas .....	50
<b>Figura 4</b> – Exercício com tampas de plástico .....	50
<b>Figuras 5 e 6</b> – Cenários realizados para a festa de Natal .....	53
<b>Figura 7</b> – Atividade de Domínio da Matemática .....	75
<b>Figura 8</b> – O Ratinho Marinheiro .....	75
<b>Figura 9</b> – Salão do Bibe Encarnado B .....	84
<b>Figura 10</b> – A Zebra Camila .....	93
<b>Figura 11</b> – Escola de Hammamet .....	94
<b>Figura 12</b> – Exercício de Língua Árabe .....	94
<b>Figuras 13 e 14</b> – Simulação de uma ida à praia .....	104
<b>Figura 15</b> – Quadro utilizado na aula de Domínio da Matemática .....	111
<b>Figura 16</b> – “Caracol” e “Caracola” pintados pelas crianças .....	111
<b>Figura 17</b> – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática .....	148
<b>Figura 18</b> – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo .....	153
<b>Figura 19</b> – Avaliação dos resultados do Dispositivo de Avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	159

## Índice de quadros

<b>Quadro 1</b> – Distribuição dos três momentos de Estágio Profissional .....	8
<b>Quadro 2</b> – Cronograma de Estágio Profissional .....	9
<b>Quadro 3</b> – Planificação do Domínio da Matemática – Bibe Azul B .....	125
<b>Quadro 4</b> – Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Bibe Amarelo B .....	128
<b>Quadro 5</b> – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo – Bibe Encarnado B .....	131
<b>Quadro 6</b> – Escala de Likert .....	143
<b>Quadro 7</b> – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática .....	144
<b>Quadro 8</b> – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática .....	145
<b>Quadro 9</b> – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática .....	146
<b>Quadro 10</b> – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática .....	147
<b>Quadro 11</b> – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação na Área do Conhecimento do Mundo .....	149
<b>Quadro 12</b> – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo .....	150
<b>Quadro 13</b> – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo .....	151
<b>Quadro 14</b> – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo .....	152
<b>Quadro 15</b> – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita .....	154
<b>Quadro 16</b> – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita .....	155
<b>Quadro 17</b> – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita .....	156
<b>Quadro 18</b> – Grelha de avaliação do parâmetro 3 do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita .....	157
<b>Quadro 19</b> – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita .....	158

# Introdução

Este Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I e II, que teve início a 27 de setembro de 2011 e terminou a 22 de junho de 2012. Realizou-se durante três dias por semana, sendo estes às segundas, terças e sextas-feiras, das 9h às 13h. Ao longo do período de Estágio Profissional estive presente nos três níveis do Ensino Pré-Escolar.

De seguida, é identificado o local onde foi realizado o estágio profissional, é descrita a estrutura deste Relatório de Estágio Profissional e referida a importância da sua elaboração. Será depois identificado o grupo de estágio, a metodologia utilizada para a elaboração do presente relatório e também a pertinência do estágio profissional. Por fim, será apresentado o cronograma.

O Relatório de Estágio Profissional será o último momento de avaliação que me habilitará a exercer a docência, sendo já redigido segundo o novo acordo ortográfico.

## **1. Identificação do local de estágio**

Ao longo deste Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizei o meu estágio profissional na “Escola A”, localizada em Lisboa. Este centro escolar é composto por três níveis de ensino: Creche, Ensino Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo

A Escola A insere-se numa zona urbana, residencial e comercial de fácil acesso devido à boa disponibilidade de meios de transporte. Perto desta Escola encontram-se ainda uma igreja e vários estabelecimentos de ensino públicos e privados.

No que diz respeito ao espaço exterior da Escola, existem duas zonas de recreio, normalmente divididas pelos alunos do Pré-Escolar e pelos alunos do 1.º Ciclo. Em ambos os espaços existe um local de divertimento para as crianças, como por exemplo, o escorrega e a escalada. Estas duas zonas estão também rodeadas por canteiros que contêm algumas plantas e árvores, onde as crianças têm a oportunidade de contactar com a natureza.

Relativamente ao espaço interior, esta Escola contém um salão, salas de aula, uma sala de informática, uma sala de reuniões, um ginásio, uma biblioteca, uma sala de docentes, um gabinete de Direção, um refeitório, uma cozinha, três zonas de casas de banho para crianças e uma zona de casas de banho para adultos.

As crianças que frequentam esta instituição têm idades compreendidas entre os três meses e os anos de idade. Cada turma tem, em média, vinte e oito alunos e

todas as turmas são homogêneas relativamente à idade, pois as crianças estão separadas de acordo com as diferentes faixas etárias. Cada uma das faixas etárias usa um bibe de cor diferente.

## **2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

O Relatório de Estágio Profissional encontra-se dividido em três capítulos, com uma introdução e uma reflexão final. O capítulo 1 é dedicado aos Relatos Diários, onde são registadas as observações mais pertinentes de toda a manhã de estágio. Depois das observações, são apresentadas as inferências, cientificamente fundamentadas. Em cada momento de estágio é realizado um enquadramento teórico.

No capítulo 2, denominado Planificações, são descritas as atividades realizadas. Estas são acompanhadas por uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem, assim como pela fundamentação científica e explicação das metodologias/estratégias utilizadas.

No capítulo 3, Dispositivos de Avaliação, exponho as avaliações que realizei durante as aulas que lecionei no Estágio Profissional, referentes a duas áreas: Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e Domínio da Matemática. Neste capítulo, justifico as estratégias que decidi aplicar juntamente com o suporte de referência teórico. Refiro ainda a importância da avaliação no Ensino Pré-Escolar.

Por último, faço uma Reflexão Final, onde exprimo a pertinência do estágio para a minha formação profissional.

## **3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional**

A elaboração do Relatório de Estágio Profissional é de extrema importância por diversas razões. Em primeiro lugar e a nível pessoal, este relatório é um elemento de avaliação essencial para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar, que me dará a certificação profissional para exercer a docência.

Em segundo lugar, a elaboração deste documento requer aliar a prática à teoria. Assim, implica e possibilita um trabalho de pesquisa e investigação ao nível de conceitos, ideias e métodos, que se encontram implícitos nesta área de formação. Todas as pesquisas e descobertas contribuirão para a reflexão das práticas observadas e também para uma melhor aprendizagem sobre o ensino e o aprender a ensinar. Como refere Loughran (2009):

tanto o ensino como a investigação devem basear-se um no outro de modo a que as perspectivas do ensino e da aprendizagem possam ser apreendidas

tanto pelos professores como pelos estudantes. Isto significa que um dos objectivos para a investigação da prática é a melhor compreensão desta (p. 21).

Korthagen (2009) defende que, na formação de professores, a articulação entre a prática e a teoria consiste na abordagem realista, definindo como as suas principais características:

- “trabalhar com base em situações reais com as quais se confrontaram durante o ensino e que causaram preocupação ao aluno futuro professor;
- reflexão e interacção entre os alunos e professores;
- reinvenção orientada.” (pp. 42-43).

Assim, o estágio em conjunto com a produção deste relatório permite articular a prática e a reflexão sobre a mesma, sustentada por uma teoria pedagógica.

É fundamental que o Educador, para além de transmitir conhecimentos, estimule as capacidades de cada criança, visando um desenvolvimento equilibrado e adequado às exigências da nossa sociedade. Isto contribui para satisfazer também a comunidade, à qual prestarei serviços, que devem ser de qualidade. Ainda aliado ao fator pessoal e profissional, permanece a oportunidade de consultar o relatório sempre que surja alguma dúvida. É pertinente consolidar os conhecimentos e retirar ensinamentos que me ajudem a ultrapassar certas situações no futuro.

Em suma, este relatório é fundamental para mim enquanto futura profissional, mas também como promotor do meu crescimento pessoal. Penso que é também uma mais-valia para a comunidade envolvente e espero que seja útil para todos os que tiverem a oportunidade de o consultar.

#### **4. Identificação do grupo de estágio**

No estágio profissional é importante e fundamental que exista um grupo onde se possam partilhar ideias e experiências. Durante os três anos de licenciatura tive a oportunidade de ter grupos de estágio diversificados.

No Mestrado em Educação Pré-Escolar o meu grupo de estágio era formado pelas minhas colegas J. S. e A. N. Com este novo grupo de estágio foi estabelecida uma relação de ajuda, cooperação e companheirismo profissional. Como defende Loughran (2009), partilhar experiências “proporciona melhores oportunidades para reestruturar as situações e para questionar os nossos pressupostos sobre a prática” (p. 31). Korthagen defende também a importância da “aprendizagem cooperativa e da co-criação do conhecimento” (p. 44). Este autor refere ainda que “o apoio dos pares é, muitas vezes, mais eficaz para promover a reflexão dos estudantes do que as tentativas dos formadores de professores” (p. 51). Por outro lado, trabalhar com um

grupo de estágio fará com que, no futuro, enquanto profissional, consiga facilmente desenvolver práticas em cooperação com outros profissionais. Também este autor refere que, para que os professores desenvolvam ainda mais o seu conhecimento especializado de forma conjunta, terão de habituar-se às formas de aprendizagem colaborativa ou cooperativa durante a formação de professores (p. 44). Desta forma, considero esta experiência muito positiva para o meu futuro profissional.

## **5. Metodologia utilizada**

A metodologia utilizada para a elaboração deste relatório baseia-se na investigação qualitativa, na medida em que, para a recolha, foi utilizada a observação participante e análise documental.

A observação participante, segundo Lucas (2006), “(...) é uma técnica não documental que se engloba no campo das metodologias de carácter qualitativo . (...) o principal instrumento de pesquisa é o investigador, num contacto directo, frequente e prolongado com os actores sociais e os seus contextos”. Como referem também Bogdan e Biklen (1994), “na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal” (p. 47). Estes autores reforçam também que “(...) os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo” (pp. 47-48). Esta observação pode ser também denominada por observação naturalista ou descritiva. Ainda de acordo com Lucas (2006), a observação participante é “(...) caracterizada pelo papel e a postura que o investigador adopta durante a observação, bem como o seu nível de participação e interacção com o que observa”. Perante os objetivos estabelecidos, “(...) o investigador terá uma postura reflexiva perante o observado, tomando notas, registando e recolhendo dados através dos instrumentos que achar convenientes no desenrolar da investigação”.

Para Afonso (2005), a observação é “(...) uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários”.

Quivy e Campenhoudt (1992) reforçam que “(...) os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social, que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (p. 196).

No que diz respeito à análise documental, considera-se que seja a grande aliada da observação. Não só é necessária para o aprofundamento de conhecimentos, como

também para dar conformidade às observações. Como referem Bogdan e Biklen (1994), “a teoria ajuda à coerência dos dados e permite ao investigador ir para além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de acontecimentos” (p. 52).

Afonso (2005) define análise documental como uma pesquisa arquivística, reforçando que esta “(...) consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação”. Assim, o investigador cinge-se “(...) a consultar a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas” (p. 88).

Galveias (2008), defende uma formação de professores centrada na análise e orientada pela investigação que:

(...) produz efeitos formativos muito positivos, reconhecidos, quer por formadores quer por formandos, no que toca à qualidade do processo formativo, às aquisições de competências técnicas de planificação dos processos de ensino-aprendizagem e de resolução de problemas e ao desenvolvimento de atitudes relevantes em relação à profissão, à educação e ao conhecimento científico sobre educação (p. 14).

Para a elaboração do Relatório de Estágio Profissional, para além de consultar obras e documentos de vários autores, consultei outros suportes e documentos, tais como: os dossiês de turma; o projeto educativo da “Escola A”; os horários; fotografias; as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, entre outros.

Este relatório foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e Azevedo (2000).

## **6. Pertinência do estágio**

O Estágio Profissional é um momento extremamente importante para a preparação da vida docente. Qualquer Estágio Profissional é uma atividade importante para a formação de profissionais, nas mais diversas áreas. Em qualquer profissão, e neste caso falando de docência, não basta aprender a teoria. A prática é essencial e o estágio é o momento onde se observam diferentes realidades, onde se praticam e experimentam métodos e onde colocamos à prova as nossas capacidades. Assim, o sucesso de um estagiário não se resume apenas aos conhecimentos teóricos que revela ter. É por este motivo que, em qualquer formação de professores, é necessário um Estágio Profissional, onde o estagiário é submetido a uma prática supervisionada, de forma a refletir e a perceber não só as suas capacidades, como também as suas fragilidades.

Pelas palavras de Guimarães e Lopes (2007) “o Estágio Curricular é um tempo destinado ao processo de ensino e de aprendizagem e utilizamos os procedimentos da

pesquisa-ação e nos orientamos pelo movimento constante entre ação-reflexão-ação que dá sentido à relação teoria e prática e vice-versa” (p. 3662). Estas autoras dão também extrema importância ao Estágio Profissional, afirmando que “a formação oferecida em sala de aula é fundamental, contudo, só ela não é suficiente para preparar os alunos para o pleno exercício da profissão docente” (p. 3662).

Para Formosinho (2009), “a Prática Pedagógica assume grande relevância na fase final do curso, assumindo a forma de estágio, isto é, de docência assistida e orientada” (p.104). Assim, este autor define Prática Pedagógica como uma “(...) componente curricular de formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (p.98). Este mesmo autor diz ainda que a Prática Pedagógica é um processo progressivo na profissionalização da docência, apontando duas fases distintas da mesma:

- (i) A Prática Pedagógica Inicial (...) inicia-se pela observação de contextos (comunitários e escolares), continua com a observação de aulas e de crianças, assume depois a forma de prática docente pontual nas turmas dos professores cooperantes”.
- (ii) “A Prática Pedagógica Final (isto é, o estágio) é a fase da prática docente acompanhada, orientada e reflectida, que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz (pp. 104-105).

Para García (1999), a formação de professores “(...) representa um encontro entre pessoas adultas, uma interacção entre formador e formando, com uma intenção de mudança, desenvolvida num contexto organizado e institucional mais ou menos delimitado” (p.22). Já Medina e Domínguez (1989), mencionados por García (1999), apresentam um contexto mais específico de formação de professores. Para estes autores, a formação de professores é a “(...) emancipação profissional do docente para realizar crítica, reflexiva e eficazmente um estilo de ensino que promova uma aprendizagem significativa nos alunos e consiga um pensamento-acção inovador, trabalhando em equipa com os colegas para desenvolver um projecto educativo comum” (p. 23).

Para que a formação de professores ganhe sentido, não basta saber ensinar. É necessário que exista uma prática e se contacte com outros profissionais, obtendo daí exemplos enriquecedores para o futuro. Floden e Buchmann (1990), citados por García (1999), referem que “(...) ser professor implica lidar com outras pessoas (professores) que trabalham em organizações (escolas) com outras pessoas (alunos) para conseguir que estas pessoas aprendam algo (se eduquem)” (pp. 23-24).

Um Estágio Profissional orientado ajuda no processo de aquisição de competências que, no futuro, me trarão a capacidade de agir de uma forma autónoma enquanto docente e responsável por um grupo de crianças. Durante o Estágio Profissional acontecem situações aproximadas às que ocorrem no exercício profissional. Sendo assim, durante este período, através da presença e orientação de docentes de supervisão pedagógica e das reuniões de avaliação, consegui preparar-me com qualidade para o meu futuro enquanto profissional. Na perspetiva de Galveias (2008), a avaliação é uma “(...) actividade ao serviço da construção do conhecimento, como uma função formativa, fulcral em qualquer processo de aprendizagem e de ensino” (p. 14). Esta autora refere também que a avaliação “(...) tem por objectivo atribuir sentido às situações, sendo influenciada pelos diversos elementos contextuais e pelos valores dos vários intervenientes no processo” (p.14).

Neste contexto, Loureiro (2000) salienta:

(...) espera-se que a formação inicial de professores possa proporcionar aos futuros professores quer os conhecimentos gerais e específicos quer os princípios psicopedagógicos e científicos necessários para que desenvolvam posteriormente de forma adequada a sua actividade profissional (p. 33).

## 7. Cronograma

No Estágio Profissional I e II, permaneci em três salas diferentes do Ensino Pré-Escolar. Primeiro estagiei na Sala do Bibe Azul B (5 anos), posteriormente no Bibe Amarelo B (3 anos) e, por fim, no Bibe Encarnado B (4 anos). Esta é a nomenclatura utilizada para os níveis de ensino da Educação Pré-Escolar em todos os centros escolares da Associação dos Jardins-escola João de Deus. Estes períodos podem ser observados no Quadro 1.

Bibe Azul B		Bibe Amarelo B		Bibe Encarnado B	
27 de setembro de 2011	16 de dezembro de 2011	2 de janeiro de 2012	23 de março de 2012	10 de abril de 2012	22 de junho de 2012

Quadro 1 – Distribuição dos três momentos de Estágio Profissional.

De seguida será apresentado o cronograma (quadro 2) onde consta o número total de horas em que as aulas foram lecionadas por mim. Neste cronograma estão presentes as aulas programadas que lecionei para as Educadoras Cooperantes; as aulas programadas para a equipa de supervisão pedagógica; as aulas surpresa da equipa de supervisão pedagógica e, por fim, a Prova Prática de Avaliação de

Capacidade Profissional. Todas as aulas estão assinaladas no respetivo mês e no Bibe em que se sucederam.

Quadro 2 – Cronograma de Estágio Profissional.

Atividades	Meses											Horas/ Minutos
	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.		
Aulas programadas (educadoras cooperantes)			11	6			6				5	3h30m
Aulas programadas (equipa de supervisão pedagógica)								27				45 min.
Aulas surpresa			28		27							50 min.
Prova Prática de Avaliação de Capacidade Profissional										22		1h45m
<b>Total de horas</b>											6h10m	

Para além das aulas e das atividades que lecionei, observei diversas aulas desenvolvidas pelas educadoras cooperantes e também pelas minhas colegas.

Em simultâneo ao Estágio Profissional, dediquei grande parte do meu tempo na elaboração do presente Relatório, executando pesquisas bibliográficas e realizando reuniões de acompanhamento com o meu orientador. Sendo assim, não é possível expressar concretamente o número total de horas utilizadas para a concretização do mesmo.

Estando o Relatório de Estágio Profissional relacionado com o ato de ensinar, considero importante salientar alguns aspetos. Segundo Loureiro (2000) ensinar tem duas funções distintas: informar, ou seja, “proporcionar os conteúdos aos alunos na situação de aprendizagem” e a relação para “facilitar a aprendizagem a um nível mais afectivo e social” (p. 36). Sendo assim, no ato de ensinar não está apenas implícito o ensino de conceitos e conteúdos. Ensinar é também desenvolver relações com as crianças com que contactamos ao longo do período de estágio. Assim, grande parte do tempo de estágio, foi também dedicado à construção de uma relação educativa. Na perspetiva de Sêco (1997) a relação educativa é “(...) uma interacção entre pessoas:

tendo por fim objectivos educacionais, implica ainda mais uma dimensão humana e não redutível ao simples fenómeno de comunicação de um saber” (p. 61)

O tempo de estágio em que assisti às várias aulas das educadoras cooperantes foi de extrema importância para a minha aprendizagem enquanto futura profissional para desenvolver os meus próprios conceitos e métodos. Como refere Loughran (2009) “a modelação requer um compromisso de envolvimento dos alunos e de partilha das perspectivas sobre todos os aspectos da pedagogia, realçando o quanto a sala de aula constitui um local de reflexão e de investigação” (p. 23). Assim, a modelação “implica a tomada de consciência de que existem muitos aspectos “visíveis” e “invisíveis” na experiência pedagógica que podem influenciar a compreensão que o aluno tem da prática” (p. 23).

Para que todo o processo de Estágio Profissional aconteça da melhor forma, é essencial que, na formação inicial, o estagiário seja orientado por professores formadores e de supervisão. Como defende Garcia (1999) “juntamente com a orientação académica, a orientação prática tem vindo a ser a abordagem mais aceite para se aprender a arte, a técnica e o ofício do ensino” (p. 39). Alarcão e Tavares (1987), citados por Galveias (2008), definem supervisão “(...) como o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (p.7). Sá-Chaves (citada por Galveias, 2008) caracteriza o processo de supervisão como “uma relação entre um formador e um elemento em formação, relação essa cuja natureza substantiva se constitui num corpo de saberes que, nessa relação, se (trans)accionam” (p. 8). Assim, no âmbito do processo de supervisão, Galveias (2008) afirma que:

(...) supervisor e formando são igualmente responsáveis na grande tarefa em que se encontram envolvidos: a de construir conhecimento profissional na interacção constante entre a teoria e a prática para poderem intervir, de forma adequada e diferenciada, como verdadeiros educadores, na aprendizagem e no desenvolvimento das escolas e dos alunos (p. 10).

# Capítulo 1- Relatos diários

Este capítulo encontra-se dividido em três secções, de acordo com os três momentos de estágio profissional. Neste capítulo serão então apresentados os relatos das observações realizadas durante o período de estágio profissional realizado no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, em Lisboa. Todos os relatos serão assinalados com a sua data respetiva. Após os relatos das observações, serão apresentadas as inferências e a sua fundamentação científica. Em cada dia de estágio, apenas são explorados os aspetos que considere mais relevantes ao longo das observações.

A primeira secção refere-se ao estágio realizado no Bibe Azul B, ou seja, na faixa etária dos 5 anos. A segunda secção diz respeito ao estágio realizado no Bibe Amarelo B, ou seja, na faixa etária dos 3 anos e, por fim, a terceira secção diz respeito ao estágio realizado no Bibe Encarnado B, ou seja, na faixa etária dos 4 anos. Por fim, a quarta secção é referente à semana de contacto com a realidade educativa, realizada na Creche Saídos das Casca, com crianças de dois anos.

Em cada secção será ainda realizado um enquadramento teórico que se encontrará antes dos relatos diários. Este enquadramento consiste numa caracterização da turma, do espaço, das rotinas e do horário.

Visto que o meu relatório de estágio incide somente no ensino Pré-Escolar, considero pertinente contextualizar a mesma numa breve exposição.

### **Educação Pré-Escolar**

A Educação Pré-Escolar é uma etapa educacional essencial para um bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de cada criança. Quanto mais cedo a criança entra em contacto com o meio escolar e com as várias áreas de aprendizagem, mais cedo a criança compreenderá o mundo que a rodeia. A criança adquire assim um nível de literacia, de forma a tornar-se um bom cidadão para a sociedade onde está inserida.

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, refere que:

a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (p.670).

Segundo a mesma lei, no artigo 3.º, “a educação pré-escolar destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico e é ministrada em estabelecimentos de educação pré-escolar” (p. 670).

Zabalza (1998) refere que a educação infantil “se trata daquele conjunto de intervenções educativas, realizadas na escola com crianças dos 0 aos 6 anos” (p. 9). Este autor revela ainda que “a educação infantil está constituída por um conjunto de factores e agentes que intervêm coordenadamente na, e a partir da, instituição escolar para conseguir certos efeitos educativos” (p. 9).

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, menciona, no seu artigo 10.º, os objetivos da Educação Pré-Escolar, sendo estes:

- a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida
- b) democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- c) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- d) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- e) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- f) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- g) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- h) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- i) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- j) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade (pp. 171-172).

Papalia, Olds e Feldman (2001) apontam os principais desenvolvimentos das crianças em idade pré-escolar, sendo estes:

- (i) o crescimento é estável; a aparência torna-se mais delgada e as proporções do corpo mais semelhantes às do adulto;
- (ii) o apetite diminui e problemas de sono são frequentes;
- (iii) surge a lateralidade; as competências motoras finas e grossas e a força progridem;
- (iv) o pensamento é algo egocêntrico, mas a compreensão pela perspectiva dos outros aumenta;
- (v) a imaturidade cognitiva conduz algumas ideias ilógicas acerca do mundo;
- (vi) “a memória e a linguagem progridem;
- (vii) a experiência em contextos de educação pré-escolar é frequente;
- (viii) o auto-conceito e a compreensão das emoções tornam-se mais complexos; a auto-estima é global;
- (ix) a identidade de género desenvolve-se;
- (x) o jogo torna-se mais imaginativo, mais

elaborado e mais social; (xi) aumento da independência, iniciativa, auto-conceito e higiene; (xii) o altruísmo, a agressão e os medos são frequentes; (xiii) a família continua a ser o centro da vida social, mas as outras crianças tornam-se mais importantes (p. 10).

Nos dias de hoje, o jardim-de-infância é o local onde as crianças passam a maior parte do seu dia. Sendo assim, é o local onde as crianças mais novas têm as maiores experiências de aprendizagem e desenvolvem as suas características a nível pessoal e social. Por isso, é importante que estes locais ofereçam um ambiente de qualidade, para que estas possam desenvolver atividades adaptadas aos seus interesses e capacidades. Papalia, Olds e Feldman (2001) defendem que “um bom jardim de infância fornece experiências que levam as crianças a aprender, fazendo” (p.341). Estes locais devem então estimular os sentidos das crianças através de várias áreas de aprendizagem, principalmente através da área da Expressão e Comunicação. É através da contagem de histórias, do jogo dramático, da conversação e das atividades escritas, que as crianças são auxiliadas a desenvolver as competências de pré-literacia. É também necessário que as crianças sejam encorajadas a falar, observar, criar e resolver problemas.

Desta forma, é visível a importância da educação pré-escolar para o desenvolvimento das crianças antes da sua entrada no ensino básico.

## **1. Primeira secção: Bibe Azul B**

**Período de estágio:** 27 de setembro a 16 de dezembro de 2011

### **1.1. Caracterização da turma**

A turma do Bibe Azul B é composta por vinte e seis crianças, das quais dezasseis são do sexo masculino e dez são do sexo feminino. Esta turma é relativamente homogénea em termos de idade, está bem integrada na dinâmica da Escola e mostra ter motivação e interesse por participar nas atividades e aprendizagens propostas.

Segundo as informações disponibilizadas pela educadora, a nível cognitivo, os elementos do grupo não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento. No entanto, existem algumas crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas nos níveis de raciocínio lógico, de psicomotricidade e de socialização. Existem assim quatro crianças que revelam dificuldades de concentração

e, por consequência, de aprendizagem. Estas dificuldades incidem sobre a alimentação, a autonomia, a motricidade fina e a resolução de problemas que envolvam o cálculo. Por outro lado, há crianças com grande capacidade criativa, de memorização e de associação de ideias. Para além dos casos de dificuldade de concentração e aprendizagem, salienta-se uma criança que demonstra dificuldades a nível do desenvolvimento motor específico e no que concerne à grafomotricidade.

A nível afetivo, o grupo não revela grandes problemas de relacionamento, havendo grupos de interesse em partilhar brincadeiras e conversas. Há alunos mais extrovertidos e comunicativos e outros que só comunicam se lhes for solicitado.

## **1.2. Caracterização do espaço**

A sala de aula é o local onde as crianças se encontram na maior parte do tempo escolar. Como menciona Cordeiro (2010) “a sala de aula é um bom local para a aprendizagem do «saber estar» (...) de cumprimento de regras e de gestão do espaço e do relacionamento entre o espaço, as «coisas» e objectos e, claro está, a própria pessoa e o próprio corpo” (p.365). Sendo assim, e como refere Arends (1995) “a maneira como o espaço é gerido tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos” (p.85). Deste modo, e dentro das possibilidades existentes, cabe ao professor gerir o espaço da sala de aula, de acordo com as atividades que pretende realizar. Como afirma também Cordeiro (2010), “a sala de aula tem de ser dinâmica, em constante capacidade de mudança, porque tem de atender às necessidades das crianças e às actividades desenvolvidas em cada momento” (p.365).

A sala do Bibe Azul B localiza-se numa das laterais do salão do Bibe Encarnado e a sua entrada está localizada do lado direito da porta principal do Jardim-Escola.

As três janelas da mesma estão voltadas para a parte exterior da entrada do Jardim-Escola, o que permite a entrada de uma boa luz natural. Esta sala é pouco espaçosa e está em grande parte ocupada com mesas. Esta sala tem assim catorze mesas, de dois lugares cada uma, todas de forma retangular e organizadas por duas filas ao longo da sala. Esta disposição varia em relação aos conteúdos, às atividades e à interação das crianças com os materiais da sala. Na frente da sala existem dois quadros de ardósia e uma mesa onde está a Cartilha Maternal. Nesta sala encontram-se também móveis diversos onde estão guardados os dossiers e capas dos alunos, jogos e materiais de trabalho (papel, lápis, tesouras, etc.). Num dos cantos da sala

encontra-se uma área onde se encontram vários livros, denominado por “cantinho da leitura”.

Para além do mobiliário, existem também na sala vários expositores de cortiça onde a educadora expõe os trabalhos realizados pelos alunos e as datas de aniversário dos mesmos. Encontram-se ainda outros trabalhos pendurados com uma espécie de “estendal” num dos lados da sala. Por baixos dos expositores de cortiça existe uma área preenchida por cabides, onde as crianças colocam os seus pertences.



Figura 1 – Sala do Bibe Azul B

### 1.3. Rotinas

Segundo Spodek e Saracho (1998) “uma rotina diária determina horários para as atividades de cada dia. As crianças aprendem a antecipar eventos futuros através de regularidade das ocorrências diárias” (p.136). Hohmann e Weikart (1997) referem que uma rotina diária consistente, não só ajuda as crianças a sentirem-se seguras, como as certifica, ao fazerem a transição de uma parte da rotina para a seguinte” (p. 443).

Todos os dias, o acolhimento das crianças é feito no salão. Às 9h da manhã, todos os docentes do nível Pré-Escolar se reúnem no salão para fazer a roda com todas as crianças dos Bibes Amarelo, Encarnado e Azul, por esta mesma disposição. O Bibe Azul permanece na roda durante cerca de 15 minutos e os restantes bibes permanecem nela até às 9h30m. Durante este período de tempo, as crianças cantam e dançam explorando sons e gestos, aprendendo novas canções ao longo do tempo. Como referem Hohmann e Weikart (1997) “as crianças de idade pré-escolar gostam de cantar melodias de todo o tipo, sejam canções de embalar, tradicionais ou populares, ou associadas com festividades e celebrações” (p. 669). Cantar “liga-as ao mundo dos adultos” (p. 669). A roda constitui também uma boa forma de acolher as crianças, de modo a que estas se sintam bem e felizes por chegar à escola. Como

menciona Cordeiro (2010), é fundamental que o ambiente de acolhimento seja “calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola” (p.371). É também uma forma de promover a socialização. Após a roda, a educadora leva as crianças à casa de banho e, de seguida, vão para a sala de aula.

As atividades da primeira parte da manhã baseavam-se em atividades do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Nesta faixa etária, os alunos dos Jardins-Escolas começam a aprender a ler. Segundo Lopes (2006) “a leitura possibilita o desenvolvimento do raciocínio, do sentido crítico, forma o gosto, dá asas à imaginação e abre as portas da inteligência e da sensibilidade, contribuindo para a formação integral do indivíduo” (p. 66).

Normalmente, a educadora organizava grupos de crianças que ia chamando para dar a lição de leitura através do método criado por João de Deus, utilizando um grande livro denominado por Cartilha Maternal. As restantes crianças permaneciam nos seus lugares e realizavam fichas de trabalho de escrita.

Nos Jardins-Escola João de Deus, na faixa etária dos 5 anos, é dada muita importância à aprendizagem da leitura e da escrita através do Método João de Deus. Segundo Ruivo (2009), “nos Jardins Escolas as educadoras desenvolvem as competências linguísticas das crianças porque estão sensibilizadas para a importância da linguagem no desenvolvimento humano” (119). No que concerne à Cartilha Maternal, como menciona Ruivo (2009):

é a este suporte de apoio que as crianças se dirigem diariamente e em diálogo vivo com a educadora aprendem a sua lição. Lição curta e diária que a criança vivencia em pequenos grupos e num espaço de tempo reduzido mas o suficiente para a aprendizagem da regra, da letra, do som que lhe permite ir crescendo em conhecimento, que associando a outros anteriores a fazem consolidar a aprendizagem da lição (p.119).

O Método João de Deus caracteriza-se por algumas linhas de força. No Guia Prático da Cartilha Maternal (1997), estão descritas algumas das linhas de força que caracterizam este método, sendo estas:

o bom uso do ponteiro para dar ritmo à leitura; apresentar uma letra por dia; a lição deve ser curta e dada todos os dias; apresentação criteriosa do alfabeto; uso de mnemónicas nos nomes das consoantes incertas; utilizar numa frase a palavra lida; respeitar o ritmo individual de cada criança... (pp.92-93)

Na segunda parte da manhã, a educadora apresentava às crianças atividades de Domínio da Matemática e da Área do Conhecimento do Mundo.

#### **1.4. Horário**

Durante a manhã, as crianças realizavam também outras atividades no âmbito do Domínio da Matemática e da Área do Conhecimento do Mundo. Para além destes domínios eram também realizadas atividades nos domínios da Expressão Musical e Expressão Físico-Motora. Às 10h30m as crianças faziam um intervalo para lanchar e brincar no recreio. Depois do almoço as crianças faziam novamente um intervalo, mas com um maior espaço de tempo, onde brincavam livremente no recreio, se o estado meteorológico assim o permitisse. Depois do recreio, as crianças voltavam para a sala onde realizavam outras atividades no âmbito do Domínio da Expressão Plástica, do Inglês, dramatizações, entre outras. À sexta-feira à tarde era realizada a assembleia de turma, onde as crianças dialogavam sobre o seu comportamento e atividades durante a semana. O quadro com o horário da turma está presente no **anexo A**.

#### **1.5. Relatos diários**

##### **segunda-feira, 26 de setembro de 2011**

O primeiro dia de estágio, começou com uma reunião com a equipa de supervisão que se realizou no Museu João de Deus. Nesta reunião foram esclarecidas algumas dúvidas e foi-nos entregue o regulamento relativo ao ano letivo 2011/2012. Neste encontro, foram também organizados os grupos de estágio e distribuídos os mesmos pelos Jardim-escola. Foram-nos ainda dadas informações no que diz respeito ao relatório de estágio profissional.

##### **terça-feira, 27 de setembro de 2011**

Os alunos começaram por realizar uma ficha de trabalho de escrita sobre a letra «e». No final da ficha, picotaram a letra e colaram-na na respetiva ficha. Enquanto isso, a educadora, eu e as minhas colegas estivemos com alguns alunos, individualmente, a fazer a leitura de palavras através de um flanelógrafo e de letras móveis.

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática em que foi utilizado o Geoplano. Antes de iniciar a atividade, ela colocou algumas questões sobre o material. Pediu que construíssem um quadrado com quatro pregos e, a partir desse quadrado, construíram uma casa completando com o telhado, as janelas, a porta e a chaminé. Depois construíram uma árvore ao seu gosto e a educadora colocou uma situação

problemática. Por fim, construíram um baloiço livremente. Ao longo da atividade, algumas crianças foram projetando as suas construções através do retroprojektor.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A ficha de escrita que os alunos realizaram foi interessante, principalmente porque, no final, as crianças picotaram a letra (impressa num papel colorido) e colaram-na na ficha. Depois de aprendida uma letra, segundo o Método João de Deus, a criança deverá realizar no seu lugar atividades de consolidação. Ruivo (2009) apresenta várias atividades possíveis como: moldar a letra com plasticina ou massa de cor; picotar a letra; rasgar papelinhos de cor e preencher uma letra grande fornecida pela professora; etc. (p.153). Para além das lições da Cartilha Maternal, as crianças devem realizar outros exercícios de leitura, através de materiais e estratégias diversas. Uma das estratégias possíveis é a leitura de palavras, utilizando o flanelógrafo e letras móveis. Segundo Ruivo (2009) “devemos ler preparando bem a leitura, usando o flanelógrafo para fazer exercícios de consolidação. Por exemplo escrever com letras móveis a palavra lida” (p.158).

O Geoplano é um material manipulativo estruturado que proporciona o reconhecimento e a exploração de formas geométricas. Segundo Damas, Oliveira e Nunes (2010) o Geoplano é um material “constituído por tabuleiros e pregos (pinos), com uma determinada posição, de modo a que se possam prender elásticos, de cores variadas, o que torna o material não só mais aliciante como também proporciona uma maior objectividade dos conteúdos programáticos” (p.87). Para estes autores, “este material oferece um apoio na representação mental de figuras geométricas permitindo “fazer” e “desfazer”, com facilidade, figuras e observá-las em várias posições” (p.87). Para Alsina (2004), “o geoplano é um recurso muito útil, sobretudo para analisar figuras geométricas e trabalhar vários aspetos como: “(...) as propriedades de cada figura; as relações que se estabelecem entre as diferentes figuras; as relações espaciais, usando sobretudo sistemas de coordenadas; a aplicação de algumas transformações; etc.” (p.70).

A projeção das construções realizadas pelas crianças é uma forma eficaz e rápida de certificar se os alunos tinham realizado os exercícios propostos de forma correta. É também uma boa estratégia para que os alunos se autocorrijam.

### **sexta-feira, 30 de setembro de 2011**

A educadora deu uma aula de Conhecimento de Mundo, cujo tema foi as emoções. Para tal, utilizou a “caixa das emoções”. As crianças ficaram sentadas no

chão em semi-círculo. A educadora mostrou várias imagens com uma criança a expressar um sentimento e todos foram dizendo situações em que se sentiam daquela forma. Depois fez um jogo em que mostrava uma imagem e lia o texto e os alunos iam colocar os cartões na caixa do sentimento respectivo. Por fim, dois dos alunos escolheram uma máscara e contaram uma experiência sua, em que sentiram o sentimento expresso na mesma.

De seguida, as crianças dirigiram-se ao ginásio para a aula de Educação Física.

Seguiu-se a aula de Domínio da Matemática, em que a educadora utilizou palhinhas, um quadro com a paisagem de uma floresta e imagens de animais. Começou por recordar a história “A ovelha Carlota” em que a personagem foi o mote para a aula. Fez uma revisão dos diversos tipos de conjuntos e colocou situações problemáticas envolvendo a noção de par, dezena e meia dezena. Como auxílio, fizeram as contagens com as palhinhas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O tema das emoções é muito importante para ser trabalhado pois as crianças têm de compreender os seus sentimentos e saber expressá-los da melhor forma. Segundo Spodek e Saracho (1998):

as crianças podem ser ajudadas a explorar seus autoconceitos, a lidar com sentimentos em relação a elas mesmas e aos outros e a desenvolver formas apropriadas de se expressarem e interagirem com os outros. Estes objetivos podem ser alcançados através de discussões, dramatizações, histórias e outras técnicas nas quais as crianças sejam estimuladas a expressarem seus sentimentos ou preocupações para o professor, sozinhas ou em grupo (p.326).

O material utilizado e a estratégia utilizada pela educadora é uma excelente forma de abordar este tema pois, ao ver as imagens, as crianças conseguem identificar o sentimento em questão e fazem a comparação com as suas próprias emoções.

A aula de Ginástica é uma atividade de grande importância para o desenvolvimento psicomotor da criança. Assim, como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) de acordo com o desenvolvimento motor de cada criança, “(...) a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo” (p. 58).

## **segunda-feira, 3 de outubro de 2011**

Esta manhã começou com um diálogo sobre o fim-de-semana das crianças. A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática utilizando os Calculadores Multibásicos. Começou por fazer alguns exercícios de lateralidade para trabalhar a esquerda e a direita. Começou então por relembrar em que consiste o material e rever as regras para utilizá-lo. Jogaram ao jogo das bases e, no fim, pediu a alguns alunos que lessem a placa do resultado por cores. Depois de cada aluno ter arrumado o material, distribuiu uma ficha em que tinham de pintar corretamente as peças dos Calculadores Multibásicos.

Seguiu-se uma aula de Iniciação Musical onde as crianças cantaram algumas canções e identificaram a pauta e as notas musicais.

Nos últimos minutos da manhã os alunos terminaram as suas fichas e organizaram os seus cadernos. Enquanto isso, eu e as minhas colegas fizemos a revisão com alguns alunos, individualmente, da 1ª e da 2ª lição da Cartilha Maternal, utilizando o flanelógrafo e as letras móveis.

Durante o recreio, eu e as minhas colegas organizámos uma atividade que a educadora nos solicitou, que consistiu num trabalho de expressão plástica referente ao outono, para decorar da sala de aula.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Os exercícios corporais devem ser reforçados nesta etapa para que as crianças desenvolvam capacidades psicomotoras. A educadora, ao pedir que levantassem o braço ou a mão, o esquerdo e o direito, está também a desenvolver o esquema corporal da criança. Como menciona Zabalza (1998):

a ideia geral subjacente ao desenvolvimento psicomotor da criança, na perspectiva da integração funcional do seu esquema corporal, é facilitar a passagem da tensão corporal espontânea e indiferenciada, que caracteriza os seus primeiros momentos evolutivos, para a fase da acção voluntária e eficaz: que seja capaz de fazer, e fazê-lo cada vez melhor, aquilo que deseja fazer (p. 33).

Os Calculadores Multibásicos, segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva. (2010) são um material matemático estruturado “composto por placas com cinco orifícios onde são colocadas peças de cores diferentes. Em cada orifício só é possível colocar peças de uma só cor” (p.40). O Jogo das Bases é um dos jogos possíveis a realizar com este material, com o fim de ensinar às crianças a base do nosso sistema de numeração – a base decimal. Como refere Caldeira (2009), “para facilitar a contagem de objectos é comum agrupá-los. Ao estabelecer o número de objectos que devem

constituir cada agrupamento estamos a definir uma base” (p.201). Até chegar à Base 10, são realizados vários exercícios em bases inferiores, em que as crianças agrupam peças de acordo com a base estabelecida.

A aula de Iniciação Musical insere-se no Domínio da Expressão Musical que, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “(...) assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir” (p. 63). De acordo com estas Orientações, “a expressão musical está intimamente relacionada com a educação musical que se desenvolve, na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar” (p. 64).

Relativamente ao trabalho que eu e as minhas colegas iniciámos, considero ser importante realizar adornos temáticos para decorar a sala de aula. De acordo com Jensen (2002), embora “as salas muito centradas na decoração tenham um valor de enriquecimento discutível, elas servem outros objectivos valiosos. Podem ser uma fonte de inspiração, afirmação e conteúdo. Podem ajudar os alunos a sentirem-se seguros, confortáveis e a acompanharem a aprendizagem” (p.65). Uma sala de aula com uma decoração apropriada estimula o desejo das crianças em estar neste espaço.

### **terça-feira, 4 de outubro de 2011**

Neste dia, a educadora não pôde comparecer durante grande parte da manhã. Assim, eu e as minhas colegas encarregámo-nos das atividades que foram propostas e orientadas pela educadora do Bibe Azul A.

Começámos por fazer uma revisão das primeiras lições da Cartilha Maternal, individualmente com alguns alunos, utilizando o flanelógrafo e as letras móveis. Enquanto isso, os alunos realizaram também duas fichas de trabalho que consistiam em completar um desenho e colorir.

Fizemos também uma atividade de dobragem. Os alunos fizeram a dobragem da tília em papel colorido, colaram-na numa folha branca e desenharam o caule da flor, completando ainda a folha com o desenho que quisessem.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A dobragem de papel para construir figuras, também designada por origami, é uma das muitas atividades na área da expressão plástica, que deve ser desenvolvida com as crianças. Segundo Robinson (2006) “o origami – ou a arte de dobragem do papel – permite-nos ver o próprio papel como um meio para a expressão artística”

(p.6). Para além disso, é uma atividade muito apreciada pelas crianças e também pelos adultos. Como refere este autor, “o origami é hoje em dia uma actividade globalizada, apreciada por pessoas de todas as idades e ambos os sexos” (p.6). A dobragem, assim como todas as outras atividades de expressão plástica, desenvolvem capacidades motoras, como é o caso da motricidade fina. Como é mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão” (p. 61). Assim, através de um simples pedaço de papel e do uso das suas próprias mãos, a criança produz pequenas obras de arte, desenvolvendo ainda a motricidade fina.

Mais uma vez, ressalvo aqui a importância do uso de estratégias diversas e lúdicas para a aprendizagem da leitura. Ruivo (2009) menciona que:

o acto de ler é complexo e mobiliza uma infinidade de capacidades, logo a aprendizagem da leitura não deve ser encarada como um simples aquisição de mecanismos e regras, mas antes uma actividade criativa e formativa que favoreça o desenvolvimento integral da criança, estimulando as suas capacidades metacognitivas (p. 131).

Desta forma, a utilização de letras móveis constitui uma das estratégias possíveis para tornar criativa a aprendizagem da leitura.

#### **sexta-feira, 7 de outubro de 2011**

Neste dia, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, em que utilizou o material *Cuisenaire*. Falou sobre o material e explicou a razão do seu nome e da sua origem. Posto isto, começou por fazer exercícios de correspondência entre os valores e as cores das peças. Assim, trabalhou também as noções de maior e menor, metade e dobro. Depois, realizou um exercício em que colocou três peças num saco e a criança tinha de tirar uma peça e identifica-la com os olhos fechados. Realizaram ainda o jogo dos comboios e estações. No fim, a educadora desenhou uma flor no quadro com o algarismo 7 no centro e nas pétalas foi colocando os valores das peças dos comboios que os alunos descobriram. Por fim, construíram a escada crescente e cada um realizou livremente algumas construções.

Mais tarde, eu, as minhas colegas e a educadora, fizemos a dramatização do conto tradicional “O coelhinho branco”, utilizando fantoches.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O Cuisenaire é um outro material matemático estruturado “composto por uma série de barras (regretas) paralelepípedicas, de tamanhos e cores diferentes simbolizando, cada uma, os números naturais de 1 até 10” (Damas et al., 2010, p. 65). O jogo de reconhecimento das dimensões das peças com os olhos vendados foi importante. Como refere Caldeira (2009) este jogos “constam essencialmente em levar a criança a reconhecer através do tacto (sem ver) as peças que tem na mão, atrás das costas ou dentro de um saquinho” (p. 131). Deste modo, este jogo “permite desenvolver a classificação e a seriação”.

O complemento que a educadora fez no quadro ao jogo dos comboios foi uma estratégia interessante, em que os alunos identificaram as várias possibilidades de obter uma quantidade e verificaram a propriedade comutativa da adição através de um raciocínio simples e adequado. Damas et al (2010) mencionam a decomposição de números como um exercício que “permite que os alunos descubram que o mesmo número poderá ser representado de diversas maneiras. Nestas decomposições estão implícitas as propriedades comutativa e associativa da adição” (p. 66).

A dramatização do conto tradicional o “Coelhinho Branco” foi uma atividade importante, principalmente pela utilização de fantoches. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “o domínio da expressão dramática será ainda trabalhado através da utilização de fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p. 60). Pereira e Lopes (2007) referem que “o educador e o animador podem e devem utilizar os fantoches como proposta educativa interdisciplinar e ainda como tecnologia educativa ao serviço das diferentes áreas do saber” (p. 44). O fantoche é assim um dos muitos recursos possíveis para contar uma história.

### **segunda-feira, 10 de outubro de 2011**

Este dia começou com a reunião de Assembleia de Turma, que não tinha sido realizada na sexta-feira passada. A turma elegeu os três chefes da semana, através de votação, em que tiveram de justificar as suas escolhas, apontando aspetos positivos e negativos dos colegas em questão.

A educadora deu lição na Cartilha Maternal a alguns grupos enquanto os restantes alunos realizaram duas fichas de escrita. Eu e a minha colega estivemos com alguns alunos, individualmente, a rever algumas letras utilizando o flanelógrafo e as letras móveis.

A educadora deu ainda uma aula de Domínio da Matemática utilizando as palhinhas, os algarismos móveis e as linhas fronteiras. Em cada mesa um menino trabalhou só com as palhinhas e o outro apenas com os algarismos. A educadora começou por rever o conjunto singular e o conjunto vazio e fez um exercício para trabalhar a simbologia de maior e menor. No segundo exercício, os alunos fizeram uma adição, em que a educadora utilizou uma pandeireta para indicar a quantidade de palhinhas que as crianças tinham de tirar. Um aluno fez a operação no quadro e os restantes realizaram-na no lugar.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A assembleia de turma é uma reunião onde as crianças discutem vários assuntos e acontecimentos da semana. Normalmente, é realizada à sexta-feira. Para Glasser, citado por Arends (1995, p. 209), na assembleia de turma os professores e os alunos discutem e encontram situações cooperativas para os problemas pessoais e comportamentais e onde os alunos aprendem a assumir a responsabilidade pelo seu comportamento e pelo seu desenvolvimento pessoal e social. Segundo Sanches (2001) nas assembleias de turma podem-se “(...) debater tanto questões de ordem pessoal, comportamental ou de ordem pedagógica” (p. 66). Este é um momento importante, pois aqui as crianças têm a oportunidade de relatar as suas experiências e de dar a sua opinião sobre acontecimentos dentro ou fora da sala de aula. Como defende o mesmo autor:

pôr os alunos a debater os problemas, a confrontá-los com o seu quotidiano, tendo eles próprios de analisar as questões, sugerir estratégias de intervenção, realizar os compromissos assumidos e avaliar os resultados é uma forma de eles aprenderem a assumir a responsabilidade pelo seu comportamento e pelo seu desenvolvimento pessoal e social” (p. 66).

A educadora ouviu todas as crianças deixando que todas mostrassem o seu desejo de comunicar. A capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo de modo a dar espaço a que cada um fale, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2009, pp. 66-67).

No Domínio da Matemática, a utilização de palhinhas é muito importante pois, como refere Caldeira (2009), estas “funcionam como um suporte à contagem” (p.317). Desta forma, este material é importante para auxiliar as crianças, que estão ainda a estruturar a capacidade do cálculo mental. Caldeira (2009) aponta, assim, as palhinhas como um material alternativo industrializado que deve ser utilizado em atividades matemáticas. Este material pode ser trabalhado a par com um instrumento

musical. Como refere a mesma autora, “ao som dum instrumento musical, (ferrinhos, pandeireta, etc.) as crianças vão tirando as palhinhas, ou ouvem os batimentos, tirando depois o número de palhinhas correspondente” (p. 317).

### **terça-feira, 11 de outubro de 2011**

A educadora colocou os alunos numa disposição diferente e leu a história “Mas que barulheira”. Depois colocou algumas questões sobre a mesma, fizeram os sons dos animais e identificaram os sons fortes e os fracos. Trabalharam também a rima, em que as crianças disseram palavras que rimavam com galinha. Posto isto, as crianças perceberam que o ruído perturba a nossa audição.

De seguida, a educadora deu uma lição de Cartilha Maternal a alguns alunos e eu e as minhas colegas fizemos a revisão de lições anteriores e ajudámos algumas crianças a escrever a letra “v” no quadro.

Seguiu-se a aula da Área do Conhecimento do Mundo sobre a audição, que foi introduzida na história anterior. A educadora projetou um vídeo, que mostrava o interior do ouvido e o processo da chegada do som ao nosso cérebro. De seguida, alertou as crianças para a importância de uma boa higiene dos ouvidos. Explicou ainda que existem pessoas surdas e que comunicam através de língua gestual. Depois a educadora colocou alguns sons para os alunos ouvirem e identificarem. Por fim, mostrou vários instrumentos musicais, tocou-os e colocou questões sobre a intensidade dos seus sons. Por fim, realizou uma atividade em que um menino vendou os olhos e outro tocou dois instrumentos, para que o colega associasse o som aos instrumentos tocados.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A história lida no início da manhã foi bastante pertinente para introduzir o sentido da audição. Assim, a educadora conseguiu obter interdisciplinaridade ligando a Área da Expressão e Comunicação à Área do Conhecimento do Mundo. Como é referido também nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “todas as áreas de conteúdo constituem, de certo modo, formas de conhecimento do mundo. Assim, a área da Expressão e Comunicação (...) contribui para compreender melhor o mundo e dispor de meios para o representar e lhe dar sentido” (p. 79).

A aula sobre a audição insere-se na área das Ciências que, na educação pré-escolar, se insere na Área do Conhecimento. Esta área é definida nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) onde é referido que esta “(...) deverá permitir o contacto com a atitude e metodologia própria das ciências e fomentar nas

crianças uma atitude científica e experimental” (p. 82). O tema desenvolvido na Área do Conhecimento do Mundo, resultou numa aula de Ciências muito interessante. Desenvolver uma educação em Ciências é muito importante na educação Pré-Escolar. Martins et al. (2007) aponta várias razões para o ensino das Ciências neste nível de escolaridade:

- As crianças gostam de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no dia dia-a-dia;
- A educação em ciências contribui para uma imagem positiva e reflectida acerca da ciência;
- Uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde, no ensino básico.
- A utilização de uma linguagem cientificamente adequada com crianças pequenas pode influenciar o desenvolvimento de conceitos científicos;
- As crianças são capazes de compreender alguns conceitos científicos elementares e pensar cientificamente;
- A educação em ciências favorece o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente.

(pp. 12-13)

A atividade final foi estimulante para as crianças. Zabalza (1998) defende que devem ser realizadas várias atividades para explorar o som. Assim, “os sons podem ser reconhecidos, escutados, seguidos, localizados no espaço, adaptados ao seu ritmo, descritos, comparados, etc.” (p. 208). Segundo Lopes (2006) os jogos de ouvir “são entidades estruturantes de realizações intelectuais, emocionais e sociais de incontornável importância para o desenvolvimento humano” (p. 29). De uma forma divertida e lúdica realizaram um exercício importante para o desenvolvimento da memória auditiva. Foi também importante que a educadora tenha referido que existem pessoas com falta de audição, alertando para a diferença.

#### **sexta-feira, 14 de outubro de 2011**

A educadora começou por dar uma aula na Área do Conhecimento do Mundo, cujo tema foi o sentido do paladar ou gosto. Começou por relembrar o sentido do olfato e, de seguida, explicou que o paladar se sente através da boca, mais propriamente através da língua. Para demonstrar utilizou uns lábios feitos em cartolina e uma língua em 3 dimensões, explicando a função da língua e das papilas gustativas e demonstrando que na língua existem várias zonas, responsáveis por sentir um sabor. Dito isto, realizou uma atividade em que os alunos degustaram vários alimentos (açúcar, sal, limão e café em pó). De seguida, algumas crianças, de olhos vendados, tinham de provar os alimentos anteriores tentando adivinhá-los através do seu paladar. No final, realizaram uma ficha de trabalho sobre o tema.

No final da manhã, as crianças foram à feira do livro que se estava a realizar no ginásio do Jardim-Escola em que a educadora, eu e as minhas colegas lemos lengalengas, trava-línguas e adivinhas. As crianças tiveram ainda a oportunidade de ver os livros expostos.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A atividade de degustação é extremamente importante para que as crianças relacionem a informação apresentada à realidade, ou seja, para que possam comprovar o que lhes foi transmitido. Como defende Zabalza (1998), as atividades sensoriais devem ser praticadas de forma diversificada. Caso não seja possível praticar na cantina, o professor deve “(...) dispor de objectos (frutas, coisas comestíveis) que as crianças possam distinguir pelo gosto: insonso, salgado, saboroso” (p. 209). Ao realizar também este exercício de olhos vendados, as crianças conseguem ter uma maior concentração na tarefa e desenvolvem este sentido.

Quanto à feira do livro, penso que é uma atividade importante, devendo ser realizada pela escola sempre que possível. Gomes (1996) defende que as feiras do livro devem ser realizadas “(...) pelo menos duas vezes em cada ano lectivo” pois “(...) constituem excelentes pretextos para acções de sensibilização dos pais para a importância do livro e da leitura na formação dos seus educandos” (pp. 24-25). Desta forma, para além de as crianças terem um maior contacto com os livros, o que nem sempre acontece por diversas razões, também os encarregados de educação as podem visitar. Assim, são sensibilizados para a importância da leitura no âmbito de os seus filhos se tornarem futuros leitores. As crianças tiveram assim a oportunidade de observar e tocar nos livros e também de ouvir, neste caso, lengalengas e adivinhas.

### **segunda-feira, 17 de outubro de 2011**

Antes de começar as atividades, a educadora conversou com as crianças sobre os trabalhos que fizeram na semana anterior e que tinha corrigido em casa. Depois, realizaram uma ficha de trabalho de escrita para consolidar a letra “v”. Enquanto isso, a educadora deu uma lição de Cartilha e eu e a minha colega fizemos a revisão de lições anteriores, individualmente com alguns alunos.

Mais tarde, a educadora leu a história “Todos no sofá” de Luísa Ducla Soares. No final da história pediu aos alunos que dissessem todos os animais que entravam na história e registou-os no quadro.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Ao conversar com as crianças sobre os seus resultados, a educadora está a incentivá-las e a motivá-las, reforçando o seu esforço e empenho. Para Arends (1995) a motivação “(...) é uma das forças importantes que orientam as acções dos alunos” (p. 122). Desta forma, os alunos desejam, ainda mais, obter sucesso nas tarefas que lhes são propostas, pois “o desejo de sucesso é evidente quando os alunos se esforçam para aprender um determinado assunto ou quando se empenham em atingir os objectivos de um professor” (p. 122). Como refere também Sanches (2001) se o professor estiver atento aos pequenos sucessos dos alunos “(...) e introduzir reforços positivos, oportunamente, é meio caminho andado para obter o sucesso dos alunos” (p. 58).

O trabalho de escrita realizado pelas crianças foi importante. Depois da aprendizagem de uma letra em que a criança interioriza que essa mesma letra representa um som, é importante que esta aprenda a representar o grafema na escrita para assim conseguir gradualmente dominar o código alfabético. Sim-Sim (2006) refere que “dominar o código alfabético significa ter aprendido que cada som da língua possui uma representação gráfica” (p. 72). Silva (2001), citado por Sim-Sim (2006), salienta que a profunda relação entre o oral e o escrito “faz com que a sensibilidade infantil à estrutura sonora das palavras desempenhe um papel importante na aquisição da leitura” (p. 72).

A revisão de lições da Cartilha Maternal, no geral, é feita individualmente. Cada criança é diferente da outra e, por isso, as dificuldades de cada uma são diferentes. Zabalza (1998) aponta a idiosincrasia como um aspeto importante do desenvolvimento biológico da criança, afirmando que “cada criança tem uma carga genética própria e particular que necessita de estímulos ambientais apropriados para que o seu desenvolvimento seja óptimo” (p. 30). O apoio individual permite assim o respeito pelo ritmo individual de cada criança em que estímulos vão de acordo com as necessidades de cada um.

### **terça-feira, 18 de outubro de 2011**

As crianças começaram por realizar uma ficha de grafismos para trabalhar a noção de horizontal e vertical. A educadora deu uma lição de Cartilha Maternal a alguns alunos, e depois solicitou à minha colega que desse uma lição.

Mais tarde a educadora deu uma aula Domínio da Matemática e utilizou o Tangram. Começou por relembrar a lenda sobre o aparecimento deste material e perguntou por quantas peças é formado e quais as suas formas. Fizeram a construção

do quadrado e, a partir dela, a construção do barco. A partir do barco, a educadora pediu que construíssem um baú do tesouro, que estava escondido numa ilha. Depois de as crianças arrumarem o material, realizaram uma ficha em que tinham de picotar as peças do Tangram e, com elas, fazer a figura de um gato e colar na ficha.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A realização de grafismos é uma atividade que desenvolve habilidades gráficas nas crianças. Segundo Zabalza (1998), através desta atividade “(...) a criança pretende comunicar: imitar um traço, representar um objecto, executar uma intenção expressiva” (p. 282). Com o desenvolvimento desta capacidade “o traço gráfico deixa de depender de uma acção exclusivamente motora (...) e passa a ser o reflexo de outros factores” (p. 283). Como afirma este autor, o grafismo constitui o primeiro passo para o desenvolvimento intelectual figurativo. De acordo com Gonçalves (1991), os grafismos que constituem a pré-escrita “são um excelente exercício para desenvolver a psicomotricidade, antes da aprendizagem da escrita convencional das palavras e dos números, aos 6 anos de idade” (p.48).

O Tangram, segundo Caldeira (2009), “é um jogo ou “quebra-cabeças” de origem chinesa” (p.391). De acordo com Damas et al. (2010), o Tangram é um material manipulativo estruturado “(...) constituído por sete peças (figuras geométricas: um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um triângulo médio e dois triângulos grandes geometricamente iguais” (p. 137). Como refere ainda Alsina (2004) “estas sete figuras permitem compor um quadrado” (p .82). A atividade que as crianças realizaram para construir um Tangram em papel é vantajoso pois, segundo Damas et al. (2010), “facilita o reconhecimento das diferentes formas geométricas que o compõem” (p. 139). Assim, com este material é possível realizar várias atividades. A lenda que a educadora contou aos alunos, é uma das muitas lendas que se contam acerca deste material. A mesma autora salienta a importância de contar estas histórias, que se criam em torno de objetos cuja origem se desconhece. Sendo ou não verdade, o que importa é a magia dos mitos e lendas. (p. 394).

### **sexta-feira, 21 de outubro de 2011**

A educadora deu uma aula de Domínio do Conhecimento do Mundo, cujo tema foi a digestão. Começou por mostrar uma imagem com um menino e uma menina sem roupa e também com imagens alusivas aos cinco sentidos. Explorou as diferenças entre os dois sexos e reviu os cinco sentidos. Depois explicou o que é a digestão,

como se processa e quais os órgãos intervenientes neste processo. De seguida, mostrou um vídeo que ilustrava todo o processo digestivo e foi explicando novamente. Por fim, realizou uma atividade prática em que tinha um cartaz com o corpo de um menino e os órgãos do sistema digestivo, para os alunos colocarem o nome dos respetivos órgãos.

Seguiu-se a aula de Domínio da Matemática com a utilização dos Calculadores Multibásicos. Depois de fazerem alguns exercícios de lateralidade, jogaram ao jogo das bases. No quadro, a educadora tinha uma réplica das placas em cartolina e utilizou algarismos móveis para representar o valor das peças.

Mais tarde, a educadora deu uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo a lengalenga “A velha e a bicharada” através de um livro grande feito em cartolina. Os alunos participaram na leitura, fazendo o som dos animais que entravam na lengalenga. No final, a educadora colocou algumas questões sobre o género dos nomes e alguns nomes coletivos.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O tema da sexualidade deve ser abordado na escola, tendo em conta que, como defende Zabalza (1998), “A criança pequena vive a sexualidade como gozo, como curiosidade, como encontro, como contacto, etc.” (p. 199). Este autor refere também que “O ponto de partida de uma boa educação sexual reside, em certa medida, em situar o tema no seu justo espaço evolutivo e dar-lhe o seu verdadeiro sentido infantil, isto é, de curiosidade e conhecimento neutro” (p.206). O vídeo que as crianças visualizaram foi um bom método para consolidar a informação que lhes foi transmitida e constituiu uma forma prazerosa e lúdica para aprender. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “os registos audiovisuais são meios de expressão individual e colectiva e também meios de transmissão do saber e da cultura que a criança vê como lúdicos e aceita com prazer” (p. 72).

A lengalenga foi contada de uma forma dinâmica e as crianças participaram de forma adequada. O suporte utilizado foi bastante adequado, em termos de tamanho e de funcionalidade. Nas palavras de Spodek e Saracho (citados dos por Ruivo, 2009):

Os livros grandes podem fazer com que a criança desempenhe um papel mais activo na aprendizagem... desenvolve o conceito de leitura e habilidades pró-leitoras , tal como a progressão esquerda-direita, ajuda a compreensão das convenções e das técnicas do impresso, dá à criança o sentido de 'linguagem escrita', desenvolve a discriminação visual e o reconhecimento de letras e palavras... (p. 120).

Através desta lengalenga, a educadora trabalhou vários conceitos importantes como o género dos nomes e os nomes coletivos. Como referem Sim-Sim (2006):

(...) desde o pré-escolar ao ensino secundário, é importante que sejam proporcionadas às crianças e aos jovens atividades de enriquecimento linguístico que lhes propiciem um conhecimento elevado e sistematizado da língua, com leituras de material técnico e de obras literárias completas que lhes desenvolvam o gosto pela leitura extensiva e recreativa (p. 99).

Isto desenvolve o alargamento do campo lexical.

### **segunda-feira, 24 de outubro de 2011**

Esta manhã foi dedicada ao trabalho de escrita. E a educadora deu aos alunos uma ficha em que estes tinham de copiar a letra “j” e copiar algumas palavras. Depois a educadora deu a cada criança um quadrado de papel colorido com a letra “j” impressa, que tinham de cortar em quatro partes e, depois, colar o puzzle na ficha.

Enquanto os alunos realizaram este trabalho, eu e a minha colega realizámos um trabalho plástico para o Dia das Bruxas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A elaboração de um puzzle é uma estratégia criativa e interessante para o trabalho de reconhecimento de uma letra, implementando o gosto pela escrita. Niza e Martins (2009) referem que “o interesse pela linguagem escrita varia em função da qualidade, da frequência e do valor das actividades de leitura e de escrita desenvolvidas pelos que mais convivem com as crianças” (p. 32). Estas autoras afirmam ainda que, desta forma, as crianças “vão aprendendo informalmente um conjunto de conhecimentos relacionados com a linguagem escrita e as suas múltiplas utilizações” (p. 33). Os jogos pedagógicos/ didáticos como os puzzles são assim um ótimo veículo de motivação para desenvolver atividades para a aprendizagem da escrita. Como menciona Sanches (2001) “(...) se uma atividade é apresentada com a componente jogo tem logo uma adesão diferente” (p. 57). Assim, para além de desenvolver competências, o puzzle é uma tarefa que motiva as crianças, visto que elas apreciam todo o tipo de jogos.

### **terça-feira, 25 de outubro de 2011**

Esta manhã começou com a arrumação dos trabalhos realizados pelos alunos. Enquanto eu e as minhas colegas arquivámos os trabalhos dos alunos, estes pintaram

e decoraram uma nova capa para os trabalhos realizados no mês de outubro. Em simultâneo, a educadora deu Cartilha a alguns alunos.

A educadora deu ainda uma aula de Matemática utilizando o 3º e 4º dons de Fröebel. A educadora começou por perguntar o nome do material e quem era Fröebel, também, por relembrar as regras de utilização do mesmo. Depois, contou uma pequena história que serviu de mote para as situações problemáticas, que consistia no primo Artur que tinha uma quinta. Para tornar a aula mais apelativa, utilizou imagens de animais. Assim, os alunos fizeram as construções da camioneta e da mobília de sala. Com estas construções realizaram várias situações problemáticas, envolvendo a soma e a subtração.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Os dons de Fröebel constituem um outro conjunto de materiais matemáticos estruturados. Spodek e Saracho (1998) mencionam este material como “(...) um conjunto de pequenos materiais manipuláveis para serem usados pelas crianças de formas preestabelecidas” (p. 45). O 3.º dom, segundo Caldeira (2009) “(...) é composto por 8 cubos guardados dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo (p. 248). O 4.º dom “(...) é constituído por uma caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos” (p. 260). Trabalhando com estes dois materiais em simultâneo podemos realizar construções e cálculos mais complexos. Esta autora enumera ainda alguns objetivos do uso do 3.º e 4.º dons em simultâneo: “i. Maior diversidade nas actividades; ii. Diferentes construções; iii. Cálculo Mental; iv. Situações problemáticas mais complexas; v. Maior equilíbrio; vi. Desenvolvimento da criatividade” (p. 285).

A utilização de outros materiais para a complementação dos dons de Fröebel é uma estratégia interessante, torna-se a aula mais apelativa e motivante para as crianças.

### **sexta-feira, 28 de outubro de 2011**

A manhã deste dia foi destinada a aulas surpresa da parte das orientadoras de Estágio Profissional. Antes da aula surpresa na sala do Bibe Azul B, a educadora deu lição de Cartilha a alguns meninos, enquanto os restantes realizaram fichas de trabalho. A aula surpresa foi destinada à minha colega de grupo de estágio e foi-lhe pedido que desse a iniciação à divisão utilizando os Calculadores Multibásicos. Ela não conseguiu dar a divisão e, por isso, deu a subtração com autorização da diretora do Jardim-Escola, que fez a sua avaliação. Durante os 20 minutos da sua aula,

colocou algumas questões sobre o material e fez duas situações problemáticas de subtração.

No final de todas as aulas, houve reunião com todas as estagiárias e as orientadoras de estágio para fazer o balanço de todas as aulas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A presença da equipa de supervisão na escola é muito importante. O professor supervisor propõe uma tarefa e, através dela, observa as nossas práticas e a capacidade de adotar métodos e estratégias. Segundo Galveias (2008) estas tarefas são “(...) desenvolvidas em função da diversidade de situações e contextos formativos tendo em vista, sempre, a construção do conhecimento” (p. 9). Depois desta observação, na reunião é feita a reflexão do que foi observado por todos os intervenientes. Como defende a mesma autora, “(...) uma reflexão dialogante sobre o observado e o vivido, conduz à construção activa do conhecimento na acção segundo uma metodologia de aprender a fazer fazendo” (p. 8).

Estar à vontade com os conteúdos matemáticos é uma capacidade fulcral para um educador ou professor. Como afirma Serrazina (2002), o professor precisa de se sentir à vontade na matemática e “para isso tem de conhecer bem os conceitos, técnicas e processos matemáticos que intervêm neste nível de escolaridade” (p. 11). O professor deve saber matemática e estar à vontade com os conteúdos.

### **segunda-feira, 31 de outubro de 2011**

Este foi um dia de Roulement. Como tal, as educadoras do Jardim-Escola pediram a todas as estagiárias para realizarem atividades com as crianças. Assim, entre todas, dividimo-nos em dois grupos para realizar duas atividades diferentes: dramatização de uma história e expressão plástica. Na dramatização, as minhas colegas contaram a história utilizando fantoches. Na expressão plástica, na qual eu participei, fizemos com as crianças as figuras de morcego e gato alusivas ao dia das bruxas com massa de moldar e, seguidamente, cada uma pintou a sua figura.

No final da manhã, o outro grupo de estagiárias apresentou a dramatização de uma história sobre o dia das bruxas, utilizando fantoches.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A dramatização de histórias através de fantoches é um elemento importante para o desenvolvimento de várias capacidades. Pereira e Lopes (2007) defendem que

“os fantoches constituem, na actualidade, um importante instrumento de aplicação pedagógica” (p. 42).

Ambas as atividades revelaram um bom trabalho de equipa por parte das estagiárias pois, com pouco tempo e apenas com os materiais disponíveis, conseguimos realizar atividades interessantes e lúdicas que as crianças apreciaram.

#### **sexta-feira, 4 de novembro de 2011**

Na primeira parte da manhã, a educadora deu a lição de Cartilha a alguns alunos, enquanto os restantes realizaram uma ficha de grafismos com linhas paralelas, perpendiculares e perpendiculares concorrentes. Eu e as minhas colegas estivemos, individualmente, com alguns alunos a rever a lição da letra “t”.

A educadora deu ainda uma aula de matemática utilizando o Tangram. Em primeiro lugar, pediu aos alunos que representassem a figura do quadrado e, de seguida, do retângulo. Depois, pediu que construíssem o triângulo e fez uma situação problemática de multiplicação tendo em conta o número de triângulos e número de lados de cada um.

#### **Inferências/ fundamentação teórica**

O Tangram, para além de ser um material cuja principal finalidade é a construção de figuras, pode também ser utilizado para colocar situações problemáticas às crianças para desenvolver o raciocínio matemático e explorar operações aritméticas. Numa fase em que a criança já desenvolveu o sentido do número e já tem estruturado o processo de cálculo, pode então, como afirmam Spodek e Saracho (1998) “(...) passar da comparação, contagem e escrita dos números para as operações com eles: soma, subtração, multiplicação e divisão” (p. 311). A repetição de triângulos é um excelente mote para um cálculo de multiplicação. Como referem os autores anteriores, os processos de multiplicação e divisão “(...) podem ser abordados através do uso de materiais manipulativos e do recurso aos conteúdos de matemática aprendidos anteriormente” (p. 311). Desta forma, através das peças do Tangran é possível também criar situações que envolvam operações como a multiplicação.

#### **segunda-feira, 7 de novembro de 2011**

No início da manhã, a educadora deu aos alunos uma ficha de escrita. Enquanto isso, eu e a minha colega ajudámos alguns alunos a escrever letras no quadro.

Depois disso, a educadora deu uma aula na Área do Conhecimento do Mundo cujo tema foi a água e a sua importância para o organismo dos seres vivos. Para tal, utilizou um *PowerPoint* que continha várias imagens e vídeos. Referiu que o planeta Terra é composto por uma grande parte de água e explicou o ciclo da água. De seguida, realizou uma atividade prática em que deu a observar, a cheirar e a saborear água para que as crianças chegassem às três propriedades da mesma: incolor, inodora e insípida. Depois disso, através de um cubo de gelo observaram a água no estado sólido e, através de uma cafeteira com água a ferver observaram o vapor a sair verificando o estado gasoso. De seguida, educadora colocou sal e açúcar na água e deu a provar a um aluno para verificar que a água dissolve outras substâncias e toma o seu sabor. Depois falou sobre a importância da água e mostrou o seu lugar na roda dos alimentos. Por fim, falou sobre a poluição da água, mostrando algumas imagens. No final, mostrou um vídeo animado e os alunos debateram o tema.

Mais tarde, os alunos continuaram a ficha anterior enquanto eu dei uma lição de Cartilha a um grupo de alunos.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A utilização do *PowerPoint* é uma boa estratégia. Estava bem construído e continha apenas imagens que eram perceptíveis e com um bom tamanho. Os suportes informáticos são uma boa fonte de comunicação e devem ser ligados às várias atividades das diversas áreas de aprendizagem. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “os registos audiovisuais são meios de expressão individual e coletiva e também meios de transmissão do saber e da cultura que a criança vê como lúdicos e aceita com prazer”. Para além disso “as novas tecnologias de informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente”. (p. 72).

A atividade prática foi interessante pois as crianças puderam observar os vários estados da água e as suas propriedades. As crianças mostraram-se bastante curiosas com o tema e a educadora deixou que as crianças colocassem questões e que partilhassem as suas opiniões com os colegas. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento”. São assim essenciais “os aspetos que se relacionam com os processos de aprender: a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber, a atitude crítica” (p. 85). Assim, através de atividades como estas, as crianças desenvolvem o seu sentido crítico em relação a tudo o que as rodeia. Como

mencionam Martins et al. (2007) “o grande desafio das sociedades actuais (...) é formar cidadãos capazes de analisar criticamente as situações que os afectam de forma mais ou menos próxima” (p. 11). Isto é então, fundamental para que as crianças desenvolvam a capacidade de expressar as suas ideias e de terem uma atitude crítica perante os diversos assuntos.

No decorrer desta aula, a educadora deu dois erros científicos. Esta referiu que a água é insípida e, na verdade, esta adquire um “sabor” vindo dos minerais das rochas por onde passa. Ao mostrar o vapor de água a sair da cafeteira, a educadora disse às crianças que esta se encontrava no estado gasoso. Na verdade, o vapor de água é água no estado líquido, pois a água no estado gasoso não é visível (Fidalgo e Costa, com. Pess. <sup>1</sup>). Estes são aspetos complexos que, na realidade, não são fáceis de explicar a crianças desta idade, e para os quais se deve ter o cuidado para não as induzir a conceções alternativas erradas.

### **terça-feira, 8 de novembro de 2011**

Neste dia, as duas turmas do Bibe Azul tiveram uma visita de estudo. Depois da roda no salão, as crianças dirigiram-se à sala, sentaram-se nos lugares e vestiram os casacos. A educadora referiu as regras para sair do Jardim-Escola e entrar no autocarro. Formaram um comboio e dirigiram-se à entrada do Jardim-Escola para entrar num autocarro. Esta visita teve como destino o Clube Estefânia, em Lisboa, para assistir à peça de teatro “O guardião de sonhos”. Eu e as minhas colegas acompanhámos também a turma a esta visita. Quando chegámos ao local, fomos recebidos por uma senhora que nos levou à sala do espetáculo. Às 12h estávamos de regresso ao Jardim-Escola. As crianças tiraram os casacos, foram à casa de banho e de seguida almoçaram.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Alertar as crianças para as regras sociais de comportamento e segurança numa saída ao exterior da escola é muito importante para que a visita de estudo decorra com sucesso. Como afirmam Spodek e Saracho (1998), “ao determinarem códigos de comportamento, os professores devem comunicar às crianças não somente os limites do aceitável, como também as razões para estes limites. Dentro deles, as crianças devem poder determinar seus próprios padrões de comportamento” (p. 156).

---

<sup>1</sup> Prof. Doutor Pedro Fidalgo, Professor de Ciências da ESEJD.

A visita de estudo é uma das atividades que deve ser proporcionada aos alunos ao longo do ano letivo. Esta permite que as crianças saiam da rotina escolar e se sintam motivadas para outras atividades. Almeida (1998) define visita de estudo como “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos” (p. 51). Como refere Monteiro (1995), “a visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos dado o carácter motivador que constitui a saída do espaço escolar. A componente lúdica que envolve, bem como a relação professor-alunos que propicia, leva a que estes se empenhem na sua realização”.

Levar as crianças a assistir a uma peça de teatro é uma atividade que deve ser proporcionada pela escola com alguma frequência, pois, o teatro para crianças, como menciona Sousa (2003), tem como objetivos “(...) despertar o gosto e a sensibilidade das crianças por esta forma de arte, ao mesmo tempo que, com uma criteriosa selecção de peças, ajudar a escola nos seus esforços educacionais no âmbito da formação estética, cívica e moral” (p. 83). Durante a peça de teatro houve interação entre as crianças e os atores, tendo algumas delas subido ao palco e participado na história. Em termos de tempo, a peça de teatro teve uma duração curta, adequada à faixa etária.

#### **sexta-feira, 11 de novembro de 2011**

Este dia foi destinado à minha proposta de manhã de atividades, em que o tema principal foi o S. Martinho. As planificações referentes às atividades, estão presentes no **anexo B**. Comecei com uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; organizei os alunos por filas para se sentarem no chão e contei a “Lenda de S. Martinho” através de sombras chinesas. Depois disso, fiz com a turma a dramatização da lenda.

De seguida, dei uma aula de Domínio do Conhecimento do Mundo sobre o magusto. Coloquei os alunos sentados no chão em roda e comecei por explicar o que é o magusto e como se festeja. De seguida explorei a castanha e o castanheiro mostrando imagens e também um ouriço verdadeiro (fruto). Depois expliquei de que formas se podem comer castanhas e pedi a alguns alunos que contassem como festejam este dia. No final, ensinei a canção “Uma, duas, três castanhas”, os alunos foram para as suas mesas e realizaram uma ficha de trabalho com um labirinto.

Realizei ainda uma atividade de Expressão Plástica em que estes tinham de fazer um caracol, utilizando uma castanha. Dei a todos uma folha colorida com o corpo

do caracol desenhado, em que tinham de desenhar os olhos e a boca e picotar o desenho. Depois colaram uma castanha para fazer a carapaça.



Figura 2 – Caracol feito com a castanha.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

No que diz respeito à aula de Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita, penso que as crianças gostaram do facto de ter contado a Lenda de S. Martinho através de sombras chinesas, pois foi algo de diferente para elas e, assim, ficaram motivadas. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “as sombras chinesas constituem outro suporte para atividades de dramatização” (p. 61). Pereira e Lopes (2007) afirmam também que “é grande a importância conferida às sombras no contexto educativo” (p. 64). Estes autores referem também que “os jogos com a luz e com as sombras entusiasma e maravilha a criança, colocando-a no limiar do misterioso, do desconhecido” (p. 65). A dramatização foi um ponto forte da aula em que as crianças colaboraram e se divertiram. Como refere Mendonça (1994) o jogo dramático é para a criança uma metáfora da existência que prepara para a vida, pois é um tipo de jogo que mais se aproxima do real. Através do jogo dramático, a criança joga papéis e situações do quotidiano e representa a realidade do mundo e das pessoas como vê. (p. 36).

Ter ensinado uma canção relacionada com o tema foi importante pois, como refere Cordeiro (2010) “a aprendizagem de novas canções permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e tempo” (p. 373). Através de pequenas canções é possível ligar diversas áreas de conhecimento com a música.

## **segunda-feira, 14 de novembro de 2011**

A manhã deste dia começou com o ensaio da história “O Cuquedo”, que as crianças irão representar na festa de Natal. Depois disso, a educadora deu uma lição de Cartilha Maternal a alguns alunos e eu dei individualmente a um aluno. Enquanto isso, as restantes crianças realizaram uma ficha de trabalho.

A educadora deu também uma aula de Domínio da Matemática e utilizou palhinhas, algarismos móveis e um dominó. Nas mesas, um aluno trabalhou com as palhinhas e o outro com os algarismos. A educadora foi mostrando várias peças de dominó e os alunos tinham de somar o número de pintas de cada peça com o auxílio das palhinhas e dos algarismos. Em algumas situações transformaram a soma numa multiplicação. Depois de realizadas algumas operações, ensinou os nomes das partes da conta (parcelas e soma ou total). No último exercício fizeram uma soma com três parcelas e trabalharam o conceito de dezena. Por fim, realizou um jogo de cálculo mental. Por cada resposta certa recebiam um ponto.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O ensaio da dramatização para a festa de Natal é algo tem de ser realizado com antecedência e progressivamente. Assim, foi um momento importante para o resultado final. Almeida (1994) refere que, para que um espetáculo tenha êxito, existem duas coisas fundamentais: “o começo com bastante antecedência dos ensaios” e “a paciência para com as crianças que de um ou outro modo participam no espectáculo” (p. 27).

A utilização do dominó é uma boa estratégia para trabalhar conteúdos matemáticos. O jogo final foi interessante pois foi uma boa estratégia para desenvolver o cálculo mental. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) os dominós jogam com semelhanças e diferenças e, por vezes, com a correspondência entre quantidades e algarismos (p. 76). Segundo Castro e Rodrigues (2008) espera-se que a maioria das crianças de cinco anos consiga identificar o número de pontos (entre 2 e 6) por reconhecimento da mancha sem necessitar de contagem, ou seja, por percepção visual simples. Como referem estas autoras “O desenvolvimento da percepção simples facilita o cálculo mental, promovendo a composição de situações e, com o tempo, a percepção composta, ou seja, o reconhecimento de quantidades superiores a 6 por composição de percepções simples” (p. 23). Através das atividades propostas as crianças divertiram-se também.

### **terça-feira, 15 de novembro de 2011**

Os alunos terminaram algumas fichas de trabalho e eu estive com alguns alunos no quadro a ajudá-los a escrever a letra b.

A educadora deu uma aula na Área do Conhecimento do Mundo de revisão sobre o corpo humano. Mostrou uma imagem de um menino e uma menina e pediu a alguns alunos para irem apontar as diversas partes do corpo. Referiu que o nosso corpo está dividido em três partes. Na parte da cabeça, lembrou com os alunos, as várias partes (olhos, boca, nariz, etc), associando-as aos 5 sentidos. Na parte do tronco, referiu as várias partes como o peito, a barriga e as costas. Depois falou dos membros superiores e inferiores em que os alunos identificaram os cotovelos, os joelhos, os tornozelos e os calcanhares. Depois disso perguntou quais as diferenças entre o corpo das meninas e dos meninos, referindo os órgãos sexuais. Por fim, realizou um jogo em que os alunos tinham de construir um puzzle gigante do corpo humano. No final, cantaram uma canção sobre os dedos das mãos.

Antes do almoço cantaram algumas canções de Natal.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Nesta fase, as crianças estão a adquirir competências na área da escrita. No Método de Leitura João de Deus, uma das suas características fundamentais é o tipo de caligrafia a ele inerente, denominada caligrafia bicuda. João de Deus (citado por Ruivo, 2009) diz:

O aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada, o que não quer dizer que oportunamente se não arredonde a letra, ponto de partida para outra mais variada e mais perfeita (p. 129).

Como refere Ruivo (2009) “(...) a letra bicuda é uma fase de transição” (p. 129).

No âmbito da Área do Conhecimento do Mundo, é importante que as crianças realizem atividades práticas. Como referem Martin et al. (2009), “às crianças devem ser proporcionadas actividades de natureza diversa, privilegiando as de cariz prático” (p. 21). Existem vários tipos de atividades práticas e todos eles devem ser trabalhados. A atividade realizada insere-se nas experiências sensoriais que, segundo estes autores, são “(...) baseadas na visão, no olfacto, no tacto, na audição” (p. 21).

No final, o facto de terem cantado canções sobre o corpo foi importante. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a relação entre a música e a palavra é uma outra forma de expressão musical. Cantar é

uma atividade habitual na educação pré-escolar” (p. 64). Desta forma, a educadora ligou os conteúdos trabalhados à Expressão Musical.

#### **sexta-feira, 18 de novembro de 2011**

Na primeira parte da manhã, os alunos terminaram algumas fichas de trabalho e fizeram exercícios de escrita no quadro. Realizaram também a cópia de um grafismo. Depois disso, a educadora deu lição de Cartilha e eu e a minha colega demos individualmente.

A educadora deu uma aula de Conhecimento do Mundo sobre os cereais, mudando a disposição da sala. Para tal utilizou um *PowerPoint*, começando por mostrar a roda dos alimentos e o grupo dos cereais. De seguida explicou o que são cereais e mostrou imagens dos diversos tipos dos mesmos (trigo, milho, centeio, arroz e aveia). Explicou também que, com eles, se podem fazer várias coisas (pão, massas, flocos, pipocas, etc.). Por fim mostrou a imagem do moinho e o processo do cereal até se transformar em farinha. Deu também a provar vários tipos de pão, e no final, fez pão com os alunos. Mais tarde referiu que os cereais são muito importantes na alimentação para o bom funcionamento dos intestinos e os alunos colocaram as suas dúvidas.

#### **Inferências/ fundamentação teórica**

O facto de ter mudado a disposição da sala foi muito importante para a realização desta aula. As crianças ficaram mais próximas da educadora para visualizar melhor todo o material. Como defende Zabalza (1998), “(...) temos de pensar em como vamos estabelecer e organizar os espaços de maneira a que se convertam num marco adequado e facilitador do que pretendemos fazer e, ao mesmo tempo, numa estrutura de estímulos e oportunidades de expansão experiencial para as crianças” (p. 122).

A alimentação é um dos temas de grande importância a desenvolver com as crianças, visto que tem como objetivo alertá-las para a importância de uma alimentação saudável. Ao falar sobre os cereais, a educadora mencionou a sua importância para o nosso corpo e referiu que fazem parte de uma alimentação equilibrada. Santos (2005) refere que “(...) a alimentação constitui um factor de grande repercussão na saúde individual e colectiva. Considera-se mesmo o factor mais importante e modela poderosamente a qualidade e duração de vida” (p. 11). Os cereais fazem parte de um dos grupos da roda dos alimentos e são uma rica fonte de fibras, substâncias indispensáveis para a digestão. Segundo Santos (2005), “as fibras

fornecidas pelos alimentos deste grupo são essenciais para a digestão e benéficas para a saúde” (p. 22)

No final da aula, fez todo o sentido que a educadora tenha feito o pão com as crianças. Assim estas puderam perceber o processo de elaboração deste alimento tão importante. Todas as crianças participaram nesta atividade.

### **segunda-feira, 21 de novembro de 2011**

No início da manhã, os alunos acabaram algumas fichas que tinham incompletas. Enquanto isso, a educadora deu lição de Cartilha a alguns grupos e eu e a minha colega demos individualmente.

Mais tarde, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática utilizando o Tangram. Começaram por construir o quadrado e um aluno foi fazer a construção no quadro. Depois colocou algumas questões sobre as peças do material e ensinou a calcular o número de lados de todos os triângulos, em primeiro lugar através de uma soma e, depois, através de uma multiplicação. De seguida pediu que construíssem um quadrado utilizando apenas duas peças e questionou quantos quadrados pequenos cabiam dentro do que construíram, fazendo uma estimativa. Por fim, pediu que construíssem uma figura com três lados utilizando todas as peças.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O Tangram é um material de construção utilizado para desenvolver competências matemáticas. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “os materiais de construção usados na educação pré-escolar permitem uma manipulação dos objectos no espaço e uma exploração das suas propriedades e relações em que assentam aprendizagens matemáticas” (p. 75). De acordo com estas Orientações, a utilização de diferentes materiais dá à criança oportunidades para resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais” (p. 75). Caldeira (2009), afirma que o Tangram “permite actividades que envolvem a manipulação de figuras geométricas, fazendo inúmeras composições, transformações e rotações das peças, permitindo “ver partes” num “todo” complexo” (p. 398). Assim, para além das construções e de serem trabalhadas algumas formas geométricas, é importante que as crianças tenham a oportunidade de explorar o material para que possam fazer novas descobertas.

### **terça-feira, 22 de novembro de 2011**

Os alunos começaram por terminar um trabalho do dia anterior em que tinham de picotar as peças do Tangram e fazer a construção do pato. Depois fizeram outras fichas de trabalho, enquanto eu e a minha colega demos lição de Cartilha, cada uma a um grupo. Cada uma de nós escolheu uma lição e um grupo de três crianças. Depois do grupo se reunir, abrimos a Cartilha na lição anterior à escolhida para fazer uma revisão, e depois apresentámos a lição seguinte.

Depois do recreio, a educadora ausentou-se para se reunir com a educadora do Bibe Azul B, para organizarem as atuações da festa de Natal. Enquanto isso, eu e as minhas colegas ajudámos as crianças numa atividade de Matemática, em que picotaram duas peças de Dominó e colaram-nas numa folha. Depois somaram o número total de pintas das duas peças numa só operação.

Durante a hora de almoço, ensaiei com alguns alunos o poema “Dez meninos” e, juntamente com as outras colegas do Bibe Azul, iniciámos a realização de um dos cenários para a festa.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Neste dia foi possível explorar um pouco mais a Cartilha Maternal com as crianças. Ao estar com as crianças, explorei as regras deste método de leitura corretamente. Preocupei-me sempre em pedir às crianças que inserissem a palavra lida numa frase. De acordo com Ruivo (2009):

se por um lado a criança faz a sua aprendizagem começando por identificar o nome e a leitura das diferentes letras, de imediato lhe é solicitado que elabore um discurso oral sobre a palavra lida, inserindo-a em frase de forma a enriquecer o seu vocabulário, a sua linguagem, a sua expressão oral (p. 130).

Esta autora reforça assim que, “no discurso com a professora, a criança insere conhecimentos seus na aprendizagem desenvolvendo o vocabulário e a construção frásica de uma forma lúdica” (p. 131).

Tentei também colocar questões individualmente a cada criança. De acordo com Ruivo (2009) “as crianças são sempre questionadas individualmente, respeitando-se o seu ritmo e capacidade de resposta” (p. 145).

No entanto, deveria ter sempre, antes da leitura da palavra, ter questionado as crianças sobre o número de sílabas da palavra e apelar à “regra da sílaba forte”. Esta informação, que é adquirida na 13.<sup>a</sup> lição, é muito importante pois permite aceder às regras básicas de acentuação. Ruivo (2009) afirma que “esta informação dada ao aluno numa fase inicial da sua aprendizagem é fundamental porque lhe favorece

também uma ortografia consciente quando lê com conhecimento de causa, palavras agudas, graves e esdrúxulas” (p. 144).

O ambiente criado em volta da Cartilha Maternal é também muito importante, tendo em conta que as crianças se encontram em estado de aprendizagem. Assim, é necessário criar um ambiente descontraído para que as crianças não se sintam inibidas nem tenham medo de expor as suas dificuldades. A Cartilha Maternal é um método onde a aprendizagem é progressiva e, assim, o educador tem de transmitir noções claras e ajudar as crianças a ultrapassar as suas dificuldades.

Sim-Sim (2006) referem que “no que respeita ao envolvimento da escola, é importante a mobilização de recursos (humanos e materiais), intervindo precocemente na promoção do sucesso na aprendizagem da leitura e fazendo dela uma prioridade nos primeiros anos de escolaridade” (p. 98-99). Os mesmos autores referem ainda que “a leitura é uma competência que não se desenvolve espontaneamente, mas que requer uma aprendizagem consciente por parte de quem lê, a qual tem de ser objeto de uma aprendizagem formal” (p. 141). Assim, é essencial que o docente tenha uma boa formação, visto que tem um papel importante na transmissão de conhecimentos relativamente à aprendizagem da leitura.

#### **sexta-feira, 25 de novembro de 2011**

Neste dia, recebemos a visita das orientadoras de Estágio Profissional para a realização de aulas surpresa. Em primeiro lugar, assisti à aula de uma colega no Bibe Azul A. Foi-lhe pedido que contasse uma história e que a dinamizasse e que, no fim, apresentasse a lição da letra “z” da Cartilha Maternal, revendo primeiro a lição da letra “r”. Contou a história “Os três porquinhos” utilizando um fantoche como narrador. Depois ensinou e dinamizou a lengalenga “A formiga e o escaravelho”, mostrando imagens destes dois insetos. De seguida deu uma folha a cada aluno, onde desenhou dois olhos, e pediu que desenhassem o corpo do porco. Assim, deu a lição de Cartilha fazendo a revisão da letra “r”.

Seguiu-se a vez de uma das minhas colegas do grupo de estágio, em que lhe foi solicitado que ensinasse a lengalenga “As mãos” e que dinamizasse uma palavra da mesma para trabalhar as vogais e as consoantes e, também, que no fim, fizesse a revisão da lição da letra “g” da Cartilha Maternal. Escreveu então a lengalenga no quadro com caligrafia bicuda e começou a aula fazendo exercícios de lateralidade para distinção da esquerda e da direita. Depois ensinou a lengalenga e os alunos repetiram. De seguida, escreveu a palavra “direita” no quadro com letras móveis e

pediu a alguns alunos que identificassem as vogais e as consoantes. Por fim, fez a revisão da lição da letra g com duas crianças.

Terminada a aula, seguiu-se a reunião com todas as estagiárias e orientadoras para discutir as aulas avaliadas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na primeira aula a que assisti, a colega contou a história de uma forma expressiva, pediu a colaboração dos alunos ao longo da mesma e motivou-os. Segundo Sanches (2001) “ler, contar e recontar histórias e outros textos em voz alta na aula estimulam a leitura e facilitam as aprendizagens e a desinibição dos alunos” (p. 56). Hohmann e Weikart (1997) referem também que, “contar histórias em vez de ler um livro é uma maneira divertida de usar a linguagem com inflexões de voz e gestos” (p. 548). Quanto à lição da Cartilha Maternal, explicou corretamente todas as regras e preocupou-se sempre em dar às crianças um reforço positivo. Como afirma Ruivo (2009) “é obrigatório, diríamos, que o professor/educador dê aos seus alunos sempre um reforço positivo de forma a que a aprendizagem seja motivadora e estimulante” (p. 134). O facto de ter pedido às crianças que construíssem a palavra que leram com letras móveis e no quadro, foi uma estratégia interessante.

Quanto à aula seguinte, achei importante que tenha escrito a lengalenga no quadro, o que é importante para as crianças visualizarem a escrita da lengalenga. A lengalenga é um texto da tradição oral e deve ser explorada com as crianças no início da infância. Segundo Custódio (2002) “no jardim de infância, as lengalengas são sinónimo de divertimento para as crianças, permitindo-lhes desenvolver o seu imaginário. Brincar com as palavras, articular sons, imprimindo-lhes determinada cadência, é sensibilizar a criança para a língua materna, despertando-lhe o gosto pela leitura e a escrita” (p.). Agüera (2008) defende também que “os pequenos poemas, as canções, as lengalengas, etc. têm, pois, um enorme valor significativo do qual deveríamos tirar partido se queremos uma educação de infância criativa, que tenha como ponto de partida os interesses dos mais pequenos” (p. 23). As crianças decoraram a lengalenga, mostrando que é um tipo de texto que apreciam.

### **segunda-feira, 28 de novembro de 2011**

Na manhã deste dia, recebemos novamente a visita das orientadoras de Estágio Profissional para a realização de aulas surpresa, em que eu fui avaliada. Foi-me solicitado que desse uma aula de Domínio da Matemática para trabalhar contagens, a adição e a subtração, usando palhinhas e algarismos móveis. Comecei

por dar dois valores e pedir que fizessem a sua adição. Depois coloquei uma situação problemática para trabalhar a adição. Os alunos resolveram a operação e pedi a um menino que fosse resolvê-la no quadro. De seguida, coloquei a outra situação para trabalhar a subtração. Deste modo, explorei a dezena e meia dezena, a dúzia e a meia dúzia. Ao longo das situações, fui perguntando (considerando os números do resultado das operações) qual o número que vinha antes e qual o número que vinha depois. Terminada a minha aula a educadora ensaiou, com algumas crianças, uma coreografia que irão apresentar na festa de Natal.

No final de todas as aulas avaliadas, seguiu-se a reunião com todas as estagiárias e orientadoras para discutir as mesmas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A grande dificuldade que encontrei foi organizar uma atividade sem uma preparação prévia. Assim, penso que devo melhorar o sentido de improvisação para conseguir superar de uma melhor forma os desafios que me serão propostos no futuro. Segundo Bullough, mencionado por Braga (2001), “a flexibilidade – a capacidade de nos ajustarmos a diferentes circunstâncias – é importante que seja treinada nos professores em início de profissão, pois estes vivem em constante alternância, face às quais é preciso tomar decisões” (p. 35).

Nesta fase, algumas crianças ainda necessitam de recorrer à contagem para realizar alguns cálculos. Castro e Rodrigues (2008) referem que “os primeiros cálculos que as crianças realizam são cálculos por contagem, apoiados em materiais que a facilitem” (p. 29). Segundo estes autores, é à medida que as suas competências de contagem se desenvolvem que as crianças se vão “(...) tornando progressivamente mais competentes, realizando cálculos mais complexos, utilizando estratégias de contagem flexíveis e inteligentes” (p. 30). Por este motivo, quando um dos meninos foi ao quadro para realizar a operação da primeira situação problemática e não conseguiu chegar ao resultado, pedi-lhe que contasse com as palhinhas.

Em suma, penso que poderia ter diversificado um pouco mais nas estratégias que utilizei, ter sido mais alegre e dinâmica, e ter tido uma maior atenção ao que os alunos iam realizando individualmente.

### **terça-feira, 29 de novembro de 2011**

Nesta manhã, a educadora esteve ausente e, por isso, a turma ficou a cargo do grupo de estagiárias, com o apoio da educadora do Bibe Azul A.

No Jardim-Escola, encontrava-se uma equipa de especialistas para fazer um rastreio visual às crianças. Sendo assim, eu e as minhas colegas levámos a turma para fazer o rastreio. Depois disso, voltámos para a sala de aula e os alunos fizeram uma atividade que a educadora tinha deixado preparada. Nesta atividade, os alunos tinham de procurar letras em revistas e recortá-las para formar palavras, cujas imagens se encontravam numa ficha. No decorrer desta atividade, fomos realizando um dos cenários para a festa de Natal.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O rastreio visual realizado no Jardim-Escola foi uma iniciativa muito importante ao nível da saúde visual das crianças. Pinto e Maia (2004) defendem que “o rastreio oftalmológico infantil assume particular importância ao permitir o diagnóstico e a terapêutica precoce das patologias visuais, melhorando o prognóstico e interferindo positivamente no desenvolvimento e na aprendizagem” (p. 35). Estas mesmas autoras afirmam também que, “sendo um dos sentidos mais necessários à aprendizagem e à comunicação, a sua ausência ou diminuição tem consequências que vão da dificuldade escolar até à cegueira total e que podem ser evitadas ou minoradas se atempadamente diagnosticadas e tratadas ou reabilitadas” (p. 36). Desta forma, se estas equipas de profissionais se dirigirem à escola, é assegurada a vigilância da saúde das crianças e serão também detetados possíveis problemas que estas possam ter, tratando-os o mais precocemente possível.

A atividade de escrita que fizemos com as crianças foi bastante interessante, visto ser algo diferente do habitual. Segundo Hohmann e Weikart (1997) “enquanto algumas cortam e colam de forma indiscriminada, apenas pela tarefa de cortar e colar, outras observarão as imagens de animais ou carros, ou o que quer que seja que encontrem particularmente atraente” (p. 490). Assim, aliado ao reconhecimento de letras em suportes diversos, verifica-se o desenvolvimento da motricidade fina e de orientação.

### **2, 5, 9 e 13 de dezembro de 2011**

Nos dias 2 e 9 de dezembro houve Roulement no Jardim-Escola e, por isso, a minha educadora cooperante ficou com as duas turmas do Bibe Azul. Durante a manhã as crianças realizaram atividades de Expressão Plástica sobre o Natal. Realizaram dobragens do Pai Natal e cada criança realizou um desenho para decorar a capa do programa da festa de Natal. Nestes dias, eu e as minhas colegas de estágio

elaborámos os cenários para a festa de Natal. Nos dias 5 e 13 de dezembro, terminámos a elaboração dos cenários e transportámo-los para o local da festa.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O facto de as crianças terem realizado o desenho para o programa da festa de Natal foi uma atividade importante para a sua participação na mesma. Como referem Spodek e Saracho (1998), “embora o professor fique encarregado de fazer os contatos e as combinações necessárias, as crianças podem se envolver no planeamento da visita, na redacção do convite e nos agradecimentos” (p. 156). Assim, as crianças devem de ter a oportunidade de participar nos eventos sociais da turma e da escola, como é exemplo a festa de Natal.

Terminada a tarefa da realização dos cenários para a festa de Natal, penso que foi um trabalho importante para todas nós. Só fazendo é que conseguimos ter a perceção de tudo o que implica um evento como este. No entanto, penso que as educadoras nos pediram uma grande quantidade de cenários, que nos ocupou uma grande quantidade de tempo ao longo do Estágio Profissional. Assim, por termos dedicado tanto tempo nesta tarefa, perdemos imensas atividades que as crianças realizaram ao longo deste mês. Penso que teria sido interessante termos assistido a mais atividades.

### **terça-feira, 6 de dezembro de 2011**

Neste dia dei uma aula de Domínio da Matemática, cujo tema foi a adição. A planificação desta aula e ficha de trabalho proposta estão presentes no **anexo C**. Para esta aula, utilizei um dado em tamanho grande, tampas de plástico e algarismos móveis.

Para começar, coloquei a palavra “dado” no quadro e pedi que, em silêncio, todos a lessem para descobrirem o objeto com que se iria trabalhar. Apresentei o dado e coloquei algumas questões sobre o sólido geométrico que este representa – o cubo. No primeiro exercício, os alunos lançaram o dado duas e três vezes, e fizeram a adição do número de pontos de cada lançamento, com o auxílio das tampas e dos algarismos móveis. No segundo exercício, coloquei no quadro o número 6 e pedi que os alunos pensassem em valores que teriam de sair em dois lançamentos do dado, de forma a que a sua soma fosse 6, registando no quadro. De seguida, realizei um jogo de equipas para desenvolver o cálculo mental, colocando um tabuleiro de jogo no quadro. Por fim, dei a cada aluno uma ficha de trabalho em que tinham de fazer a

soma de duas faces do dado, picotar o resultado em papel colorido e colar no local correto.



Figura 3 – Tabuleiro do jogo de equipas

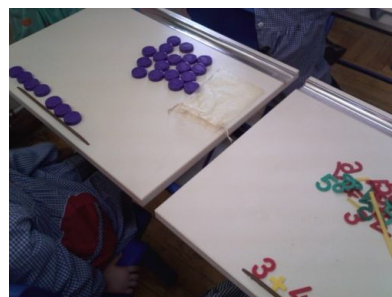


Figura 4 – Exercício com tampas de plástico

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O material que usei estava bem conseguido e as crianças manipularam-no. As tampas de plástico, sendo um material da vida diária, constituíram uma forma apelativa para auxiliar as crianças na contagem e no cálculo. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a diversidade de materiais para desenvolver as mesmas noções através de diferentes meios e processos, constitui um estímulo para a aprendizagem da matemática” (p. 76).

O jogo de equipas funcionou bastante bem e constituiu uma excelente estratégia para uma melhor aprendizagem da criança. O jogo é também importante para que as crianças aprendam a interiorizar regras. Para Kamii (1995), citado por Caldeira (2009), “o jogo é um recurso motivador para a aprendizagem das quatro operações, por envolverem regras e contribuírem para o desenvolvimento da autonomia” (p. 49). Assim, foi importante ter definido as regras no início do jogo e apliquei-as quando alguns alunos não as respeitaram. Isto contribui para o interiorizar de regras, para que as crianças possam também desenvolver capacidades pessoais como o respeito pelo outro. Como afirma a mesma autora “os alunos, quando jogam têm prazer, e fazem emergir a aprendizagem; a maneira como o professor trabalha as regras, pode ensinar-lhes esquemas de relações interpessoais e de convívios éticos” (p. 49). O jogo é assim um excelente método para trabalhar a matemática desenvolvendo capacidades importantes como o raciocínio, o cálculo mental e até o interiorizar de regras, importante para a resolução das operações aritméticas.

### **segunda-feira, 12 de dezembro de 2011**

Uma das minhas colegas deu uma aula de Domínio da Matemática, cujo tema foi a subtração. Como estratégia, utilizou a temática dos piratas. Distribuiu a cada criança um mapa do tesouro com um barco destacável, um saquinho com pedras

coloridas e algarismos móveis. Ao longo da aula colocou quatro situações problemáticas envolvendo a subtração, envolvidas numa pequena história de uma viagem de piratas. No final deu uma ficha de trabalho.

Depois desta aula, terminámos a elaboração dos cenários para a festa de Natal.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A minha colega trabalhou a subtração de uma forma criativa e motivadora para as crianças. O material estava muito apelativo e bem construído. As pedrinhas coloridas são um objeto apreciado pelas crianças para atividades de contagem. Criou também uma história em que envolveu as crianças, proporcionando-lhes assim uma estratégia diferente do habitual. Como referem Fernandes e Cardoso (s/d), “a experimentação, a comunicação e a utilização de estratégias diversificadas ajudam a desenvolver práticas compreendidas de relações entre quantidades, números e a adquirir o sentido do número das crianças” (p. 6).

Outro aspeto importante foi o facto de ter apelado à área das expressões, quando pediu que as crianças moldassem um número em plasticina e também, quando pediu a três meninos que construíssem o número 10 com o seu próprio corpo, deitados no chão. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) é referido que as diferentes áreas não devem ser compartimentos estanques e “(...) acentua-se a importância de interligar as diferentes áreas de conteúdo e de as contextualizar num determinado ambiente educativo” (p. 22). A área das expressões deve assim ser articulada com as restantes áreas.

### **quarta-feira, 14 de dezembro de 2011**

Neste dia realizou-se a festa de Natal do Jardim-Escola no salão da Igreja Paroquial de S. João de Brito, na qual todas as estagiárias do Bibe Azul estiveram presentes. A festa do Bibe Azul teve início às 11h. As crianças das duas turmas estavam divididas por diversos grupos, em que cada um fazia uma apresentação diferente. Ao longo da festa, as crianças cantaram canções de Natal, dirigidas pelo professor de música, recitaram a poesia “Dez Meninos” e dramatizaram a história “Os três porquinhos” e a lengalenga “O cuquedo”. Apresentaram também uma coreografia para e, por fim, duas crianças apresentaram uma poesia e dramatização sobre o nascimento de Jesus.

Entre todas as estagiárias, algumas ficaram encarregues de manter a disciplina das crianças e de as levar de volta ao Jardim-Escola. Eu e a Ana Novo, com a ajuda de outras estagiárias, encarregámo-nos de fazer as mudanças de cenários no palco.



Figuras 5 e 6 – Cenários realizados para a festa de Natal.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Segundo Aguëra (2008), “as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças” (p.73). Esta autora defende que “as festas, celebrações e outros eventos são acompanhados de acções nas quais as crianças podem e devem participar” (p.73).

O trabalho em equipa das educadoras, com a colaboração das estagiárias foi um fator relevante para o sucesso da festa. Como referem Hohmann e Weikart (1997) “ao colaborarem, os elementos da equipa obtém reconhecimento, um sentido de trabalho bem sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante (...) ao falar sobre, e ao planear para s crianças, cada elemento da equipa toma a iniciativa e serve a equipa, quer como líder, quer como participante” (p. 131).

Em termos plásticos e estéticos, as crianças usaram figurinos adequados a cada apresentação. Os cenários realizados por todas as estagiárias, encheram o palco de cor e deram uma grande envolvência em todas as apresentações. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) os materiais “oferecem diferentes possibilidades de “fazer de conta”, permitindo à criança recriar experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar objetos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos” (p. 60).

A dramatização de uma história em palco perante uma plateia é um meio para desenvolver várias capacidades. Como refere Vale (2001), através do texto dramático

e do espetáculo “(...) as crianças informam-se, formam-se e divertem-se, aprendendo mais sobre si e sobre os outros” (p. 14). Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), é referido que “na interação com outra ou outras crianças, em atividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal” (p. 59).

Pessoalmente gostei muito de ter a oportunidade de participar nesta festa, visto que foi a primeira vez que tal aconteceu. É importante para nós, enquanto estagiárias, entendermos todo o processo de uma festa de Natal, que acaba por ser um dos eventos mais importantes do ano letivo. Para além disso, todo o nosso trabalho foi reconhecido pelas educadoras que nos agradeceram devidamente.

### **sexta-feira, 16 de dezembro de 2011**

A educadora deu a oportunidade às crianças para escolher que atividades queriam realizar durante o dia, visto ser o último dia de aulas do 1.º período. As crianças foram dizendo algumas atividades e a mais votada por todos foi realizar um trabalho de pintura com tintas. A educadora dispôs as mesas de forma a dividir a turma em dois grupos. Numa folha, combinado com a educadora, todos pintaram uma árvore de Natal.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O facto de as crianças terem a oportunidade de escolher uma atividade é importante. Desta forma conseguem realizar trabalhos que não são frequentes no quotidiano escolar.

A pintura com tintas é uma atividade plástica muito importante e, como referem Spodek e Saracho (1998), “(..) é um dos elementos básicos do programa de primeira infância” (p. 360). O uso do pincel é muito importante para desenvolver capacidades importantes como a motricidade fina e a coordenação óculo-manual. Por este motivo “os pincéis devem ser grandes e firmes, para responderem facilmente aos movimentos” (p. 361). Apesar de a educadora ter combinado com as crianças que todos teriam de desenhar uma árvore de Natal, cada criança desenhou a árvore ao seu gosto sem nenhum modelo a seguir. Como defendem estes autores “O papel do professor não é oferecer modelos para as crianças copiarem, mas estimulá-las a explorarem os meios e observar e guiar o seu processo” (p. 360). Cada criança deve ser livre de escolher aquilo que quer e da forma como sabe e deseja.

## **Segunda secção: Bibe Amarelo B**

**Período de estágio:** 2 de janeiro a 23 de março de 2012

### **2.1. Caracterização da turma**

A turma do Bibe Amarelo B é composta por vinte e oito crianças, das quais 18 são do sexo masculino e 10 são do sexo feminino. Esta turma é relativamente homogénea em termos de idade.

De acordo com as informações disponibilizadas pela educadora, esta é uma turma autónoma em relação a vários aspetos como, calçar e descalçar, vestir e despir e utilizar autonomamente a casa de banho. É também uma turma que demonstra interesse em ouvir, criar e contar histórias. Aceitam, de forma entusiasta, atividades de grupo, trabalham e brincam com harmonia e compreendem e demonstram a partilha para com o seu par. De modo geral, as crianças apresentam um controlo dos esfíncteres.

Quanto às dificuldades mais relevantes, a turma apresenta dificuldade ao nível da motricidade fina. Existem algumas crianças que revelam grandes dificuldades a vários níveis. Duas crianças apresentam grandes dificuldades ao nível da comunicação, expressando-se apenas através de sons o que torna a compreensão impercetível. Existe ainda uma criança que, segundo um relatório de um psicólogo, revela grandes dificuldades ao nível da socialização e no respeito de regras. Esta criança apresenta também um descontrolo motor.

### **2.2. Caracterização do espaço**

A sala do Bibe Amarelo B localiza-se num anexo separado do edifício principal do Jardim-Escola, assim como a sala do Bibe Amarelo A. Estas duas salas encontram-se lado a lado e contêm uma porta de ligação entre as duas. Nesta sala existem duas janelas que permitem a entrada de uma boa luz natural. Esta sala é espaçosa e encontra-se dividida em duas áreas principais com funções distintas. Numa destas áreas encontra-se um conjunto de almofadas que formam uma espécie de sofá, onde as crianças se dispõem sentadas para realizar atividades de grande grupo como ouvir histórias, realizar jogos ou visualizar imagem projetadas. Na outra área encontram-se as mesas onde as crianças realizam atividades individuais como exercícios de matemática ou fichas de trabalho. Nesta área existem três mesas, todas de formas

diferentes e irregulares. Em cada mesa ficam entre 6 a 10 crianças. Ao longo do ano, esta disposição é variável, de acordo com as necessidades dos alunos.

Na sala existem vários armários para arrumação das capas das crianças e material didático. Existe também um móvel com gavetas em que cada criança tem a sua gaveta onde coloca os trabalhos que realizam. Junto a uma das paredes encontra-se um espaço para brincar com vários brinquedos e, também, um espaço de biblioteca onde estão disponíveis vários livros. Numa das paredes encontram-se os cabides onde as crianças colocam os seus pertences. Ao longo das paredes encontram-se vários painéis de cortiça, onde a educadora expõe os trabalhos realizados pelas crianças.

### **2.3. Rotinas**

Como as restantes turmas, o Bibe Amarelo é recebido no salão e permanece na roda desde o início até ao seu final. Às 9h30m, ambas as turmas do Bibe Amarelo, dirigem-se às suas respetivas salas de aula para a realização de atividades. Nesta primeira parte da manhã, as atividades centram-se nos Domínios da Matemática e da Expressão Oral e Abordagem à Escrita

Das 10h30m às 11h da manhã, as crianças dirigem-se ao recreio para lanchar e brincar livremente. Segundo Hohmann e Weikart (1997) “o tempo no exterior permite às crianças brincarem juntas, inventar os seus próprios jogos e regras e familiarizarem-se com os ambientes naturais. Permite também aos adultos observar e interagir com as crianças num contexto que as faz sentirem-se confortáveis” (p. 231). Estes autores referem também que “no tempo de recreio exterior as crianças têm acesso a um conjunto de actividades e brincadeiras que habitualmente não fazem no interior” (p. 369). Depois do recreio, segue-se o segundo tempo de atividades, centradas na Área do Conhecimento do Mundo.

Seguidamente as crianças dirigem-se à casa de banho para a higiene das mãos, seguindo-se então o almoço no refeitório. Depois do almoço, as crianças voltam à sala de aula onde dormem a sesta. O descanso é fundamental em crianças desta idade. Segundo Hohmann e Weikart (1997) “o descanso é um período para dormir ou para concretizar actividades lúdicas, calmas, solitárias e da responsabilidade única da criança” (p. 232). Cordeiro (2010) afirma que “a sesta deve ser um passo da rotina, que a criança já antecipa quando está a fazer outras coisas anteriores, como lavar as mãos para ir comer” (p. 306). Terminada a sesta, as crianças realizam várias propostas de atividades e jogos individuais ou de grupo.

## **2.4. Horário**

Durante a manhã, para além das atividades nos Domínios da Matemática e da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, e, na Área do Conhecimento do Mundo, as crianças realizavam também outras atividades como a Ginástica, Educação Musical e Informática.

Antes do almoço, todas as crianças iam sempre à casa de banho para fazer a higiene das mãos. Depois do almoço as crianças iam novamente à casa de banho fazer a sua higiene antes de dormir a sesta. Como se pode verificar no horário do Bibe Amarelo B presente no **anexo D**, depois da sesta, as crianças realizam várias atividades no âmbito dos Domínios da Expressão Plástica, Dramática e Motora, realizando jogos ou fazendo construções com plasticina.

## **2.5. Relatos diários**

### **segunda-feira, 2 de janeiro de 2012**

Neste dia, devido à data, as educadoras do Jardim-Escola fizeram Roulement. Assim, a educadora Joana não esteve presente, estando apenas a educadora do Bibe Amarelo A.

No início da manhã, o Bibe Amarelo esteve no salão com as crianças do Bibe Encarnado. As crianças distribuíram-se por várias mesas e realizaram jogos de construção. Depois do recreio, a educadora levou as crianças para a sala de aulas. Leu a história “O coelhinho branco” e no final colocou questões sobre a mesma. De seguida realizou vários jogos com as crianças. Enquanto isso eu e as minhas colegas arrumámos os trabalhos realizados pelas crianças no mês de dezembro. Seguiu-se a higiene das mãos, o almoço e a sesta.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Relativamente às construções com os legos, as crianças mostraram grande interesse por esta atividade, realizando construções, individualmente, e em pequenos grupos. Segundo Moreira e Oliveira (2003), as crianças executam “construções com blocos, pedras, areia ou outros materiais e, nestas explorações vão aprendendo a distinguir, encaixar, comparar e transformar formas, bem como representá-las e a classificá-las e, ao fazerem isto, estão a aprender conceitos e a desenvolver capacidades espaciais” (p.40). Desta forma as crianças, ao realizarem construções com os legos, estão igualmente a explorar noções matemáticas.

Os jogos são também bons meios para desenvolver várias capacidades, valores e atitudes. Para Lamas (2007), “através dos jogos temos de promover junto dos jovens, crianças e adultos a criatividade, os valores da amizade, família, entreajuda, competição saudável, auto-estima, a aprendizagem, o exercício físico e mental” (p. 11). DeVries e Kammi (citados por Spodek e Saracho, 1998) argumentam que:

(...) os jogos em grupo podem ajudar as crianças a atingirem as metas da educação para a primeira infância, incluindo tornarem-se mais autônomas, desenvolverem a capacidade de descentrarem-se e coordenarem diferentes pontos de vista, expressarem ideias, problemas e questões interessantes e fazerem relações entre as coisas (p. 223).

Desta forma, é de grande importância que se proporcionem espaços e tempo de jogo.

### **terça-feira, 3 de janeiro de 2012**

A educadora começou por conversar com as crianças sobre as férias de Natal. A educadora pediu também a uma criança para preencher o mapa do tempo, de acordo com o estado do tempo verificado nesse dia.

De seguida, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática abordando a Teoria de Conjuntos. Nas mesas colocou várias imagens de guloseimas (rebuçados, gelados e chupa-chupas) e deu uma linha fronteira a cada criança. Começou por rever a noção de linha fronteira e por explorar o material em que as crianças associaram as cores das guloseimas ao sabor de frutos da cor correspondente. Ao longo da aula colocou várias situações problemáticas de adição e subtração, utilizando uma personagem. A educadora reviu ainda os conceitos de conjunto vazio e singular e trabalhou a noção de par. Por último fez um exercício de sequências.

Depois do recreio a educadora leu a história “A que sabe a lua?” e no final perguntou às crianças qual o sabor que gostariam que a lua tivesse. Depois disto as crianças jogaram ao jogo dos sapos.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Conversar com as crianças sobre o Natal ou outros assuntos, é um aspeto importante para que estas desenvolvam a sua capacidade de diálogo e comunicação. Como menciona Zabalza (1998), “A riqueza linguística da criança cresce pelo mero contacto com o meio: aprende novas palavras, utiliza com maior desenvoltura formas e expressões linguísticas, etc. (...) tal crescimento exige tempo e ajuda” (p.54). Este autor refere também que a capacidade comunicativa implica, entre outros fatores, que

a criança seja “cada vez mais capaz de falar com os demais e partilhar experiências” (p.54). Outro aspeto que achei importante foi o preenchimento do mapa do tempo. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) “se a observação do tempo faz parte de muitos contextos da educação pré-escolar, os conhecimentos de meteorologia (vento, chuva, etc.) são aspectos que interessam às crianças” (p. 81).

Na aula de Domínio da Matemática, a educadora trabalhou vários conceitos matemáticos. De acordo com Moreira e Oliveira (2003):

as experiências matemáticas que se proporcionam às crianças na Educação Pré-Escolar são essenciais para o seu crescimento matemático, não só em termos dos futuros conhecimentos escolares mas também porque no jardim de infância as crianças começam a construir e a desenvolver sentimentos sobre o que é a matemática e sobre si próprios (p.57).

A Teoria de Conjuntos foi um dos conteúdos importantes trabalhados nesta atividade, utilizando um material bastante apelativo. Caldeira (2009) defende que “agrupar objectos formando conjuntos que obedeçam a uma propriedade determinada, motiva e solidifica aprendizagens matemáticas” (p. 319). Segundo Spodek e Saracho (1998), “ao desenvolverem com as crianças os conceitos de quantidade, os professores podem começar fazendo com que elas agrupem objetos (...) Estes conjuntos podem ser compostos de coisas diferentes” (p. 309). Estes autores defendem que “este uso dos conjuntos tem uma aplicação prática para as crianças, tornando a matemática óbvia porque agora elas têm que modificar seu ambiente (pegar mais guardanapos ou canudos) a partir de um maior conhecimento dela” (p. 309). Ao longo da aula foi também alertando as crianças para a ingestão de doces em demasia lembrando os seus malefícios para a saúde.

Quanto à história, a educadora leu-a de uma forma dinâmica e audível, realizando inflexões de voz adequadas. Segundo Lopes (2006), “(...) a educadora deverá escolher livros exigentes do ponto de vista do vocabulário e dos conteúdos. Deverá ler em voz audível, procurando enfatizar as particularidades do texto (nomeadamente nas partes com discurso directo)” (p. 68). No final foi interessante ter perguntado às crianças qual o sabor que gostariam que a lua tivesse, tendo em conta os seus gostos.

### **sexta-feira, 6 de janeiro de 2012**

Neste dia recebemos a visita das orientadoras da Prática Pedagógica para a realização de aulas surpresa. Assisti à aula de uma colega no Bibe Amarelo A em que lhe foi pedida uma aula de matemática em que trabalhasse quantidades, através de

um material não estruturado. Distribuiu então a cada criança três imagens de galinhas de cores diferentes e colocou pedrinhas em cima das mesas para representar os ovos. Criou uma história para envolver a aula e colocou vários exercícios de adição e subtração.

No final estive presente na reunião com as orientadoras de Prática Pedagógica e todas as estagiárias, para a discussão das aulas dadas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Nesta aula as crianças deveriam ter realizado também exercícios onde comparassem as quantidades de ovos das galinhas. Para as crianças, comparar pequenas quantidades é fácil e é um exercício que, levará à compreensão da cardinalidade e, mais tarde, da ordinalidade. Henriques (2003) refere que as comparações globais “baseadas na intuição perceptiva, são os elementos fundadores da série numérica, objecto nocional que se constrói progressivamente e durante muitos anos” (p. 87).

No entanto, trabalhou algumas noções importantes como o lado direito e esquerdo, em cima, em baixo e entre, essenciais ao desenvolvimento da lateralidade e do esquema corporal. Segundo Martínez, García e Montoro (1992), “para que a criança possa organizar esquematicamente o espaço e conceber as posições e relações espaciais, necessita de ter uma sensação perfeita e clara do seu próprio corpo, da sua simetria, da paridade esquerda-direita, que lhe servirá cinestésicamente para orientar os movimentos, assim como o sentido do esquema corporal” (p. 29). Assim, é importante propor este tipo de exercícios, para que as crianças desenvolvam corretamente a sua lateralidade.

### **segunda-feira, 9 de janeiro de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática. Deu a cada criança três imagens de galinhas de cores e tamanhos diferentes e colocou pedrinhas nas mesas. Começou por comparar as cores e os tamanhos das galinhas e também por trabalhar noções de esquerda, direita e entre. Criou uma história para envolver a aula, em que o objetivo era utilizar os ovos das galinhas para fazer um bolo. Ao longo da aula, a educadora propôs exercícios de adição e subtração. As crianças realizaram também contagens e compararam quantidades. No final, apresentou às crianças o algarismo 1 e colocou-o exposto na sala de aula juntamente com a representação da sua quantidade.

Depois da aula de Música e do recreio, a educadora que festejou o seu aniversário, fez um bolo com as crianças. Algumas delas participaram ajudando a colocar alguns ingredientes.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na aula de Domínio da Matemática, através de uma situação do cotidiano, as crianças compararam quantidades e realizaram operações simples. Spodek e Saracho (1998) afirmam que “as crianças devem aprender a descrever, classificar, comparar, ordenar, igualar, unir e separar quantidades. Elas também devem se concentrar nos atributos dos objetos, incluindo a cor, a forma, o tamanho e a massa” (p. 307). Assim, com os exercícios realizados, as crianças desenvolvem o princípio da cardinalidade que, segundo Castro e Rodrigues (2008) “(...) é complexo para as crianças mais pequenas e vai-se construindo progressivamente, mais uma vez, recorrendo a inúmeras situações de contagem” (p. 19). A contagem de objetos é então importante pois, como referem as autoras anteriores “só através da criação de oportunidades em que se torne fundamental a contagem de objectos é que a criança vai sentindo a necessidade de conhecer os termos da contagem oral e de relacionar os números” (p. 17).

As atividades de culinária são apreciadas pelas crianças e proporcionam aprendizagens a vários domínios como a Matemática e a Ciência. Spodek e Saracho (1998) defendem que “cozinhar é uma atividade que se presta maravilhosamente bem à prática da matemática informal, bem como à integração com ciências para o ensino da nutrição” (p. 308). Estes autores referem também que este tipo de atividades ajuda as crianças a “(...) estar cientes dos diferentes instrumentos de medida: xícaras, colheres e outros, e aprender a enchê-los com cuidado, contando as quantidades que vão precisar para a receita” (p. 308). A educadora deu a oportunidade de algumas crianças participarem nesta atividade e isso é importante para que estas sintam que têm um papel ativo nas atividades.

### **terça-feira, 10 de janeiro de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, em que utilizou um dominó, feito em papel plastificado com bolas de cores e frutos. Antes de começar o jogo, pediu a uma criança que colocasse numa mesa três pratos e três copos de plástico, pela ordem que foi dizendo. Ao longo do jogo, algumas crianças foram colocando as peças do dominó, fazendo a contagem dos frutos. A educadora colocou também duas tigelas em cima da mesa, em que as crianças colocavam frutos de

plástico de acordo com a quantidade representada no dominó. Esses frutos eram divididos igualmente pelas duas tigelas.

Mais tarde, a educadora deu uma aula na Área Conhecimento do Mundo sobre os planetas. No chão colocou um grande plástico azul com a representação do sol. Simulou com as crianças uma viagem ao espaço fazendo referência aos astronautas e ao foguetão. Apresentou todos os planetas e mencionou a principal característica de cada um. No final ensinou às crianças uma canção sobre os planetas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A aula de Domínio da Matemática foi muito interessante, divertida e lúdica. Através de um jogo tradicional, que as crianças manipulam frequentemente, trabalhou inúmeros conceitos como os frutos, as cores, contagens e quantidades. Spodek e Saracho defendem que “a brincadeira educativa pode assumir muitas formas. O papel chave dos professores nela é modificar a brincadeira natural espontânea das crianças para que ela adquira um valor pedagógico, ao mesmo tempo em que mantém as suas qualidades lúdicas” (p. 215). Como defende Caldeira (2009) “o espaço escolar pode-se transformar num espaço agradável, prazeroso, para que as brincadeiras e jogos permitam ao educador alcançar sucesso em sala de aula. A ludicidade e a aprendizagem não podem ser consideradas como ações com objetivos distintos” (p.40). Desta forma, as crianças mantiveram-se interessadas durante a atividade.

Através dos frutos, as crianças realizaram o processo de divisão. Segundo Barros e Palhares (1997) as operações a introduzir têm ser “(...) ligadas a objectos e coisas que façam sentido para a criança e têm de permitir uma manipulação dos objectos e coisas de forma a que a operação seja executada sobre elas” (p. 62).

Mais uma vez, destaco aqui a importância do ensino das ciências na educação pré-escolar. Segundo Martins e Osborne (citados por Rodrigues e Vieira, 2009), “(...) o ensino das ciências deverá começar nos primeiros anos e fornece bases sólidas, ainda que de nível elementar, sobre as áreas mais importantes, e deverá ser atractivo para cativar as crianças para a continuação dos estudos em ciências”. Rodrigues e Vieira (2009) defendem a necessidade da emergência da educação em ciências na educação pré-escolar “(...)”:

conduzindo a uma mudança na prática didáctico-pedagógica dos agentes educativos, para que se apercebam que educar em ciências é educar para a vida, com relevância para o desenvolvimento de competências científicas e tomem consciência dos benefícios que esta educação terá no sentido de construir competências de índole científica e investigativa e desenvolver uma literacia científica.

Esta foi uma aula onde a educadora transmitiu conhecimentos complexos de uma forma lúdica e simples para crianças desta faixa etária.

### **sexta-feira, 13 de janeiro de 2012**

A educadora começou com uma aula de Domínio da Matemática utilizando os Blocos Lógicos e linhas fronteiras. Fez a revisão dos conjuntos vazio e singular, e dos atributos das peças. Para complementar, utilizou dois dados: um dado com as cores das e o outro com as formas das peças. As crianças lançavam os dados e as restantes tinham de escolher uma peça com os dois atributos selecionados. A educadora foi representando os conjuntos no quadro e colocando, com algarismos móveis, a quantidade de elementos do conjunto. No final, fez ainda duas sequências utilizando as cores e as formas das peças.

Enquanto metade da turma teve aula de informática, a outra metade realizou uma ficha de trabalho, em que as crianças tinham de pintar, com tintas e pincéis, as peças dos Blocos Lógicos. À medida que terminavam esta atividade, brincavam livremente pelas diversas áreas da sala: biblioteca, cozinha, jogos, etc.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Os Blocos Lógicos são um material matemático estruturado que funciona como um jogo, composto por 48 peças distintas. Segundo Damas et al. (2010), “cada peça lógica tem quatro propriedades/valores referentes a quatro variáveis: forma, cor, espessura e tamanho” (p. 13). De acordo com estes autores “o uso destas peças lógicas permite a realização de actividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica, indispensáveis à compreensão de noções básicas e fundamentais” (p. 13). Caldeira (2009) ressalva que a principal função deste material “(...) é dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação” (pp. 368-369). A exploração de conjuntos é uma das atividades que se podem realizar com este material. Damas et al. (2019) defendem que “a exploração das propriedades/valores das peças lógicas através da utilização de esquemas/diagramas e com o auxílio de etiquetas, permite uma multiplicidade de situações distintas onde estão envolvidos conceitos matemáticos fundamentais” (p. 14). Nesta aula, a educadora utilizou um diagrama de Venn para representar os conjuntos. Damas et al. (2010) afirmam que “nos diagramas de Venn, todos os elementos com a mesma propriedade são incluídos no interior de uma mesma linha fechada. Estes diagramas surgirão numa fase inicial, utilizando

apenas uma só propriedade” (p. 15). Esta atividade foi bem complementada com os dois dados.

### **segunda-feira, 16 de janeiro de 2012**

Neste dia a aula de música foi dada em conjunto com as duas turmas do Bibe Amarelo. Durante esta aula, eu e as minhas colegas estivemos noutra sala a fazer a decoração das capas dos alunos para arquivar os trabalhos realizados no 2.º período.

Depois do recreio, a educadora deu uma aula de matemática em que utilizou um quadro com vários elementos (casa, árvores de fruto, lado, etc.). No lugar, as crianças trabalharam com palhinhas. Ao longo desta aula, a educadora trabalhou quantidades, a noção de par e também adições e subtrações. No final, apresentou o número dois e colocou-o exposto na sala. Na parte final da aula, realizou-se uma sessão fotográfica, onde as crianças foram fotografadas a realizar a atividade.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

As palhinhas constituem um dos materiais não estruturados com um rico interesse pedagógico. Segundo Caldeira (2009), com materiais como este “(...) é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça” (p. 317). A complementação com o quadro foi interessante pois permite criar um tema envolvente para a aula e também um melhor enquadramento nos exercícios pedidos.

Ao longo desta atividade, as crianças realizaram exercícios diversos que permitem desenvolver o sentido do número. Castro e Rodrigues (2008) afirmam que “quando falamos de crianças em idade pré-escolar, o sentido de número pode ser entendido como um processo no qual elas vão aprendendo a compreender os diferentes significados e utilizações dos números e a forma como estes estão interligados” (p. 11). Caldeira (2009) refere que “nos primeiros anos, o desenvolvimento das crianças, relativamente aos números e à numeração, à representação e comparação de quantidades e mesmo às operações (de adição e subtração) é enorme” (p. 331). Com a utilização do quadro a educadora criou situações que retratam o quotidiano, tornando mais fácil a associação da matemática à resolução de problemas.

### **terça-feira, 17 de janeiro de 2012**

No início da manhã, a educadora contou a história “Caracolinhos de Ouro”. Para tal, utilizou as imagens das personagens, e no quadro, colocou as imagens dos

objetos que fazem parte da história. À medida que foi contando a história, a educadora trabalhou vários conceitos matemáticos como os tamanhos (grande, médio e pequeno) e as quantidades.

Depois do recreio, a educadora deu uma aula de Conhecimento do Mundo sobre o Sistema Solar, onde transmitiu às crianças os movimentos de rotação e translação. Distribuiu a algumas crianças um colar com a imagem dos planetas e também do Sol. As crianças que representavam o Sol, sentaram-se no chão, e as que representavam cada planeta, rodavam à volta do Sol. A criança que tinha o planeta Terra rodava ainda sobre si mesma. No final, repetiram a atividade com as restantes crianças e cantaram uma canção sobre os planetas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Aliar uma história a uma atividade de Domínio da Matemática é uma boa estratégia para desenvolver uma boa aprendizagem de conteúdos matemáticos. Segundo Caldeira (2009) podemos associar “(...) canções, lengalengas, jogos, histórias, situações do quotidiano que contribuam para aquela aprendizagem” (p. 332). Para Castro e Rodrigues (2008) “uma das funções do Jardim-de-Infância é criar ambientes de aprendizagem ricos, em que as crianças se possam desenvolver como seres de múltiplas facetas, construindo percepções e bases onde alicerçar aprendizagens” (p. 12). A utilização das imagens no quadro foi uma boa estratégia, o que permitiu uma visualização dos objetos de contagem. Esta foi também uma aula onde foi privilegiada a comunicação oral. Castro e Rodrigues (2008) afirmam que “a comunicação oral é um excelente meio de desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da organização reflexiva de ideias e dos vários tipos de raciocínio e é uma competência fundamental no desenvolvimento matemático das crianças” (p. 33). Através da história as crianças puderam também observar e comparar tamanhos.

A forma como a educadora explicou os movimentos de rotação e translação foi adequada à idade das crianças. Utilizar as próprias crianças para exemplificar estes movimentos é uma estratégia simples e explícita para elas.

### **sexta-feira, 20 de janeiro de 2012**

Na primeira parte da manhã, as duas turmas do Bibe Amarelo estiveram no refeitório a fazer pizzas para o almoço. As educadoras fizeram a massa e algumas crianças ajudaram a colocar os ingredientes e a amassar. Depois distribuíram um pouco de massa a cada criança para que fizessem a base da piza e, por fim, cada uma colocou os ingredientes.

Depois do recreio, a turma teve aula de informática, dividida em dois grupos. Nesta aula as crianças realizaram jogos didáticos no computador sobre as figuras geométricas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A elaboração da piza foi uma atividade interessante e divertida para as crianças. Cada uma fez a sua piza de acordo com o seu gosto. Para a realização desta atividade, as crianças saíram da sala de aula onde decorrem a maioria das atividades. A mudança de espaço deve ser proporcionada, visto que o espaço educativo se estende para além da sala de aula. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), é descrito que:

o espaço educativo não se limita ao espaço partilhado pelo grupo; situa-se num espaço mais alargado – o estabelecimento educativo – em que a criança se relaciona com outras crianças e adultos, que, por sua vez, é englobado pelo meio social, um meio social mais vasto (p. 39).

Na sociedade atual, as crianças têm contacto com as novas tecnologias desde muito cedo. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “(...) as novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente” (p. 72). Nestas Orientações é defendido que “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário” (p. 72). Tarouco, Roland, Fabre e Konrath (2004) defendem que, “a utilização de jogos computadorizados na educação proporciona ao aluno motivação, desenvolvendo também hábitos de persistência no desenvolvimento de desafios e tarefas”. Estes autores referem ainda que os jogos informáticos desenvolvem a flexibilidade cognitiva “(...) pois funcionam como uma ginástica mental, aumentando a rede de conexões neurais e alterando o fluxo sanguíneo no cérebro quando em estado de concentração”.

Assim, os jogos informáticos são uma atividade importante que permite o contacto da criança com a tecnologia e com o código informático.

### **segunda-feira, 23 de janeiro de 2012**

A educadora começou por dar uma aula na Área do Conhecimento do Mundo, cujo tema foi o movimento de rotação do planeta Terra. Para tal, utilizou um globo e dois bonecos. Assim, a educadora tomou a posição do Sol e explicou que a Terra está

sempre a girar em volta do Sol. Isto faz com que na parte onde o sol incide seja dia, e na outra parte seja noite.

A educadora deu também uma aula de Domínio da Matemática, utilizando os Blocos Lógicos. Com este material, e utilizando uma personagem, a educadora colocou situações problemáticas, onde as crianças realizaram construções e desenvolveram o cálculo mental. No final, apresentou o algarismo 3 e colocou-o exposto na sala de aula.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A utilização do globo terrestre e dos bonecos foi uma boa estratégia para explicar a sucessão do dia e da noite. É uma estratégia perceptível para as crianças, cumprindo o rigor científico. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), a área do Conhecimento do Mundo é uma sensibilização às ciências:

(...) que aponta para a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano: a história, a sociologias, a geografia, a física, a química e a biologia... que, mesmo elementares e adequados a crianças destas idades, deverão corresponder sempre a um grande rigor científico” (p. 81).

Assim, as crianças puderam observar este movimento de uma forma real e explícita.

Os Blocos Lógicos permitem também a realização de construções, que podem surgir através de uma história. Damas et al. (2010) afirmam que, em atividades com este material “poderão surgir construções que permitam a criação de uma história” (p. 17). Através das construções, as crianças resolveram situações problemáticas através do cálculo mental. Barros e Palhares (1997) defendem que “assim que os procedimentos das operações tomadas individualmente tenham sido devidamente introduzidos, é possível passar para o nível primeiro da abstracção, que é o do plano mental” (p. 65). Para Carraher (citado por Fontes, 2010) “o cálculo mental deve ser enfatizado, pois esta atividade matemática tem sólidas bases na compreensão do número e do sistema decimal, habilidades que devem ser utilizadas, e não desprezadas, pela escola” (p. 33). É então importante que sejam proporcionadas situações de cálculo mental.

### **terça-feira, 24 de janeiro de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática em que utilizou o 1.º dom de Fröebel. Começou por fazer uma revisão das cores das bolas e

por realizar exercícios de lateralidade. No chão, desenhou, com giz, sete círculos com as cores das bolas, que serviram de “casinhas” para as mesmas. Assim, foi pedindo às crianças que colocassem as bolas na casinha respetiva. Realizou ainda outro exercício em que utilizou um dado com pintas e outro com as cores das bolas. As crianças lançaram os dados e tinham de dar o número de saltos na casinha da cor que saía no dado.

Mais tarde, a educadora leu a história “A Carochinha”. No final, realizaram o jogo “Coelhos à toca”.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O 1.º dom de Fröebel, segundo Caldeira (2010), “é composto por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de crochet, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo” (p. 243). De acordo com esta autora é um material de grande interesse pedagógico que desenvolve “a aprendizagem das cores; estruturação espacial; lateralização; desenvolvimento verbal, enriquecimento de vocabulário; jogos de memória; seriação; conjunto; contagem” (p. 243). Todos estes conteúdos devem ser trabalhados com crianças desta idade, tendo estas de manipular objetos para construir a sua noção de espaço. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “é a partir da consciência da sua posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objectos que ocupam um espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto e fechado, em cima e em baixo” (p. 73). Segundo Spodek e Saracho (1998), “As crianças devem operar sobre os materiais, e os professores devem formular perguntas sobre as relações entre os objetos para ajudá-las a formalizar sua compreensão destes conceitos” (p.312). Este material constitui assim um bom meio para desenvolver várias capacidades.

### **sexta-feira, 27 de janeiro de 2012**

Neste dia recebemos uma visita das professoras orientadoras da Prática Pedagógica para a realização de aulas surpresa. Foi-me então solicitada uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde trabalhei a história “O coelhinho Afonso” de Luísa Ducla Soares. À medida que ia lendo a história, fui pedindo às crianças que reproduzissem os sons dos animais presentes. De seguida, realizei o jogo “O rei manda”, em que pedi às crianças que imitassem vários animais e

cantei com elas a canção “O coelho Alberto”. No final, pedi às crianças que se sentassem nos seus lugares e que moldassem, com plasticina, o animal da história que gostaram mais.

Depois da minha aula, assisti à aula de uma colega, também de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde leu uma história dada por uma professora orientadora. No final de todas as aulas, estive presente na reunião de reflexão e avaliação de todas as aulas dadas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Quanto à minha aula, foi-me apontado que deveria ter explorado mais a história, inclusive as imagens do livro. Moreira (2002) defende que “(...) há que dar atenção destacada às histórias infantis e fazer delas o melhor aproveitamento em todas as ocasiões e todos os sentidos” (p. 139). Através da exploração de histórias infantis, as crianças desenvolvem o espírito crítico. Para este autor, “recorrendo às histórias infantis (tanto do agrado da criança), ao mesmo tempo que a criança é preparada para a leitura e a escrita, ou se inicia nelas, cresce a oportunidade de desenvolver o espírito crítico” (p. 139). O desenvolvimento do espírito crítico permite à criança “(...) aprender a ler, gostar de ler, transmutar conhecimentos em saberes, adquirir competências, formar-se com o que lê” (p. 139).

No final, foi uma boa estratégia ter pedido às crianças que moldassem as personagens da história em plasticina, aliando a leitura à expressão plástica. Como é mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009):

á expressão plástica a duas dimensões acrescentam-se as possibilidades tridimensionais, como a modelagem. A modelagem pode utilizar materiais diversos desde os mais dúcteis, como a areia molhada até aos mais consistentes como o barro, de preferência, mas também a plasticina e a pasta de papel, passando eventualmente pela massa de cores (p. 63).

De acordo com Aguëra (2008), “é maravilhoso que as crianças pequenas gostem de criar. É a melhor forma de contribuir para o desenvolvimento do pensamento, ao mesmo tempo que lhes incentiva a auto-estima e, obviamente, se aumentam destrezas e habilidades” (p.103). Para além de desenvolver também capacidades motoras, a modelagem com plasticina é uma atividade muito apreciada pelas crianças.

### **segunda-feira, 30 de janeiro de 2012**

Nesta manhã, a educadora começou por contar a história “Menina do Capuchinho Vermelho no séc. XXI” de Luísa Ducla Soares. Ao longo da história foi

explicando às crianças o que ia acontecendo e também explicando o significado de algumas palavras mais complexas.

A educadora também deu uma aula de Domínio da Matemática, onde trabalhou sequências. Para tal, utilizou flores de várias cores e tamanhos, coladas em tampas de plástico. Ao longo da aula, as crianças realizaram três sequências, com vários graus de dificuldade.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A história que a educadora leu às crianças era complexa em termos de vocabulário. No entanto, esta teve o cuidado de explicar o significado das palavras mais difíceis. Assim, a leitura de histórias contribui para o desenvolvimento linguístico da criança. Villas-Boas (2002) refere que:

ao proporcionar modelos para um discurso organizado, ao fornecer exemplos de frases mais complexas, ao permitir o alargamento de vocabulário da criança e a construção de novos significados, a actividade de ler e contar histórias a crianças contribui, decisivamente, para aumentar os seus conhecimentos sobre todos os aspectos da língua (p. 81).

Para Lopes (2006) “dispor de um número alargado de vocábulos e saber utilizá-los adequadamente, é uma condição favorável à aprendizagem da leitura e da escrita e também uma condição de sucesso nas relações interpessoais e na vida em geral” (p. 22).

No Domínio da Matemática a educadora realizou mais uma atividade prática, utilizando um material alternativo. Aranão (1996) defende que, com estes materiais, “(...) é possível fazer um trabalho criativo, prazeroso e educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça” (p. 35).

O objetivo principal desta aula foi trabalhar a noção de sequência. Caldeira (2009) afirma que “a capacidade de seriação e ordenação por tamanho, cor, o processo de ordenar uma sequência, de modo a que se reconheça uma relação de precedência e sucessão, são actividades que devem ser propostas de modo a que as crianças “trabalhem” atributos que tenham um sentido real, para evitar a descontextualização” (p. 319). A reprodução de sequências e padrões desenvolvem ainda o raciocínio lógico. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) é referido que “o desenvolvimento do raciocínio lógico supõe ainda a oportunidade de encontrar e estabelecer padrões, ou seja, formar sequências que têm regras lógicas subjacentes” (p. 74). Para além das sequências, foram trabalhados outros conceitos, como as cores e os tamanhos.

### **terça-feira, 31 de janeiro de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, utilizando um Dominó das Formas Geométricas, um dado com cores e um outro com formas geométricas. Utilizou também uma grande caixa cheia de bolas, onde colocou os Blocos Lógicos. As crianças sentaram-se no sofá e no chão em forma de “u”, realizando o jogo no chão. Ao longo da aula, todas as crianças participaram lançando os dados, e jogando com as peças do dominó. Consoante as formas expressas no Dominó, as crianças tinham de retirar da caixa uma peça dos Blocos Lógicos, respeitando os atributos referidos. Através deste material, exploram as formas geométricas e as cores.

Depois do recreio, as crianças jogaram ao jogo “coelhos à toca”.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A aula de Domínio da Matemática permitiu desenvolver várias capacidades através de uma brincadeira educativa. As brincadeiras educativas, entretanto, servem a um propósito pedagógico, ao mesmo tempo em que se mantém sua função de “satisfação pessoal” (p. 215). Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) é mencionado que este tipo de jogos:

são um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens matemáticas, como por exemplo: comparação e nomeação de tamanhos e formas, designação de formas geométricas, distinção entre formas planas e em volume e, ainda, comparação entre formas geométricas puras e objectos da vida corrente (p. 76).

O principal objetivo desta aula foi que as crianças identificassem as diversas formas geométricas. Spodek e Saracho (1998), defendem que “as crianças pequenas também podem aprender a identificar e comparar as formas básicas (...) ao identificar estas formas, as crianças aprendem a contar lados e ângulos, ou “cantos”. Posteriormente, elas podem comparar os lados para diferenciar um quadrado de um retângulo” (p. 312). Mendes e Delgado (2008) defendem que “é importante que as crianças sejam envolvidas em actividades nas quais tenham de observar e manipular objectos com várias formas geométricas, de modo a irem desenvolvendo a capacidade de reconhecer essas formas” (p. 10).

As brincadeiras motoras como o tipo de jogo praticado neste dia, devem ser realizadas constantemente com as crianças. De acordo com Spodek e Saracho (1998), “as brincadeiras motoras envolvem ações musculares amplas, como correr, saltar ou andar de triciclo que ajudam as crianças a desenvolverem suas habilidades motoras ou a aprenderem a usá-las em situações novas” (p. 216). Através destes

jogos, as crianças desenvolvem capacidades motoras importantes para o crescimento físico.

### **sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática onde trabalhou a noção de quantidade, associando-a ao algarismo. Como material, distribuiu palhinhas e deu a cada criança um envelope com os algarismos 1, 2 e 3. No quadro, tinha um painel com uma paisagem, onde se incluíam vários meios de transporte para a realização de situações problemáticas envolvendo duas personagens. Ao longo da aula, as crianças representaram quantidades até 3 com as palhinhas e associaram-nas ao algarismo correspondente.

Enquanto metade da turma esteve na aula de informática, a educadora ficou com a outra metade na sala, onde deu uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à escrita. Realizou uma atividade em que tinha três sacos diferentes: saco das ações; dos locais e dos objetos. Cada saco continha várias imagens, em que as crianças tiraram uma de cada saco. Com estas três imagens, criaram uma história na oralidade.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A aula de Domínio da Matemática foi muito importante para desenvolver a noção de quantidade e do algarismo. A aquisição do conceito de número e quantidade é gradual. Como menciona Zabalza (1998) “A criança só poderá ir adquirindo o conceito de número ou quantidade à medida que vai sendo mais capaz de manter a permanência do número de elementos ou quantidade destes” (p.292). Com a utilização do painel, as crianças visualizaram as imagens e as situações colocadas que se inserem no seu quotidiano.

Criar uma história a partir elementos ao acaso, é uma atividade muito importante para desenvolver a criatividade e imaginação. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) as histórias “(...) recontadas ou inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler” (p. 70). Atividades como esta desenvolvem ainda capacidades como a linguagem e a comunicação.

### **segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012**

Nesta manhã, realizou-se no Jardim-Escola um concerto musical protagonizado pelo grupo “Os Corvos”. Todas as turmas da Educação Pré-Escolar dirigiram-se ao ginásio, onde este grupo deu um concerto instrumental onde foram tocadas várias músicas infantis e clássicas.

Depois do concerto, eu e as minhas colegas estivemos a pintar formas, feitas em massa de moldar.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O concerto realizado no Jardim-Escola é uma iniciativa muito importante, pois as crianças devem ter a oportunidade de ouvir música ao vivo. Como referem Hohmann e Weikart (1997) as crianças “ver pessoas a criar música mesmo em frente aos seus olhos e mover ao compasso de sons ao vivo dão novas dimensões à compreensão que as crianças têm da música e às percepções que têm de si próprias como criadoras de melodias” (p. 660). Assim, as crianças apreciam observar, ouvir e movimentar-se ao som de música proveniente de instrumentos.

### **sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática em que trabalhou as formas geométricas. Para tal, colocou no chão um “tapete” que representava um lago. Dentro do lago estavam peixes de várias cores e tamanhos que continham várias formas geométricas. A educadora tinha duas canas de pesca que continham um íman e também dois baldes. Com o auxílio de dois dados (um dado com cores e outro com formas), as crianças tinham de pescar os peixes com a cana de pesca, de acordo com os critérios selecionados pelos dados, e colocá-los nos baldes.

No restante tempo da manhã, eu e as minhas colegas estivemos a pintar telas, para o presente que as crianças vão fazer para o Dia do Pai.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A aula de Domínio da Matemática foi lúdica e divertida. Apesar de ser um material realizado pela educadora, tem um grande potencial, onde as crianças trabalharam vários conteúdos como as formas geométricas e as cores e desenvolveram capacidades e destrezas como a coordenação óculo-manual e a concentração. Spodek e Saracho (1998) afirma que “muitas vezes, alguns dos materiais mais estimulantes para objetivos pedagógicos resultam da engenhosidade

dos professores” (p. 218). Segundo Moreira e Oliveira (2003), “um ambiente apropriado e materiais bem escolhidos podem ajudar as crianças a explorar as características e as propriedades dos objectos bi e tridimensionais, levando-as a compará-los, agrupá-los e descrevê-los, usando o seu próprio vocabulário” (p.91). Para que um material tenha potencialidade para desenvolver capacidades nas crianças, basta que o educador seja criativo.

### **segunda-feira, 5 de março de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática, utilizando flores de três tamanhos e cores diferentes, coladas em tampas de plástico. A cada criança distribuiu uma bolsa com algarismos móveis até ao 5. Usou ainda o fantoche. Começou por pedir às crianças que colocassem os algarismos por ordem crescente. De seguida, realizaram vários exercícios de soma e subtração, associando as quantidades aos algarismos. Realizaram também uma sequência.

Depois do recreio, a educadora deu uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, em que leu a história “Atirei o pau ao gato”. Ao longo da história explorou as imagens. No final, as crianças ouviram um CD em que era contada a história, ouvindo também a música “Atirei o pau ao gato”.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A utilização de algarismos móveis nesta atividade desenvolveu dois aspetos importantes. Em primeiro lugar, as crianças trabalharam a ordinalidade, colocando os algarismos por ordem crescente. De acordo com Caldeira (2009) sentido ordinal do número desenvolve-se “(...) após a contagem oral envolve capacidades mais complexas. A criança compreende que a sequência numérica está organizada de acordo com uma ordem, e cada número ocupa um lugar bem definido dando uma determinada ordem” (p. 334). Castro e Rodrigues (2008) referem que:

o sentido ordinal do número diz respeito a compreender que a sequência numérica está organizada de acordo com uma ordem, em que cada número ocupa um lugar bem definido, que não pode ser alterado e que nos pode dar indicações em relação a uma determinada seriação (p. 19).

Em segundo lugar, as crianças associaram o símbolo gráfico à quantidade que este representa. Segundo Spodek e Saracho (1998), “as crianças pequenas precisam de experiências que as ajudem a associar nomes ou símbolos aos números que eles representam” (p. 309).

A história que a educadora leu às crianças foi bastante apreciada. No final voltaram a ouvir a mesma mas, através de um CD de áudio. Spodek e Saracho (1998) afirmam que “as gravações sonoras também propiciam bons recursos para a aprendizagem. Gravações comerciais de canções e histórias podem ser um autêntico espelho de uma cultura” (p. 335). Esta é mais uma estratégia possível para ler histórias às crianças de uma forma apelativa.

### **terça-feira, 6 de março de 2012**

Nesta manhã, todas as atividades das crianças foram realizadas e conduzidas por mim e o tema foi os meios de transporte e as profissões dos mesmos. As planificações referentes a estas atividades estão presentes no **anexo E**. Comecei por dar uma aula de Domínio de Conhecimento do Mundo, utilizando um livro com imagens de alguns transportes e de profissionais deste setor. Fiz uma revisão das características de quatro transportes (avião, navio, comboio e autocarro) e, para cada um deles, apresentei uma profissão. No final, realizei uma atividade de correspondência entre a profissão e o transporte.

De seguida dei uma aula de Domínio da Matemática. Como material, elaborei um “tapete” de grandes dimensões com a paisagem de uma cidade com as várias vias de comunicação (estrada, linha de ferro, etc.), transportes elaborados com caixas de cartão, “bonecos” e algarismos móveis. Através de duas personagens principais, que fizeram uma viagem utilizando vários transportes, realizei várias situações problemáticas de soma e subtração. Trabalhei ainda aspetos como a cor e o tamanho.

Depois do recreio, dei uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita em que li a história “O Ratinho Marinheiro” de Luísa Ducla Soares. Comecei por explorar a capa do livro e depois li a história. Ao longo da mesma, coloquei algumas imagens expostas na parede e, à medida que contava a história, as crianças tinham de perceber qual a imagem correspondente. No final, realizei uma atividade de Expressão Plástica em que, com uma casca de noz, um palito e uma folha em papel, as crianças construíram um barco. Com plasticina moldaram o ratinho da história e colocaram-no dentro do barco.



Figura 7 – Atividade de Domínio da Matemática



Figura 8 – O Ratinho Marinheiro

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na aula de Domínio do Conhecimento do Mundo, coloquei questões pertinentes e bem formuladas às crianças. Ao longo da aula, preocupei-me também em ouvir o que as crianças tinham para dizer sobre o tema em questão. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar” (p. 80). No entanto, aconteceram algumas situações de indisciplina, em que algumas crianças não tiveram um comportamento adequado. Isto deveu-se ao facto de eu não ter sido assertiva com as crianças para o cumprimento de regras. Como afirma Zabalza (1998) “a definição de um marco claro de regras de comportamento dá segurança às crianças uma vez que, dessa maneira, ficam a saber o que se espera que façam em cada momento” (pp.232-233).

Na aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita explorei a capa do livro e as imagens do mesmo. Ao ter imagens para as crianças associarem ao que ouviam, foi um exercício importante para desenvolver a concentração da atenção das crianças, que se mantiveram atentas à história. Segundo Poslaniec (2005) com as crianças no jardim-de-infância é “possível ligar a abordagem de apropriação dos livros e a abordagem lúdica, brincar a partir de livros ilustrados, o que é uma forma de trabalhar sobre o respectivo conteúdo e de o aprofundar” (p. 67). A elaboração do Ratinho e do seu barco foi uma atividade que permitiu desenvolver a criatividade das crianças. Para além disso, foi um trabalho tridimensional que é de extrema importância e que nem sempre é realizado. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “se a expressão plástica a duas e três dimensões estará presente durante toda a educação pré-escolar, a expressão tridimensional tem uma importância fundamental para as crianças mais pequenas” (p. 63). No final, os resultados desta

atividade foram bastante originais. Ao longo de todas as atividades, considero também que todo o material utilizado estava bem elaborado e que foi explorado pelas crianças.

#### **sexta-feira, 9 de março de 2012**

Nesta manhã, estiveram presentes alguns dos pais das crianças do Bibe Amarelo para participar nas atividades escolares. Depois de receber os pais, a educadora realizou um jogo de equipas de pais contra filhos. Cada equipa lançava um dado de cores e a educadora explicava a tarefa descrita num cartão com a cor correspondente. Nestas atividades, pais e filhos realizaram exercícios como “pescar” peixes num lago, reconhecer peças dos Blocos Lógicos e imitar animais. No fim, realizaram, em grupos, um puzzle. Antes do recreio, os pais viram os trabalhos realizados pelos filhos ao longo do ano.

Depois do recreio, a educadora organizou com os pais a dramatização da história “O Coelho Afonso”. Os pais encarnaram as personagens usando as máscaras dos animais, dramatizando a história.

Por fim, pais e filhos jogaram ao jogo das cadeiras.

#### **Inferências/ fundamentação teórica**

É importante que as escolas tomem a iniciativa de organizar atividades de envolvimento com as famílias dos alunos, promovendo uma aproximação e uma boa comunicação entre a escola e as famílias. Spodek e Saracho (1998) referem que “o contato pessoal e a interação propiciam um meio para a comunicação entre as famílias, entre os pais e a equipe e entre os pais e as atividades em andamento nos serviços” (p. 167). O papel do educador/professor torna-se também fulcral, na medida em que este deve escolher estratégias adequadas para promover esta aproximação com as famílias dos seus alunos. Como defende Reis (2008) “Será necessário que o professor dos nossos dias seja criativo e consiga fazer esta aproximação da família com a escola. Ele próprio também faz parte de uma família” (p. 61). Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) é referido que:

o educador, ao dar conhecimento aos pais e a outros membros da comunidade do processo e produtos realizados pelas crianças a partir das suas contribuições, favorece um clima de comunicação, de troca e procura de saberes entre crianças e adultos (p. 45).

Durante toda a manhã, os pais forem bem recebidos pela educadora e incentivados em participar nas atividades. Para os pais, como refere Conner (citado por Reis, 2008), “é importante que eles se sintam bem recebidos na escola e pela escola” (p. 75).

Sendo assim, para que as crianças obtenham sucesso escolar, a participação da família no processo educativo é muito importante, devendo ser proporcionadas atividades de interação entre educadores, pais e alunos.

### **segunda-feira, 12 de março de 2012**

Neste dia estiveram presentes no Jardim-Escola as professoras orientadoras da Prática Pedagógica, a fim de avaliar aulas programadas e de realizar aulas surpresa. Assim, assisti a três aulas surpresa de Domínio da Matemática onde foi sempre utilizado o material Blocos Lógicos.

Em primeiro lugar, assisti à aula de uma colega em que lhe foi solicitado que trabalhasse sequências com as crianças. Na aula seguinte, foi pedida a realização de exercícios para desenvolver o reconhecimento de peças, através dos seus atributos. Na última aula a que assisti, foi também solicitada a realização de sequências.

No final da manhã, estive presente na reunião com todas as orientadoras da Prática Pedagógica em que todas as aulas foram discutidas e avaliadas. Depois da reunião, eu e as minhas colegas estivemos a decorar telas para o presente do Dia do Pai.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na primeira aula a que assisti, a colega em questão deveria ter adotado estratégias diversificadas e mais motivantes para as crianças. Segundo Carita e Fernandes (1997):

é igualmente importante cuidar da força motivadora das actividades, do seu poder de interessarem os alunos, ao mesmo tempo que os envolvem na realização de trabalhos úteis às aprendizagens. Para que tal ocorra torna-se necessário que as actividades assumam formas diversas e que constituam em simultâneo desafios às potencialidades dos alunos e oportunidades de realização bem sucedidas (p. 90).

Com o decorrer da aula o grupo foi perdendo um pouco o interesse o que causou alguma indisciplina. Desta forma, não conseguiu realizar sequências no tempo estipulado. Assim, deveria ter adotado também algumas medidas preventivas. Como afirma Zabalza (1998) "(...) o professor necessitará deste tipo de medidas sempre que note que o grupo lhe está a "fugir" das mãos, que começa a reinar o desconcerto ou a faltar a motivação e a implicação das crianças na tarefa" (p.235).

Para que as crianças adotem um comportamento adequado no decorrer de atividades de aprendizagem, é então necessário que estas se sintam motivadas.

### **terça-feira, 13 de março de 2012**

Nesta manhã, todas as atividades foram lecionadas por uma das minhas colegas de estágio e teve como objetivo principal a revisão dos estados da água. Esta começou por dar uma aula de Domínio da Matemática, em que distribuiu duas personagens dos “Smurfs” a cada criança e espalhou imagens de vários frutos. Durante a aula trabalhou quantidades e cálculos. Depois desta aula, as crianças sentaram-se no chão e realizaram o Jogo da Memória, que continha imagens dos frutos e das personagens da aula.

Na aula da Área do Conhecimento do Mundo, fez uma revisão dos estados da água através de uma atividade experimental que consistia na confeção de gelatina. No final as crianças provaram a gelatina.

Na aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, contou a história “A Menina Flor”. No fim as crianças sentaram-se nos seus lugares e realizaram um puzzle com uma imagem da história, colando-o depois numa ficha.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A confeção da gelatina é uma atividade familiar das crianças, visto ser um alimento bastante apreciado por elas. Desta forma, a sua confeção é uma boa estratégia para rever com as crianças os estados da água e, ao mesmo tempo, sensibilizá-las para a prática do trabalho experimental. Segundo Baptista e Afonso (citados por Rodrigues e Vieira, 2009), “a abordagem de assuntos científicos no pré-escolar, através do trabalho experimental, deve permitir alargar, expandir e aprofundar os saberes, a experiência directa e as vivências imediatas das crianças”. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) mencionam que “a escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menor complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses, das capacidades das crianças e também do apoio que lhes é dado pelo educador” (p.83). Cabe ao educador sensibilizar as crianças para as ciências, aproveitando o que elas já sabem, indo de encontro com os seus interesses e despertar a sua curiosidade e desejo de saber mais.

### **sexta-feira, 16 de março de 2012**

Nesta manhã, as atividades foram preparadas e lecionadas por outra colega de estágio. O tema principal das atividades foi as profissões sociais. Começou então por

dar uma aula de Domínio da Matemática, utilizando palhinhas, algarismos móveis e um fantoche. Começou por pedir às crianças que colocassem os algarismos de 1 a 5 por ordem crescente e, de seguida, colocou questões de cálculo envolvendo a soma, a subtração e a divisão.

De seguida, deu uma aula na Área do Conhecimento do Mundo, em que colocou um grande painel no chão com uma cidade, onde as crianças se sentaram à volta. Utilizou um carro com dois animais, em que estas personagens se deslocaram pela cidade, conhecendo vários locais e profissões sociais (escola, hospital, parque, quartel dos bombeiros e estação dos correios). Ao longo da aula mostrou imagens de várias profissões.

Por fim, deu uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita onde leu a história “O gato e o rato” de Luísa Ducla Soares. No final da história, as crianças fizeram um desenho sobre a mesma e colocaram-na numa “caixa do correio”.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

As profissões constituem um dos temas inseridos na Área do Conhecimento do Mundo, que deve ser abordado para o desenvolvimento dos saberes sociais. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a Área do Conhecimento do Mundo inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social, que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de educação pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo” (p. 81). Desta forma, para aprofundar os saberes sociais, na aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, as crianças poderiam ter um envelope com um selo para colocarem o desenho que realizaram.

### **segunda-feira, 19 de março de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, utilizando o *Cuisenaire*. Começou por fazer uma revisão das cores e dos valores das peças, até à peça amarela. As crianças construíram a escada, em que a educadora introduziu o termo ordem crescente. Com as peças em tamanho grande, a educadora realizou também a escada. Com um sapo, fez exercícios em que este subia e descia a escada. Por fim, realizou uma sequência com duas peças e cantou uma canção sobre o material.

Depois da aula de música, contou a história “Doidas andam as galinhas”. No final, colocou o CD com a história e a canção para as crianças ouvirem. Enquanto isso, algumas crianças terminaram o presente para o Dia do Pai.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O material *Cuisenaire*, para além de desenvolver a lógica matemática, tem um grande valor a nível sensorial. Como refere Caldeira (2009), “as peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação” (p. 126). Assim, este material deve ser iniciado nesta idade, em que as crianças estão em processo de experimentação sensorial. Visto que as crianças já tinham trabalhado com este material anteriormente, já estão capazes de as manipular sozinhas. Nesta fase, as crianças utilizam apenas as cinco peças menores deste material. Damas et al. (2010) afirmam que:

após um primeiro contacto com as Barras Cuisenaire é conveniente trabalhar, numa primeira fase, com as cinco barras de tamanho mais pequeno para uma melhor compreensão dos objectivos previstos – realizar contagens progressivas e regressivas; comparar e ordenar números e utilizar a simbologia  $>$ ,  $<$ ,  $=$  (p. 68).

Nas atividades realizadas em que as crianças identificaram os tamanhos e as cores das peças, as crianças estão a “trabalhar” a memória, a ordenação, o conceito de cor e do número (Caldeira, 2009, p. 130). Através deste material, a educadora abordou também o sentido ordinal do número. Como afirma Lorenzato (2006), “a contagem envolve sempre dois aspectos do número, que são estreitamente ligados: o ordinal e o cardinal” (p. 36). Assim, para além de trabalhar a cardinalidade, é também muito importante desenvolver a ordinalidade do número.

### **terça-feira, 20 de março de 2012**

A educadora começou por dar uma aula na Área do Conhecimento do Mundo, em que falou sobre os diversos tipos de habitação. Para tal, as crianças realizaram o jogo dos pares. À medida que as crianças descobriam as imagens, a educadora abordou alguns aspetos sobre as diversas habitações (prédio, vivenda, tenda, casa de palha, casa de madeira e iglô). No final, perguntou às crianças em que tipo de casa gostariam de viver.

A educadora deu ainda uma aula de Domínio da Matemática, utilizando os Blocos Lógicos e vários cartões com os atributos das peças deste material. Durante a aula utilizou uma personagem, contando uma história. Com as peças, as crianças construíram uma casa e uma árvore. Para tal, a educadora colocou cartões no quadro, em que as crianças tinham de escolher peças com as características pedidas. No final, a educadora colocou uma série de cartões, em que as crianças tinham de retirar uma peça com as características expressas nos mesmos.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na aula de Conhecimento do Mundo, a utilização do jogo foi uma boa estratégia. De acordo com Spodek e Saracho (1998), “na sala de aula, os professores podem usar jogos para praticar os conteúdos das áreas acadêmicas” (p. 233).

O exercício em que as crianças tinham de identificar peças através de atributos expressos em cartões, é um dos exercícios que permite desenvolver o raciocínio lógico através de um código expresso. Caldeira (2009), defende que “é importante convencionar-se com as crianças um código que lhes permita identificar separadamente cada atributo das peças. Esse código fará com que as crianças pensem nos atributos dos blocos, mesmo sem os terem à mão” (p. 367). A educadora utilizou também cartões com símbolo de negação. De acordo Alsina (2004), “os atributos podem ser afirmativos, se existem, e negativos, se não existem (...) e representam-se por meio de etiquetas” (p. 13). Segundo esta autora, “todos os atributos das diferentes qualidades têm de poder combinar-se entre si, de modo que a combinação final seja lógica” (p. 14). Assim, o educador deve ter muita atenção neste tipo de exercícios para não contradizer o objetivo básico deste material.

### **sexta-feira, 23 de março de 2012**

Nesta manhã, uma das minhas colegas de grupo de estágio deu a sua aula programada de 60 minutos, avaliada pela equipa da Prática Pedagógica. O tema desta aula foi as divisões da casa. Na Área do Conhecimento do Mundo, mostrou um painel com a imagem do interior de uma casa e colocou questões às crianças sobre as divisões da mesma, explorando vários objetos pertencentes a cada divisão. Fez também um jogo em que espalhou no chão várias imagens de objetos. As crianças escolhiam as imagens e colocavam-nas na caixa com a imagem da divisão correspondente.

Seguiu-se a aula de Domínio da Matemática, em que utilizou os Blocos Lógicos. Começou por colocar questões sobre as características das peças e, de seguida, pediu que construíssem duas casas de acordo com as características que pedia.

Por fim, na aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, contou a história “Os três porquinhos”, mostrando imagens. No final, escolheu quatro crianças para fazer a dramatização da história.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na atividade de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, foi importante ter contado um conto tradicional. De acordo com Barros (2008), “os contos tradicionais são exemplo de uma herança cultural colectiva, focalizada nas vivências humanas. Mediante uma linguagem própria, recorrendo ao «maravilhoso», grandes emoções são experimentadas nestas histórias, onde estão simbolizados conflitos humanos universais”. A mesma autora salienta que “o bem e o mal estão presentes, mas ao serem representados simbolicamente (em personagens do maravilhoso) e afastados temporalmente (“Era uma vez...”; “Há muito, muito tempo...”), permitem que a criança encontre significados que lhe serão úteis”, sem que se trace uma linha direta com as suas vivências reais. Cordeiro (2010) defende que, para crianças de três anos, os contos tradicionais são muito importantes, referindo que, nesta idade, “as histórias têm de ser mais complexas, estando completamente ao seu alcance os Três Porquinhos, o Capuchinho Vermelho, o Gato das Botas ou qualquer desses contos infantis ou fábulas” (p. 340).

A dramatização da história, realizada pelas crianças foi também muito importante. Como refere Cordeiro (2010), “(...) a seguir ao conhecimento da história surge a fase de experimentação, e é preciso proporcionar materiais simples, mas que permitam disfarçar-se e levar à cena esses enredos” (p. 340). Desta a forma, as crianças interiorizaram a história e colocaram-na em prática transformando-se nas próprias personagens.

## **Terceira secção: Encarnado B**

**Período de estágio:** 10 de abril a 22 de junho de 2012

### **3.1. Caracterização da turma**

A turma do Bibe Encarnado B é composta por trinta crianças, das quais 17 são do sexo masculino e 13 são do sexo feminino. Esta turma é relativamente homogénea em termos de idade.

Segundo as informações disponibilizadas pela educadora, a nível cognitivo, os elementos do grupo não revelam grandes disparidades de aprendizagem e comportamento. A nível geral, a turma é bastante interessada e participativa em todas as atividades. Ainda assim, verificam-se alguns casos que apresentam dificuldades de concentração. Existe uma criança com grandes capacidades cognitivas, sabendo ler fluentemente.

A nível afetivo, o grupo não revela grandes problemas de relacionamento. No entanto verifica-se a existência de grupos de interesse em partilhar brincadeiras e conversas. Há alunos mais extrovertidos e comunicativos e outros que só comunicam se lhes for solicitado. Existem ainda duas crianças que apresentam dificuldade na interiorização de regras.

### **3.2. Caracterização do espaço**

O Bibe Encarnado não tem uma sala isolada, tendo como espaço de aprendizagem um salão principal que dá acesso a outras salas. O salão deste Jardim-Escola tem entrada direta pela porta principal do mesmo e uma outra entrada a partir de um dos espaços de recreio. Visto que existem duas turmas do Bibe Encarnado, este salão está dividido em duas partes por um biombo.

O Bibe Encarnado B encontra-se no espaço do lado esquerdo, a partir da entrada principal. Este espaço tem duas áreas principais: uma área com mesas destinada a atividades individuais e um espaço livre destinado a atividades de grupo. No primeiro espaço referido existem cinco mesas. Cada mesa tem as cadeiras de uma cor específica e, em cada uma delas, ficam cerca de 6 crianças. Na outra área, o espaço encontra-se livre para, quando necessário, colocar uma tela de projeção e almofadas no chão para as crianças se sentarem. A disposição deste espaço varia consoante a atividade. Numa das paredes do salão, encontram-se várias janelas contínuas e uma porta para o recreio, que é comum às duas áreas do salão. Ainda

assim, o salão dispõe de pouca luz natural. Neste espaço existem vários armários para arrumação das capas de arquivo dos trabalhos das crianças, materiais de trabalho, materiais audiovisuais, materiais didáticos estruturados como o *Cuisenaire*, os Blocos Lógicos e os Calculadores Multibásicos, e não estruturados. Em todas as paredes existem painéis de cortiça onde são expostos os trabalhos realizados pelas crianças, materiais diversos e as datas de aniversário das crianças. Esta parte do salão tem também entrada direta para a cozinha, para o refeitório e para as escadas que dão acesso às salas do 3.º e do 4.º ano.



Figura 9 – Salão do Bibe Encarnado B

### 3.3. Rotinas

O Bibe Encarnado permanece na roda até às 9h30m da manhã. Quando esta termina, a educadora leva às crianças à casa de banho para a higiene das mesmas. No primeiro tempo da manhã, as crianças realizavam atividades nos Domínios da Matemática e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Depois do recreio, onde lanchavam e brincavam livremente, o segundo tempo da manhã era dedicado a atividades da Área do Conhecimento do Mundo.

Às 12h, as crianças voltavam à casa de banho para fazer a higiene das mãos. Como menciona Cordeiro (2010), “a lavagem das mãos é reconhecida em casa, nos infantários e jardins-de-infância e nos estabelecimentos alimentares como um dos mais eficientes métodos de prevenção de doenças” (p. 105). Desta forma, as crianças incutiam a importância de lavar as mãos, interiorizando este ato na sua rotina diária. Seguidamente dirigiam-se ao refeitório para almoçar. Segundo Hohmann e Weikart (1997) “as refeições são períodos para as crianças e os adultos apreciarem comida saudável num contexto social apoiante” (p. 232). Cordeiro (2010) “estimular regras de comportamento civilizado é de fundamental importância e deve ser ensinado/aprendido precocemente” (p. 69).

### **3.4. Horário**

Durante a manhã, as atividades realizadas centravam-se nos Domínios da Matemática e da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, e na Área do Conhecimento do Mundo. Para além destas, as crianças realizavam também outras atividades como a Ginástica, Educação Musical e Informática.

Antes do almoço, todas as crianças iam sempre à casa de banho para fazer a higiene das mãos. Depois do almoço, as crianças dirigiam-se ao recreio onde brincavam livremente. Como se pode verificar no horário do Bibe Encarnado B presente no **anexo F**, na parte da tarde, as crianças realizam várias atividades no âmbito dos Domínios da Expressão Plástica, Dramática e Motora, como: rasgagem e colagem, desenho livre e orientado, modelagem, picotagem, jogos de mesa, etc.

### **3.5. Relatos diários**

#### **terça-feira, 10 de abril de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática utilizando o material *Cuisenaire*. Utilizou também as barras deste material em grandes dimensões para representar os exercícios. Começou por colocar questões sobre o material e as crianças fizeram a escada crescente, lendo-a por cores e por valores. Depois realizaram alguns exercícios de exploração das peças, referindo os números pares e ímpares, e fizeram o jogo dos comboios. Por fim, fizeram uma construção livre com quatro peças à escolha. No final, a educadora fez um comboio com as crianças e circularam pelas mesas para observarem todas as construções.

Antes do recreio, a educadora sentou as crianças no chão e conversaram sobre as férias da Páscoa.

Depois do recreio, a turma dividiu-se em dois grupos. Um grupo teve aula de Informática, enquanto o outro ficou no salão a jogar ao “loto dos animais”, e vice-versa. Na aula de informática, jogaram com o Tangran no computador. Durante o almoço, eu e as minhas colegas estivemos a desenhar um painel para decorar o salão.

#### **Inferências/ fundamentação teórica**

O *Cuisenaire* é um material de grande interesse pedagógico para desenvolver competências numéricas. Alsina (2004) refere que “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tao

necessário para poder passar ao cálculo mental” (p. 34). Com este material é possível realizar vários jogos para a aprendizagem de conceitos matemáticos. O jogo dos comboios, segundo Caldeira (2009), consiste em pedir à criança para:

(...) colocar à sua frente na posição horizontal, uma determinada peça. Depois solicitamos que procure as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça, colocando outras em linha recta, unidas pelas extremidades (...) quando não houver mais comboios para essa estação fechamos, colocando outra peça igual, à primeira (p. 137)

Esta autora refere ainda que as crianças devem ser estimuladas a fazerem comboios com várias carruagens, consoante as capacidades e destrezas que se pretendem desenvolver (p. 137). O objetivo principal deste jogo é a decomposição de números. Esta atividade contribui para que a criança desenvolva e entenda as relações entre os números e, também entre quantidades. Castro e Rodrigues (2008) afirmam que “o estabelecimento de relações numéricas facilita o cálculo mental e a compreensão do sentido das operações” (p. 23). Para que as crianças desenvolvam estas relações “precisam dum trabalho mais contínuo e persistente do educador, com materiais mais apelativos e estruturantes” (p. 23).

O facto de terem usado as peças deste material em grandes dimensões foi muito importante para que todas as crianças do grupo conseguissem visualizar e perceber os exercícios realizados.

### **sexta-feira, 13 de abril de 2012**

No início da manhã, as crianças dirigiram-se ao ginásio para a aula de ginástica. Enquanto isso, eu e a minha colega estivemos a pintar o painel iniciado no dia anterior.

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, utilizando os Calculadores Multibásicos e algarismos móveis. Durante a aula, as crianças trabalharam a pares, em que uma manipulou os Calculadores e a outra os algarismos. A educadora começou por fazer uma revisão do material e das suas regras de utilização. Na parede colocou uma personagem e peças de vestuário das cores das peças dos Calculadores Multibásicos. As crianças colocavam as peças nos furos correspondentes e o algarismo correspondente à quantidade. Trabalhou os conceitos de número par e ímpar e a comparação de quantidades. Fizeram também uma divisão com as peças e a sua indicação com os algarismos.

Durante a hora de almoço, eu e as minhas colegas estivemos a moldar círculos com pasta de moldar para o presente do Dia da Mãe.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Antes de iniciar a atividade, a educadora lembrou com as crianças as regras de utilização do material. Visto ser um material que foi introduzido há pouco tempo, é importante lembrar as regras para que as crianças as interiorizem. Segundo Spodek e Saracho (1998) “a introdução de novos materiais e equipamentos requer alguma orientação. Os professores podem falar com seus alunos sobre como os materiais são usados e quais as suas limitações” (p. 226). Os exercícios realizados nesta fase, consistem essencialmente em reconhecer as cores das peças e os seus respetivos furos. Como afirma Caldeira (2009) “deve ser ensinado ao aluno que a cada furo corresponde uma cor de peças, o que significa uma ordem numérica” (p.189).

O trabalho a pares é uma atividade que deve ser promovida na sala de aula. Sanches (2001) defende que o professor deve “usar e “abusar” do ensino pelos pares para que se possa desenvolver o sentido de solidariedade, dentro da sala de aula e na escola” (p. 71). Assim, segundo esta autora, é importante “criar o gosto pelo trabalho em pares, aproveitando a disponibilidade de uns para dar e de outros para receber” (p. 71). Desta forma, a aprendizagem da matemática pode ser proporcionada através de atividades a pares ou em grupo.

### **segunda-feira, 16 de abril de 2012**

A educadora começou por dar uma aula do Domínio da Matemática, utilizando o 3.º Dom de Fröebel. No chão, colocou as peças deste material em tamanho grande, feitas em esferovite. Distribuiu também a cada criança a imagem de um “boneco”. Começou por colocar algumas questões sobre o material, referindo o sólido geométrico que as peças representam, o número de faces e de vértices. Seguidamente realizaram as construções: cama; mesa e cadeiras; colunas; muro baixo; muro alto; cadeirão e comboio. Ao longo das construções, realizaram operações de cálculo mental e a educadora pediu a algumas crianças para realizarem as construções com as peças grandes.

Depois desta aula, a educadora sentou as crianças no chão em semi-círculo e colocou-lhes algumas adivinhas. Para além das adivinhas, as crianças recitaram alguns poemas em coro.

Mais tarde, a educadora deu uma aula na Área do Conhecimento do Mundo sobre os répteis, utilizando um PowerPoint com imagens. Ao longo da aula mostrou imagens de vários animais desta classe, abordando as principais características.

## **Inferências/ fundamentação teórica**

Na aula de Domínio da Matemática, foi importante que a educadora tenha utilizado uma personagem, distribuindo a imagem a cada criança. Desta forma envolveu os exercícios realizados numa história. Caldeira (2009) defende que:

as construções podem ser exploradas através de uma história ou de uma situação problemática isolada. No entanto, é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história (p. 255).

Mais tarde, a educadora trabalhou a poesia e as adivinhas. A poesia é um dos tipos de texto que deve ser trabalhado com as crianças. Segundo Agüera (2008) a poesia é um bem necessário porque:

(...) com ela dotamos os mais pequenos com recursos e fórmulas defensivas às constantes agressões de que são objecto (...) faz prevalecer uma espécie de conjura para exterminar o mais belo que tem o ser humano: a sua capacidade de criar, de sentir, de amar a beleza que emana de tudo o que existe (p. 24).

Verifiquei que as crianças desta turma já aprenderam alguns poemas, adequados à sua idade. Esta autora defende que:

Quando as crianças são mais pequenas, devem ler-se-lhes quadras e poemas muito curtos e fazer com que os repitam e aprendam. Para tal temos de procurar temas apropriados para a sua idade e que estejam ao alcance dos seus interesses e vocabulário. idem(p. 25).

As adivinhas têm também um papel importante para que a criança possa desenvolver o raciocínio de uma forma lúdica. Agüera (2008) afirma que “as adivinhas, a todos os níveis, são uma boa fórmula para que as crianças tenham de pensar, ao mesmo tempo que as diverte” (p. 110). Desta forma, tanto a poesia como as adivinhas devem ser exploradas, com as crianças, para o desenvolvimento de competências linguísticas.

### **terça-feira, 17 de abril de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, utilizando o Tangram. A educadora utilizou no quadro as peças deste material em tamanho grande. Começou por colocar algumas questões às crianças sobre o material. No decorrer da aula realizaram várias construções como: menino; gato; cão e casa. Ao longo da realização das construções as crianças realizaram várias operações de cálculo mental.

Enquanto metade do grupo esteve na aula de Informática, a outra metade ficou no salão a realizar uma ficha, em que tinham de pintar uma imagem para posteriormente, elaborarem um puzzle. Eu e as minhas colegas auxiliámos algumas crianças na realização do presente para o Dia da Mãe.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O Tangram é um material estruturado com grandes propriedades para o desenvolvimento da geometria. Alsina (2005) defende que:

a sua utilização no ensino da Matemática é de grande interesse para aprofundar a análise das diferentes formas geométricas, tanto no que se refere às suas propriedades (lados formados por linhas rectas ou curvas, número de lados de cada figura, etc.), como nas relações que se podem estabelecer entre as diferentes figuras (composição e decomposição de figuras (p. 82).

Segundo Caldeira (2009) “o Tangram favorece uma diferente abordagem da geometria. Com este “puzzle” geométrico pode-se obter uma variedade de formas: figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas” (p. 398). Esta autora refere ainda que “a obtenção de figuras por junção de outras, confere a este puzzle potencialidades na realização de actividades de percepção visual no plano ou seja, a capacidade de isolar partes de um todo que se considera como fundo” (p. 398). Este é então um material de grande potencialidade, que as crianças apreciam.

### **sexta-feira, 20 de abril de 2012**

Enquanto as crianças estiveram na aula de Ginástica, eu permaneci no salão a forrar caixas de cartão para o presente para o Dia da Mãe.

Mais tarde, a educadora deu uma aula no Domínio da Matemática utilizando o 4.º dom de Fröebel e um painel com uma paisagem. Utilizou também as peças do material, feitas em esferovite, em grandes dimensões. A cada criança deu a imagem de um “boneco”. Começou a aula colocando questões sobre o material. Ao longo da mesma, as crianças realizaram várias construções como: cama; mesa e cadeira; banco de jardim; duas cadeiras e carrossel. A aula foi envolvida numa pequena história envolvendo a personagem e a paisagem do painel. Ao longo da mesma, realizaram várias operações de cálculo mental.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Segundo Caldeira (2009) “no 4.º dom as construções são diferentes e obviamente são maiores as possibilidades de exploração. Estas construções requerem das crianças, maior destreza manual, mais equilíbrio, assim como uma maior “ginástica” mental” (p. 260). Antes de iniciar a realização de construções, é importante explorar o material e a respetiva caixa. Como refere a mesma autora “a forma exterior da caixa, o material de que é feita, são aspectos que poderemos explorar sem ser exaustivos” (p. 267).

A complementação da aula com a utilização do quadro e das peças de grandes dimensões, tornou a atividade mais apelativa e motivou as crianças. As crianças gostam de ser ativas nas tarefas e manipular os materiais disponíveis. À medida que as crianças manipulavam as grandes peças do 4.º dom de Fröebel, era notória a sua alegria e interesse. Como referem Balancho e Coelho (1996), a missão do professor consiste em “(...) identificar e despertar, por meio de processos didáticos e pedagógicos adequados à evolução das crianças e dos jovens, as necessidades, os interesses e, conseqüentemente, as motivações que existem dentro de cada aluno” (p. 47). Arends (1995) salienta também que “as estratégias que os professores utilizam para motivar o aluno individual e o trabalho que fazem para ajudar a turma a desenvolver-se enquanto grupo são os ingredientes para a construção de ambientes de aprendizagem produtivos” (p. 122). Desta forma, é importante que as estratégias utilizadas para as situações de aprendizagem, sejam adequadas, criativas e motivadoras para as crianças.

### **segunda-feira, 23 de abril de 2012**

Neste dia a educadora começou por dar uma aula no Domínio da Matemática utilizando o 3.º e o 4.º dom de Fröebel em simultâneo. Para o envolvimento da aula, utilizou uma personagem e também as peças deste material em esferovite e de grandes dimensões. Ao longo da aula as crianças realizaram as seguintes construções: mobília de quarto; mobília de sala; escadaria e camioneta. No decorrer das construções colocou questões de cálculo mental às crianças.

Depois da aula, a educadora sentou as crianças no chão, em roda, e jogaram ao jogo “O carteiro”.

No restante tempo da manhã, eu e as minhas colegas auxiliámos as crianças na concretização do presente para o Dia da Mãe.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Depois de explorados individualmente, o 3.º e o 4.º dom de Fröebel devem ser utilizados em simultâneo. Como menciona Caldeira (2009), com a sua junção “podemos fazer construções e cálculos mais elaborados e complexos. As crianças dispõem de 16 peças: 8 cubos e 8 paralelepípedos” (p. 277).

O jogo que foi realizado mais tarde é uma boa estratégia para realizar no final de uma aula para as crianças se divertirem. Para além disso, desenvolve aptidões físicas e também sociais. Valentim (s.d.) as brincadeiras infantis são fundamentais “(...) ao desenvolvimento das aptidões físicas e mentais das crianças, sendo um agente facilitador para que esta estabeleça vínculos sociais com os seus semelhantes, descubra sua personalidade, aprenda a viver em sociedade e preparar-se para as funções que assumirá na idade adulta”. É importante que, ao longo do dia, sejam proporcionados momentos de jogo.

### **terça-feira, 24 de abril de 2012**

Nesta manhã, estive presente no Jardim-Escola uma equipa de formação para promover a Região Autónoma dos Açores. Esta equipa falou sobre as várias ilhas deste arquipélago e dos aspetos principais das mesmas (natureza, vulcões, atividades desportivas, gastronomia, etc.).

Antes do recreio, contei à turma a história “Beijinhos, beijinhos”.

Seguiu-se a aula de informática, à qual fui assistir. Nesta aula, as crianças desenharam frutos no computador. De seguida, estive a concluir os presentes para o Dia da Mãe.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A formação, que decorreu para promover a Região Autónoma dos Açores, foi importante para as crianças, visto que foi criada uma situação de comunicação em que as crianças tiveram de saber ouvir e de expressar as suas ideias. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007), “cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitem às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores” (p.68).

Na aula de Informática, as crianças realizaram uma atividade interessante. Campos (1994) menciona que as “aplicações multimédia são utilizadas para combinar um certo número de modos de aquisição de conhecimentos, por forma a produzir um

ambiente multissensorial capaz de responder a uma variedade de estilos de aprendizagem” (p. 14). As crianças utilizaram o computador para desenhar, que constitui uma das atividades que mais realizam no seu dia-a-dia. Campos (1994) refere ainda que:

os alunos são especialmente curiosos acerca da tecnologia informática. Os professores poderão apoiar esta curiosidade natural e o desejo de explorar o computador, através da criação de ambientes adequados, com a inclusão de materiais e experiências que motivem os alunos a utilizar interações como extensões de outras experiências de aprendizagem; testando ideias e conceitos em modos físicos, visuais, tácteis, auditivos, cognitivos e sociais (p. 19).

É então importante que se proporcionam atividades informáticas que permitam às crianças adquirir conhecimentos, aliando o uso das novas tecnologias.

### **sexta-feira, 27 de abril de 2012**

Esta manhã, foi dedicada à minha aula programada e supervisionada pela equipa de supervisores do Estágio Profissional. Toda a minha aula teve como tema principal a zebra. As planificações referentes a estas atividades estão presentes no **anexo G**. Comecei pelo Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita onde li a história “A zebra Camila”. Para ler a história, tinha a personagem principal em tamanho grande e a três dimensões, com que as crianças interagiram ao longo da atividade.

Seguiu-se a aula no Domínio da Matemática em que utilizei o material Calculadores Multibásicos. As crianças trabalharam a pares, em que uma delas usou os Calculadores e a outra, algarismos móveis. No quadro utilizei imagens de laços com as cores das peças do material. Através da personagem da história lida, coloquei exercícios usando os laços que as crianças reproduziram com o material.

Por fim, fiz uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo para abordar as características da zebra. Para tal fiz, com as crianças, o jogo dos pares com imagens ilustrativas das características da zebra.

No final da manhã decorreu uma reunião com a equipa de supervisão e todas as estagiárias para a reflexão das aulas dadas.



Figura 10 – A zebra Camila

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Um dos objetivos das aulas programadas é preparar atividades em três áreas de conteúdos, cujo tema principal é comum a todas. Nestas atividades que preparei, todas elas se interligaram com o tema principal – a zebra. Desta forma, promove-se a interdisciplinaridade. Para Pombo, Guimarães e Levy (1993) a interdisciplinaridade “(...) significa interação mútua, interdependência e interfecundação entre várias disciplinas” (p. 26). Sanches (2001) refere a importância de relacionar o conteúdo com outras matérias/disciplinas para que haja interação entre as aprendizagens. Assim, afirma que “é a interdisciplinaridade, é o trabalho em equipa que proporcionam oportunidades de interação e de partilha de saberes” (p. 51).

No Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, no que diz respeito à leitura da história, deveria ter feito uma leitura mais expressiva. A leitura expressiva também contribui para o desenvolvimento do espírito crítico. Como defende Moreira (2002) a leitura poderá ser orientada para “(...) despertar o espírito crítico das crianças, quando realizada com vivacidade e dinamismo”. Para este autor “o ideal será diversificar os modos de expressão, para facilitar o desenvolvimento comunicativo das crianças” (p. 142).

Na aula de Domínio da Matemática, devia ter gerido melhor o tempo, pois ultrapassei o limite de tempo estipulado. Com o passar do tempo, as crianças foram ficando desmotivadas e a aula perdeu o seu interesse. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), é importante “prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças” (p. 40). Desta forma, é necessária uma boa planificação das atividades, tendo em conta o tempo disponível e o tipo de exercícios que se pretendem realizar.

### 30 de abril, 1, 4 e 7 de maio de 2012

Durante estes dias, não estive presente no Jardim-Escola, visto que participei na viagem de finalistas à Tunísia.

No decorrer desta viagem, tive a oportunidade de visitar duas escolas da cidade de Hammamet. Em ambas as escolas, visitei as salas de aula das crianças, passando pelo ensino pré-escolar até ao 2.º ciclo. Em cada uma das salas onde estive presente, assisti a pequenas atividades realizadas pelas turmas como, a aula de Língua Árabe, a aula de Língua Francesa e Informática. Em cada uma das turmas, o professor explicou um pouco sobre as atividades praticadas.

Para além das visitas às escolas, visitámos também vários pontos culturais de grande interesse com as Ruínas Romanas de Douga, o Coliseu Romano de El Jem, o Museu do Bardo em Tunis, a cidade de Cartágo e o deserto do Sahara.



Figura 11 – Escola em Hammamet.



Figura 12 – Exercício de Língua Árabe.

### Inferências/ fundamentação teórica

Esta viagem foi um momento importante para a minha formação. Tive a oportunidade de visitar duas escolas, podendo assim conhecer um pouco dos métodos de ensino deste país. Com estas visitas verifiquei que as atividades praticadas no ensino pré-escolar são semelhantes às praticadas em Portugal. As crianças ouvem histórias, realizam ilustrações, trabalham conteúdos matemáticos e realizam atividades no domínio das expressões como a expressão plástica e a expressão musical. No ensino básico, assisti a atividades na área da língua materna do país – o árabe – e também na área da segunda língua – o francês – que todas as crianças aprendem desde o 3.º ano.

Outro aspeto muito interessante nesta viagem foi o facto de ter visitado locais e monumentos históricos deste país. A cultura é um aspeto muito importante que o

professor deve adquirir. Uma das formas de nos “enriquecermos” culturalmente é realizar viagens e conhecer a história de vários países.

### **terça-feira, 8 de maio de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita onde leu a história “Elmer e Alber”. Para tal, utilizou um livro em tamanho grande e distribuiu a algumas crianças as imagens da história, numeradas de acordo com a história. À medida que ia lendo, as crianças tinham ir colocar as imagens no livro, por ordem. De seguida, a minha colega Joana leu a história “O voo do golfinho”.

Mais tarde a educadora deu uma aula na Área do Conhecimento do Mundo sobre os crustáceos, utilizando um PowerPoint com imagens. Começou a aula fazendo uma revisão sobre as classes de animais de que falaram anteriormente. Explorou as imagens de vários crustáceos com as crianças, abordando as principais características deste grupo de animais.

Por fim, a educadora deu uma aula no Domínio da Matemática, utilizando os Blocos Lógicos. Distribuiu às crianças cartões com três atributos diferentes em que estas tinham de escolher uma peça que respeitasse os mesmos. Realizou outro exercício com cartões diferentes, que continham figuras para as crianças preencherem com as peças do material. Para finalizar, realizaram outro exercício em que a educadora mostrava um cartão com um atributo e as crianças tinham de levantar uma peça que o respeitasse.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

É fulcral que as crianças, ao longo do seu dia no jardim-de-infância, escutem histórias. Lopes (2006) refere que a atividade de ler para as crianças é essencial e que, “esta actividade deve passar de esporádica e casuística, a sistemática, organizada e intencional. Deve pois, na medida do possível, existir um momento do dia que poderá ocupar entre 30 a 60 minutos e que constitui o «momento da leitura»” (p.68). Ao ler a história e através da sua expressividade, a educadora mostrou às crianças o quanto é prazeroso ler. Para o autor anterior, “a promoção do gosto pelos livros e pela leitura exige que os adultos que lidam com as crianças demonstrem gosto e interesse por este tipo de actividade e acreditem no seu valor” (p. 67). Este autor refere ainda que é “desejável que a organização das actividades, dos espaços e das rotinas traduzam a importância que a leitura e a escrita têm na nossa sociedade e o quanto delas depende o futuro de cada criança e de cada sociedade” (p. 67).

Hohmann e Weikart (1997) defendem que:

através da leitura de histórias às crianças (...) cria-se um laço emocional e pessoal muito forte, de forma a que as crianças passam a associar a satisfação intrínseca a uma relação humana muito significativa com as histórias e a leitura. Na medida em que o processo se venha a repetir frequentemente, as crianças passam também a estabelecer as conexões entre a palavra escrita e falada, e a ganhar uma compreensão de como usar a linguagem para contar histórias (p. 547).

Na aula de Conhecimento do Mundo, a utilização de um PowerPoint é uma boa estratégia para que as crianças visualizem imagens grandes e de qualidade. Segundo Spodek e Saracho (1998), “as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas possam se concentrar no que é importante” (p. 335). Esta estratégia alia também esta área às tecnologias de informação e comunicação. Silveira-Botelho (2009), salienta que as tecnologias de informação e comunicação são “mais um recurso pedagógico, que o professor deve utilizar, pois vai desenvolver uma nova linguagem (reúne informação gráfica, sonora, textual e visual...) e um novo ambiente social” (p.114). Assim, é fundamental que o docente utilize este tipo de meios, de forma a desenvolver determinadas capacidades nas crianças.

#### **sexta-feira, 11 de maio de 2012**

Neste dia, uma das minhas colegas de grupo de estágio lecionou a sua manhã de aulas programada e avaliada pela equipa de supervisão do Estágio Profissional. Esta aula teve como tema principal o agricultor. Começou por uma atividade no Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, onde leu a história “Quem comeu as minhas uvas?”, através de um livro em tamanho grande. No final, espalhou as imagens da história para as crianças as colocarem por ordem. Seguiu-se a aula no Domínio da Matemática, em que utilizou o 4.º Dom de Fröebel e distribuiu a imagem de um agricultor a cada criança. Durante a aula as crianças construíram o poço, a cama, a mesa e a cadeira. Por fim, deu a aula na Área do Conhecimento do Mundo, em que falou de vários aspetos da profissão de agricultor. Para tal, vestiu uma roupa típica de agricultor, mostrou vários instrumentos agrícolas e algumas imagens. No final as crianças semearam cenouras e alfaces.

No final da manhã decorreu a reunião com a equipa de supervisão do Estágio Profissional e com as estagiárias, para a reflexão das aulas dadas.

#### **Inferências/ fundamentação teórica**

O tema abordado pela minha colega foi muito interessante. A agricultura é uma actividade que faz parte da cultura do nosso país. Muitas crianças têm contacto com

esta actividade através de familiares cuja profissão é agricultor. No entanto, existem crianças que pouco conhecem sobre esta profissão. Abordar temas que dizem respeito à nossa cultura, deve ser uma actividade privilegiada na escola. Segundo Setubal (2011):

é fundamental que a escola -- um equipamento de enorme impacto na vida das crianças e dos jovens --- construa uma ponte entre o conhecimento estabelecido, o património cultural da humanidade, e aquele conhecimento cultural que está ali presente, circulando na localidade.

No final, as crianças gostaram imenso de semear os legumes. Este foi um aspeto importante para que estas percebessem como se inicia o processo de crescimento dos legumes e o que o agricultor tem de fazer.

É extremamente importante a realização das reuniões relativas às aulas lecionadas. Uma vez que somos observados por um elemento da equipa de supervisão, é fundamental realizar uma reflexão crítica, no sentido de melhorarmos as nossas prestações. De acordo com Alarcão (1996), recorre-se “a estratégias de formação de professores que constituem um meio de formar professores reflexivos, isto é, professores que examinam, questionam e avaliam criticamente a sua prática” (p.100).

### **segunda-feira, 14 de maio de 2012**

Neste dia assisti à aula programada e avaliada de uma colega, em que o tema principal foi o pastor. Começou por dar uma aula na Área do Conhecimento do Mundo, em que se vestiu com acessórios típicos do pastor, abordando o vestuário e a função desta profissão. Levou também um borrego que mostrou às crianças, falando sobre as características deste animal. No final as crianças interagiram com o animal. Seguiu-se o Domínio da Matemática em que utilizou pequenos cachecóis de lã e caixas. Com este material trabalhou a divisão. Por fim, deu a sua aula do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita onde leu a história “Ovelhinha dá-me lã” através de um PowerPoint. No final, conversou com as crianças sobre peças de vestuário que se podem fazer com a lã.

No final da manhã estive presente na reunião com todas as estagiárias e a equipa de supervisão pedagógica, para a discussão e avaliação das aulas lecionadas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na aula de Domínio da Matemática, foi trabalhada uma operação importante: a divisão. A divisão é uma operação que surge, muitas vezes, em contextos

significativos das crianças. Como referem Castro e Rodrigues (2008), “muitos problemas que trabalham a divisão, quer por agrupamento, quer por distribuição surgem no dia-a-dia” (p. 32). Nesta aula, as crianças, ao dividirem os cachecóis pelas caixas, dividiram pelo processo de distribuição. De acordo com os autores anteriores, “as crianças vão distribuindo os objectos pelos diferentes elementos e comparando os resultados até todos estarem iguais” (p. 32). A utilização dos cachecóis foi uma boa estratégia para explorar o conceito de divisão. Como menciona Caldeira (2009) “os materiais manipulativos são um importante recurso e através de inúmeras atividades, que se podem resolver com as quatro operações aritméticas, a criança pode experimentar diversos raciocínios, desenvolvendo as suas competências aritméticas” (p. 102). Assim, visto que a divisão é uma operação que surge naturalmente em situações quotidianas, é importante que esta seja explorada de forma simples e lúdica e que seja significativa para as crianças.

### **terça-feira, 15 de maio de 2012**

No início da manhã. As duas turmas do Bibe Encarnado estiveram no refeitório a fazer pizzas para comerem ao lanche. Depois da massa pronta, cada criança fez a sua piza.

Durante a aula de Informática, a educadora realizou uma atividade, com metade da turma, no Domínio da Matemática. As crianças sentaram-se no chão em semi-círculo e, com os Blocos Lógicos, preencheram uma tabela de dupla entrada.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O uso de tabelas é uma forma de representação de dados. Como mencionam Castro e Rodrigues (2008), “na maior parte das salas de jardim-de-infância utilizam-se tabelas que são preenchidas ao longo do dia (o mapa de presenças, o mapa do tempo meteorológico, ...) e as crianças vão, a pouco e pouco, compreendendo como o fazer” (p. 67). Estes autores referem que “é importante que as próprias crianças construam as suas tabelas e compreendam as suas vantagens e a sua estrutura” (p. 67). Cano e Romero (citados por Fernandes e Cardoso, s.d.) defendem que “a importância das aprendizagens matemáticas reside na representação da informação de muitas formas, não só por meio de algarismos e letras, mas também mediante o uso de desenhos, tabelas, esquemas, diagramas e gráficos” (p. 7). Com os Blocos Lógicos é possível realizar atividades utilizando tabelas, especialmente tabelas de dupla entrada, em que se exploram apenas dois atributos das peças.

### **sexta-feira, 18 de maio de 2012**

Depois da aula de Ginástica, as crianças sentaram-se no chão, em roda, e jogaram ao jogo do loto. Enquanto isso, eu e as minhas colegas estivemos a ajudar algumas crianças a decorar um chapéu para usarem no Dia da Criança.

### **segunda-feira, 21 de maio de 2012**

Nesta manhã, a educadora realizou uma atividade de Domínio da Matemática, em que colocou as crianças sentadas no chão em semicírculo. No quadro colocou uma tabela de dupla entrada que, em cada célula continha a cara de um palhaço. As crianças tinham de completar a tabela, colocando laços e chapéus nos palhaços, obedecendo às cores expressas na tabela. Durante esta aula e no restante tempo da manhã, estive a ajudar as crianças a decorar as suas camisolas e os seus chapéus para o Dia da Criança.

### **terça-feira, 22 de maio de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática, utilizando o material *Cuisenaire*. Utilizou duas personagens, dando as imagens a cada uma das crianças. Em primeiro lugar, realizaram o itinerário que as crianças fizeram para chegar ao banco, utilizando as peças deste material. Depois jogaram ao jogo do banqueiro.

Seguiu-se a aula da Área do Conhecimento do Mundo, em que o tema foi as abelhas. A educadora utilizou um *PowerPoint* com várias imagens, a partir das quais foi explorando as características das abelhas (corpo, modo de vida, habitação, etc.). No final, as crianças comeram bolachas com mel.

Durante a aula de informática, estive com as crianças a decorar as camisolas para o Dia Mundial da Criança.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A aula de Conhecimento do Mundo sobre as abelhas foi muito interessante. Este foi um animal escolhido para culminar o tema dos insetos e, apesar de ser um conteúdo um pouco complexo, a educadora conseguiu transmitir as informações às crianças de uma forma simples. Como refere Cortesão (2000), “será importante que os professores sejam capazes de eleger certos conteúdos como mais importantes e recriar metodologias de trabalho que identificam como sendo as mais adequadas

àquelas circunstâncias” (p. 21). No final, as crianças gostaram de provaram o mel, o que foi muito importante.

#### **sexta-feira, 25 de maio de 2012**

Depois da aula ginástica, uma das minhas colegas de grupo de estágio iniciou a sua manhã de aulas programa, cujo tema principal foi a tartaruga. Começou então por realizar uma atividade no Domínio da Matemática. Para tal, utilizou o 4.º dom de Fröebel. Ao longo da aula as crianças realizaram construções e resolveram situações de cálculo mental. Durante o recreio estive a ajudar algumas crianças a decorar as camisolas para o Dia Mundial da Criança.

#### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na sua aula, a minha colega deveria ter proporcionado às crianças mais situações de cálculo mental, explorando o tema e envolvendo situações referentes ao tema principal das atividades. Nesta fase, as crianças já conseguem realizar cálculos simples sem recorrer a objetos para contagem. Como afirmam Castro e Rodrigues (2008) “algumas crianças realizam cálculos e tentam representá-los utilizando números como objectos materiais, sem a necessidade de recurso a materiais, em especial, se esses números são pequenos e os factos já são seus conhecidos” (p. 31). Desta forma, desenvolver situações simples de cálculo mental é muito importante. Como menciona Fontes (2010):

o cálculo mental permite à criança ter experiências que, mais tarde, a ajudarão a compreender a formalização das propriedades (nomear e saber as características associativa, comutativa etc., por exemplo). O trabalho com o cálculo mental também permite à criança compreender a base decimal do nosso sistema de numeração, lidando com sua regra de diferentes maneiras. Desse modo, o próprio domínio do algoritmo é tanto mais fácil quanto maior for a capacidade de cálculo mental (p. 46).

O 4.º dom de Fröebel é assim um material que, através das suas construções, propicia situações problemáticas para desenvolver o cálculo mental.

#### **segunda-feira, 28 de maio de 2012**

Nesta manhã, todas as atividades foram dirigidas por uma das minhas colegas. Começou por dar uma aula no Domínio da Matemática em que o utilizou o *Cuisenaire*, dando uma iniciação à multiplicação. As crianças representaram as operações com as peças do *Cuisenaire* e no quadro, algumas representaram com algarismos móveis. De

seguida, realizaram um itinerário em que tinham de o representar com as peças em cima de uma folha quadriculada.

Seguiu-se a aula do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, em que leu a história “O gato e o Rato” de Luísa Ducla Soares.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A multiplicação é uma operação que deve ser trabalhada somente quando as crianças já dominam a adição. Como mencionam Damas et al. (2010), “a multiplicação é uma adição de parcelas iguais e, como tal, mais uma vez se reforça a importância de uma consistente interiorização da adição” (p. 75). Foi importante que as crianças tenham representado as indicações das operações com algarismos móveis. Como defende Caldeira (2009, p. 148), “podemos complementar este tipo de aulas com algarismos móveis e os símbolos matemáticos.”

As atividades de exploração de itinerários e caminhos são muito importantes para o desenvolvimento do senso topológico da criança. Lorenzato (2006) refere que:

é pelo senso topológico que a criança começa suas descobertas espaciais, pois, desde cedo, ela mostra que consegue perceber a diferença entre uma linha aberta e uma linha fechada, entre interior e exterior de um conjunto, reconhece fronteira (delimitação) e vizinhança, manifesta a noção de orientação (p. 146).

Este autor justifica então que é importante “(...) oferecer às crianças experiências baseadas na posição delas, na posição de objectos, no deslocamento delas e no deslocamento deles” (p. 147). Os itinerários são então um exemplo para desenvolver este conceito.

### **terça-feira, 29 de maio de 2012**

No início da manhã, a minha colega deu a sua aula na Área do Conhecimento do Mundo que não conseguiu concretizar no dia anterior, em que o tema foi a habitação. Para esta aula utilizou um *PowerPoint* com imagens de vários tipos de habitação (iglôs, tentas tippi, tendas oca e casas-barco), onde explorou algumas características de cada uma. No final, cada criança pintou uma “tenda tippi” feita em cartolina e em tecido.

De seguida, decorreu uma aula surpresa da minha outra colega, solicitada pela supervisão do Estágio Profissional. Esta foi uma aula do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, em que lhe foi solicitado que trabalhasse a história “Os ovos Misteriosos” de Luísa Ducla Soares. Ela contou a história e, ao longo desta, foi pedindo às crianças que participassem, repetindo frases e rimas.

No final decorreu uma reunião com a equipa de supervisão do Estágio Profissional e com as estagiárias, para a reflexão das aulas dadas.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

A história explorada na aula surpresa era uma história de grande qualidade literária. Como menciona Riscado (2002), “(...) a qualidade da Literatura Infantil é um elemento fulcral para a modelagem e construção de futuros adultos empenhados, questionadores, imaginativos, interventivos” (p. 120). Pedir às crianças para repetirem frases da história foi uma boa estratégia para captar a atenção das crianças. Santos (2000) “é necessário, então, definir estratégias que possam ser postas em prática no contexto escolar, de forma a tornar a leitura uma actividade suficientemente aliciante para captar o interesse e a adesão dos alunos” (p. 80). Enquanto educadores, é essencial ter o cuidado de explorar com as crianças histórias que tenham qualidade a nível literário e que permitam que estas adquiram competências literárias.

### **sexta-feira, 1 de junho de 2012**

Visto que, neste dia se comemorou o Dia Mundial da Criança, as atividades realizadas no Jardim-Escola foram apenas de carácter lúdico.

Depois da aula de Ginástica, as crianças brincaram livremente no recreio.

Mais tarde, eu e as minhas colegas de estágio, realizámos alguns jogos com as duas turmas do Bibe Encarnado.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

O Dia da Criança corresponde a uma data muito esperada pelas crianças no decorrer do ano letivo. Neste dia, as crianças despendem todo o seu tempo na realização de atividades de carácter lúdico. Cordeiro (2010) refere que, atividades temáticas como as realizadas neste dia, “são atividades que surgem todos os anos, e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhe segurança para prever o que vem depois” (p. 375). Este autor afirma também que “este género de actividades pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e as suas diferentes técnicas” (p. 375). Como aconteceu ao longo das últimas semanas, as crianças decoraram camisolas e chapéus, através de diversas técnicas de expressão plástica.

Durante esta manhã, gostei imenso de ter realizado jogos com as crianças pois diverti-me também com elas e fiz parte deste dia tão especial para todas. No entanto,

penso que teria sido pertinente que a educadora tivesse conversado um pouco com as crianças sobre a origem e a importância deste dia.

### **segunda-feira, 4 de junho de 2012**

Nesta manhã, a educadora deu uma aula no Domínio da Matemática utilizando o Geoplano. Começou esta aula, colocando às crianças algumas questões sobre o material. As crianças, começaram por traçar o eixo de simetria no Geoplano, construindo depois figuras simétricas. De seguida, realizaram uma sequência e, no final, realizaram construções livres. Terminadas as construções, reproduziram-nas numa folha de papel pontado.

Neste dia, não houve aula de Música. Por isso, as crianças realizaram alguns jogos no salão.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Nesta atividade foram trabalhados conteúdos da geometria. Spodek e Saracho (1998) justificam que “a natureza concreta da geometria faz dela uma parte natural do programa de primeira infância, porque as crianças podem manipular coisas, fazer perguntas e testar suas ideias sobre elementos da realidade física” (p. 312). O Geoplano é um dos materiais manipulativos estruturados para trabalhar conceitos geométricos. Segundo Caldeira (2009) “o Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas” (p. 409).

Um dos conceitos geométricos trabalhados foi a simetria. Matos e Serrazina (1996) referem que “a simetria pode ser introduzida relativamente cedo recorrendo a dobragens, espelhos” (p. 228). Segundo estes autores um eixo de simetria “(...) relaciona-se com uma transformação geométrica” (p. 221). Também o desenho livre deve ser uma atividade privilegiada, especialmente numa primeira fase de contacto com este material. Com esta atividade, de acordo com Matos e Serrazina (1996), “pretende-se que os alunos conheçam o material, descubram a utilidade dos pregos, manipulem os elásticos, se apropriem do geoplano para produzirem algo de importante para eles. A partir destes desenhos produzidos pelas crianças podem ser reconhecidas formas geométricas” (p. 16). A utilização do papel pontado é um aspeto também importante. Como mencionam os autores anteriores “os alunos devem ser encorajados a registar os desenhos no papel pontado. Isso permitir-lhes-á ter um registo do trabalho que fizeram e contribuirá precisamente para o desenvolvimento da coordenação visual-motora” (p. 16). Desta forma, é trabalhada ainda a percepção

espacial da criança. O Geoplano é, então, um material com grandes potencialidades para o desenvolvimento de conceitos geométricos e da percepção espacial.

### **terça-feira, 5 de junho de 2012**

Nesta manhã, todas as atividades foram preparadas e lecionadas por mim. O tema principal das atividades foi a praia. As planificações referentes a estas atividades estão presentes no **anexo H**. Comecei por dar uma aula na Área do Conhecimento do Mundo, em que abordei os principais aspetos da praia e as regras de segurança na mesma. Para tal utilizei um *PowerPoint* com imagens, que as crianças exploraram. Depois de referir todos os cuidados a ter, simulei com as crianças uma ida à praia, explorando vários objetos, a areia da praia e a água do mar.

De seguida, dei uma aula de Domínio da Matemática em que utilizei os Blocos Lógicos. Distribuí a cada criança duas imagens que foram as personagens da história envolvente da aula. Com as peças, realizaram algumas construções (carro, barco, castelo e peixe). No final, cada um fez uma construção a seu gosto.

Por fim, para a aula do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, trabalhei a história “A Praia dos Sonhos”. Para esta aula utilizei um painel com a imagem da praia e distribuí várias imagens às crianças. À medida que lia a história, as crianças tinham de colocar as imagens no painel.



Figuras 13 e 14 – *Simulação de uma ida à praia*

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Esta foi a manhã de atividades que mais gostei de lecionar ao longo do Estágio Profissional. Senti-me bem a comunicar com as crianças e senti que elas também apreciaram bastante as atividades. As atividades foram bem planeadas e geri o tempo disponível da melhor forma possível para que as crianças não se desmotivassem. Como afirmam Balancho e Coelho (1996), “motivar o aluno requer sempre, por parte

do professor, uma planificação cuidada de todas as actividades a desenvolver, para evitar «tempos mortos» e falta de ritmo entre as várias sequências de cada momento da aula” (p. 48). Durante toda a manhã, tentei sempre que as crianças expusessem as suas ideias e as suas dúvidas, o que considero muito importante. Sanches (2001) menciona que, dar “(...) a palavra ao aluno e a todos os alunos deve ser uma das preocupações do professor” (p. 64).

Na aula de Conhecimento do Mundo, foi fulcral ter criado uma situação em que as crianças brincaram como se estivessem na praia, mostrando aquilo que lhes dá prazer fazer. De acordo com Caldeira (2009), “brincar é uma actividade universal” (p.39). A mesma autora defende que “brincar é um direito fundamental de todas as crianças e qualquer uma deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas de modo a satisfazer as suas necessidades básicas de aprendizagem”.

Quanto à organização do espaço, penso que foi adequada à atividade. De acordo com Hohmann e Weikart (1997):

no tempo do grande grupo, em que todos se encontram envolvidos numa actividade comum, como um jogo ou canção, as crianças têm a oportunidade de comunicar as suas ideias ao grupo, bem como imitar e aprender com base naquilo que veem os seus colegas fazer (p. 370).

O tema trabalho foi de grande importância pois a ida à praia constitui uma atividade de lazer para crianças e adultos, mas é necessário que todos tenham consciência dos seus perigos e dos deveres enquanto cidadão. Martins et al. (2007) defendem que, numa visão de responsabilidade partilhada, é necessário que cada indivíduo disponha de “um conjunto de saberes do domínio científico-tecnológico que lhe permita compreender alguns fenómenos importantes do mundo em que vive e tomar decisões democráticas de modo informado” (p.16). Neste contexto, é essencial que as crianças possuam conhecimentos sólidos relativos às regras de segurança na praia, tornando-se cidadãos responsáveis.

### **sexta-feira, 8 de junho de 2012**

Depois da aula de Ginástica, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, utilizando as Calculadoras de Papy. Como marcas, utilizou molas de diferentes cores. Começou por fazer algumas questões sobre o material e as regras de utilização. No quadro, colocou a imagem de uma menina e uma Calculadora de Papy em tamanho grande, com os números correspondentes a cada espaço da mesma. Nesta aula, introduziu uma nova regra: não é permitido colocar mais do que uma marca no mesmo espaço. Ao longo da aula realizaram vários exercícios para trabalhar quantidades.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Nesta aula de Domínio da Matemática, as crianças utilizaram um outro material manipulativo: as Calculadoras de Papy. Spodek e Saracho (1998) referem que “as atividades de matemática na primeira infância devem incluir muitas experiências práticas com materiais de manipulação. Assim, muitos materiais oferecidos para as crianças na brincadeira manipulativa podem ensinar conceitos matemáticos” (p. 224). Estas calculadoras são baseadas no Minicomputador de Papy e, segundo Caldeira (2009), “funcionam como um ábaco, que combina o sistema decimal, com o sistema binário e têm como base as cores das peças do Cuisenaire” (p. 345). No entanto, as calculadoras utilizadas têm cores diferentes das peças do *Cuisenaire*. Caldeira (2009) menciona que, com este material a criança:

- a) Aprende a selecionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema;
- b) Realiza a compreensão dos números e da numeração;
- c) Reconhece a compreensão do sentido do número e das operações;
- d) Efectua o cálculo com números realizando operações;
- e) Desenvolve o cálculo;
- f) Resolve situações problemáticas. (p. 347)

Considero então que este é mais um material manipulativo de grande potencial, sendo importante a diversificação de materiais para trabalhar conteúdos matemáticos.

### **segunda-feira, 11 de junho de 2012**

A educadora deu uma aula na Área do Conhecimento do Mundo sobre o coelho. Para tal, levou um coelho e várias imagens sobre o mesmo, impressas em papel e também em *PowerPoint*. Antes de mostrar o animal às crianças, deu algumas pistas para que estas tentassem adivinhar o tema de estudo. Ao longo da aula, abordou as principais características deste animal (classe, alimentação, revestimento, locomoção e reprodução).

De seguida, levou as crianças até ao recreio onde leu a história “O elefante cor-de-rosa”.

Mais tarde deu uma aula de Domínio da Matemática, em que utilizou os Calculadores Multibásicos. As crianças trabalharam a pares, em que uma trabalhou com o material e a outra com algarismos móveis. No quadro a educadora colocou a imagem de uma menina e flores para representar as peças dos Calculadores Multibásicos.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na aula de Conhecimento do Mundo, considero que o aspeto mais importante foi o facto de a educadora ter levado o animal para as crianças observarem. Para além de observarem o coelho e os seus comportamentos, as crianças tiveram a oportunidade de lhe tocar. Como refere Pereira (2002), “a observação é a base da recolha de dados em situações práticas. Contudo, a observação não deve ser entendida como sinónimo de olhar e não se restringe aos aspectos visuais. A observação implica, em vários contextos, a utilização de vários sentidos” (pp. 45-46). O coelho é também um animal muito apreciado, com que muitas das crianças têm contacto. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2007) referem que o educador deve escolher “criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, as suas potencialidades educativas, a sua articulação com outros saberes e as possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança” (p.83). A observação é assim, um aspeto muito importante e deve ser potenciada às crianças, utilizando objetos ou animais que tenham significado para elas.

Mais uma vez, as crianças tiveram a oportunidade de ouvir uma ótima história. Santos (2000) “ouvir ler uma história suscita o envolvimento emocional das crianças mais pequenas, ao mesmo tempo que lhes estimula a imaginação, porque as faz visualizar mentalmente as personagens, o cenário onde estas se movem e todo o enredo” (...) “através dessas narrações, elas descobrem, assim, a dimensão lúdica da leitura” (p. 77). Ouvir ler diariamente é, de facto, um aspeto muito importante que faz com que a criança descubra as dimensões da leitura.

### **terça-feira, 12 de junho de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática utilizando o *Cuisenaire* e, também, a imagem de uma menina. Pediu às crianças que, com as peças, construíssem a casa da menina e, seguidamente, a escada por ordem crescente. Realizaram alguns exercícios com base na escada e depois fizeram o jogo do banqueiro.

Seguidamente, deu uma aula na Área do Conhecimento do Mundo sobre a chinchila. Para tal, levou o animal e abordou as principais características do mesmo (classe, revestimento, alimentação e habitat). Mostrou também algumas imagens através de um *PowerPoint*.

Durante a aula de informática, estive com algumas crianças a decorar telas com as suas fotos, e também, a ajudar a pintar vasos de barro.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Durante a aula de Domínio da Matemática, houve alguma agitação no salão o que fez com que as próprias crianças ficassem um pouco agitadas também. A educadora foi, constantemente, chamando à atenção as crianças. Ao longo deste momento de estágio, tenho verificado que, no geral, as crianças são disciplinadas. Isto deve-se à atitude da educadora, que sabe como lidar com as crianças de uma forma correta através da expressão e do gesto, como também, por outro lado, reforçar positivamente os sucessos de cada criança. Segundo Zabalza (1998) “a firmeza e a dureza das expressões e gesto devem combinar-se e/ ou complementar-se sempre com gestos de aceitação e confiança; uma criança não pode, nunca, sentir-se rejeitada” (p. 237). Segundo Arends , (1995, p. 157), a importância de manter regras de disciplina, centra-se na necessidade de desenvolver indivíduos autónomos que entendam que há razões para ordens e limites e que sejam flexíveis no seu comportamento, respondendo de forma diferente a cada situação. Desta forma é necessário, segundo o mesmo autor, que as instruções sejam “(...) repetidas muitas vezes e em muitos contextos antes que sejam compreendidas” (p. 157). Como tenho assim verificado, a educadora tem feito um ótimo trabalho com as crianças, no que concerne à aquisição de comportamentos adequados por parte das crianças. Este é um aspeto que deve ser trabalhado desde o início do ano letivo, de uma forma paciente com as crianças, repreendendo, de forma correta, os comportamentos desadequados e reforçando positivamente as atitudes corretas.

### **sexta-feira, 15 de junho de 2012**

Depois da aula de Ginástica, realizei com as crianças uma atividade de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita. Comecei por ler a história “O Maluquinho da bola” de Luísa Ducla Soares e, depois, distribuí uma ficha de trabalho. Nesta ficha, as crianças tinham de cortar uma imagem da história em quatro partes iguais. Depois de cortada, tinham de colá-la corretamente na ficha. Esta proposta de trabalho encontra-se presente no **anexo I**.

Durante a hora de almoço estive a auxiliar as crianças a pintar vasos de barro.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Durante os últimos dias, considero importante ter ajudado as crianças a pintar os vasos de barro, visto que estas necessitam ainda de alguma orientação para utilizar este tipo de material. Segundo Spodek e Saracho (1998), “embora as crianças pequenas devam ser estimuladas a explorar e experimentar, os professores podem demonstrar técnicas simples de controlo dos meios: pressionar o pincel para que ele não fique encharcado de tinta, limpá-lo antes de trocar de cor...” (p. 361). Apesar de ter dispensado muito tempo nestas atividades, não deixei de assistir às aulas que a educadora lecionou às crianças.

### **segunda-feira, 18 de junho de 2012**

A educadora começou por dar uma aula na Área do Conhecimento do Mundo, cujo tema foi a habitação. Para esta aula, a educadora utilizou um *PowerPoint* onde mostrou imagens de vários tipos de habitação (tendas dos índios, iglô, prédio, vivenda e casas típicas da ilha da Madeira), referindo as principais características de cada habitação. Perguntou também às crianças em que tipo de casa viviam (prédio ou vivenda). Explicou ainda os procedimentos necessários para a construção de uma casa, referindo as várias profissões que intervêm neste processo. Mostrou imagens das divisões da casa, perguntando às crianças qual a função de cada uma. Por fim, realizou uma atividade em que o objetivo era colocar o mobiliário correto em cada divisão, numa casa de bonecas de grande dimensão. Assim, escolheu algumas crianças para fazerem esta atividade.

Mais tarde, deu uma aula de Domínio da Matemática, em que utilizou o 3.º dom de Fröebel. Ao longo da mesma, as crianças realizaram várias construções. No decorrer desta aula eu estive a auxiliar algumas crianças a decorar um frasco de vidro.

### **terça-feira, 19 de junho de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática em que utilizou o 3.º Dom de Fröebel. Nesta atividade, dividiu a turma em duas equipas: equipa dos meninos e equipa das meninas. À medida que realizavam as construções, a educadora colocava questões de cálculo mental para cada equipa. Cada resposta certa correspondia a um ponto.

De seguida, a educadora levou as crianças para o recreio. As crianças sentaram-se no chão em semicírculo e a educadora leu a história “Corre, corre cabacinha”. Para tal, tinha um livro, em tamanho grande, e espalhou as imagens da

história no chão. À medida que lia a história, pedia às crianças para repetirem alguns excertos e para procurarem as imagens.

Por fim, realizou um jogo de equipas, em que dividiu as meninas em duas equipas e os meninos noutras duas equipas. Em primeiro lugar jogaram as meninas e em segundo os meninos. Cada equipa sentou-se no chão em fila e o objetivo era que, à vez, os elementos de cada equipa recolhessem imagens de legumes espalhadas no recreio. Venceu a equipa que recolheu mais legumes. Durante a aula de Informática, eu e as minhas colegas estivemos com algumas crianças a decorar telas com a sua fotografia.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Na aula de Domínio da Matemática, realizar um jogo de equipas foi uma boa estratégia. Caldeira (2009) defende que “o jogo, como proposta educativa, nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no ato de ensinar e pode ser uma estratégia para propiciar a aprendizagem” (p. 46). Damas et al. (2010) afirmam que “o jogo é um tipo de actividade que implica raciocínios, estratégias e reflexões constantes” (p. 37). Estes autores referem ainda que “a prática de jogos que envolvam conteúdos programáticos, poderá ser desenvolvida como prova de avaliação de conhecimentos adquiridos e consolidação dos mesmos” (p. 37).

Levar as crianças até ao espaço exterior para ouvirem uma história é também importante para que estas mudem de espaço. O facto de ter utilizado as imagens da história para as crianças associarem ao que ouviam foi uma boa estratégia. Moreira (2002) “será relevante acompanhar a leitura expressiva (ou narração expressiva) da história com imagens, sobretudo nos primeiros tempos de escola vividos pela criança e nas histórias trabalhadas pela primeira vez” (p. 142). O uso de imagens é importante para as crianças desta idade, de modo a desenvolverem o estímulo visual.

### **sexta-feira, 22 de junho de 2012**

Neste dia, realizaram-se as Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional. A minha prova decorreu no Bibe Amarelo B e o tema principal foi o caracol. As planificações referentes a esta Prova estão presentes no **anexo J**. Comecei por dar uma aula na Área do Conhecimento do Mundo onde abordei as principais características deste animal. Para tal, utilizei um *PowerPoint*, com várias imagens, que explorei com as crianças. Mostrei também um caracol e uma caracoleta vivos, para que as crianças observassem e contactassem com o animal.

De seguida dei uma aula de Domínio da Matemática, em que utilizei imagens de caracóis em cartolina, de quatro cores diferentes. No quadro coloquei um painel com a paisagem de uma horta e de uma floresta. Ao longo da aula trabalhei conteúdos como a cor, quantidades, operações, algarismos e sequências.

Seguiu-se a aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita onde li a história “Caracol e Caracola”, utilizando um *PowerPoint* com as imagens da história. À medida que lia a história, os meninos repetiam as falas do Caracol e as meninas da Caracola. No final, as crianças pintaram um fantoche das personagens da história.

Para terminar, realizei o jogo “Passa o caracol” no recreio, onde dividi as crianças em duas equipas, sentadas no chão em fila. O primeiro elemento de cada equipa tinha de retirar um caracol em cartolina de um cesto e passá-lo para o colega atrás de si. O caracol tinha assim de passar por todos os elementos da equipa até chegar ao último. Venceu a equipa que, no final do tempo, recolheu mais caracóis.



Figura 15 – Quadro utilizado na aula de Domínio da Matemática



Figura 16 – “Caracol” e “Caracola” pintados pelas crianças

### Inferências/ fundamentação teórica

Sendo a última atividade que lecionei no Estágio Profissional, penso que o tema foi interessante para as crianças, visto que os animais são dos seus temas de eleição. No que diz respeito às estratégias que utilizei, penso que foram adequadas às crianças, tendo algumas resultado melhor que outras. A utilização de um *PowerPoint* em duas das atividades foi um método eficaz para transmitir conhecimentos através de imagens. Mena et al., (citados por Silveira-Botelho, 2009), referem que “as novas tecnologias, são meios electrónicos que criam, armazenam, recuperam e transmitem a informação de forma rápida e em grande quantidade e fazem-no combinando diferentes tipos de códigos” (p. 114).

A maior dificuldade que tive foi a gestão do tempo pois, no Domínio da Matemática, não consegui realizar todos os exercícios que tinha planeado. Para cumprir todos os objetivos pretendidos, é necessário planificar rigorosamente as atividades. Mas por vezes, como foi o caso, o tempo da atividade também depende da participação das crianças. Estas mostraram-se muito interessadas e curiosas, colocando várias questões às quais não pude deixar de responder. No que concerne ao jogo, considero que foi adequado à idade das crianças, visto ter regras e procedimentos simples. Como afirmam Spodek e Saracho (1998), “os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas. Eles podem incluir atividades acompanhadas de canções e jogos físicos simples, nos quais as crianças devem seguir algumas instruções” (p. 223).

A Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional é assim um momento importante do Estágio Profissional, visto ser uma aula em que mostramos as nossas capacidades enquanto futuros profissionais, e somos supervisionados por uma equipa de profissionais. Segundo Alarcão e Roldão (2008), “a relevância do processo supervisivo é muito grande e quase unanimemente reconhecida. A supervisão tem um papel securizante. É mesmo considerada fulcral no processo de formação” (p. 56). No final desta prova, tive uma pequena reunião com a educadora da sala e os elementos da equipa de supervisão, onde tive de fazer uma reflexão. Alarcão e Roldão (2008) referem que a “reflexão é considerada como promotora do conhecimento profissional, porque radica numa “atitude de questionamento permanente – de si mesmo e das suas práticas – em que a reflexão vai surgindo como instrumento de auto-avaliação reguladora do desempenho” e geradora de novas questões” (p. 30). É fundamental que sejam debatidos os aspetos positivos e negativos, de modo a que o meu desempenho seja melhorado.

## **Quarta secção: Seminário de Contacto com a Realidade Educativa**

**Período de estágio:** 27 de fevereiro a 2 de março de 2012

### **4.1. Caracterização do espaço e da turma**

Durante esta semana, realizei um Seminário de Contacto com a Realidade Educativa B, localizada em Lisboa, no concelho de Loures. Esta instituição abarca a valência de creche, destinando-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 meses e os 3 anos. No que diz respeito ao espaço interior, dispõe de doze salas equipadas com o material necessário e adequado à faixa etária das crianças. Dispõe ainda de um refeitório, de duas zonas de casa de banho e um gabinete de direção. Quanto ao espaço exterior, dispõe de duas zonas de recreio, onde se encontram vários canteiros, destinados a uma horta pedagógica, um pequeno parque de diversões com escorrega e vários brinquedos de exterior.

Neste período, fui inserida na “sala amarela”, onde se encontram as crianças entre os dois e os três anos de idade. Este grupo é composto por doze crianças, das quais, oito são meninos e quatro são meninas. Segundo as informações disponibilizadas pela educadora, os elementos do grupo não revelam grandes disparidades de aprendizagem, comportamento e socialização. No entanto, existem algumas crianças com mais dificuldades a nível do comportamento e interiorização de regras. No geral, a maior parte das crianças do grupo apresenta autonomia em vários aspetos como a alimentação e a higiene.

A sala pertencente a este grupo é ampla e espaçosa com janelas grandes e com uma porta que dá entrada direta para o recreio. Nesta encontram-se três mesas retangulares onde as crianças realizam atividades didáticas e vários móveis onde estão guardados vários materiais, livros e alguns jogos. Nesta encontram-se também uma cozinha de brincar e uma zona com um tapete onde as crianças se sentam e brincam.

### **4.2. Rotinas**

Todos os dias antes de iniciar as atividades, a educadora sentava as crianças no tapete, cantando a canção do “Bom dia”. De seguida, preenchiem o calendário e o mapa dos estados do tempo colocando imagens. Segue-se depois a marcação das presenças, em que cada criança colocava a sua fotografia no painel respetivo. Cordeiro (2010) refere que:

o mapa das presenças, que pode ser instituído desde as idades mais pequeninas, em que cada um marca, da forma que quiser, numa espécie de calendário, a sua presença na sala, é uma forma de dizer «Estou aqui e é aqui que estou!». Com esta afirmação mudam também as expectativas e a criança encaixa-se no ambiente e fica propícia aos desafios que lhe vão fazer (p. 371).

Depois, a educadora conversava com as crianças sobre alguns assuntos que elas quisessem partilhar. Como afirma Cordeiro (2010), com os momentos de conversa “(...) as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez, e a estar com atenção, concentração, e tranquilidade. Desenvolve-se o sentido do respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação” (p. 371). Com este momento de conversa, as crianças desenvolvem também a sua linguagem. Como mencionam Hohmann e Weikart (1997):

a linguagem desenvolve-se em ambientes onde as crianças tenham experiências de queiram falar, e onde têm alguém atento a elas, envolvendo-se em diálogo. Estas interacções com pessoas e materiais preparam o palco para a criança construir a sua compreensão da linguagem, da leitura e da escrita – um processo que começa no nascimento e continua a emergir durante os anos da pré-escolaridade (p. 526).

Depois disto, a educadora realizava atividades didáticas com crianças, deixando algum tempo dedicado à brincadeira livre.

Seguia-se a higiene e o almoço, em que as crianças se dirigiam ao refeitório. Durante a mesma, as crianças eram sempre estimuladas a alimentarem-se sozinhas de uma forma autónoma. Cordeiro (2010) defende que “deve estimular-se a criança a alimentar-se sozinha, o que contribui, de igual modo, para a aprendizagem de regras sociais” p. 68). Depois do almoço, as crianças voltavam para a sala a fim de dormir a sesta.

Na parte da tarde, depois do lanche, as crianças brincavam livremente na sala ou no recreio, de acordo com o estado meteorológico. Hohmann e Weikart (1997) mencionam que “o tempo de ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas” (p. 432).

### **4.3. Relato geral da semana**

Ao longo desta semana, observei algumas atividades dinamizadas pela educadora. Irei enumerar as mais relevantes.

A educadora fez com as crianças um bilhete de identidade para cada um, em que pesou e mediu a altura das crianças, e estas decalcaram a sua impressão digital no cartão (feito em cartolina). No final colocou também o nome e a fotografia.

A educadora iniciou o tema “os sentidos” realizando uma atividade sobre o paladar. Começou por ler uma história sobre o paladar, dialogando depois com as crianças sobre este sentido. Depois, seguiu-se um momento de degustação de vários alimentos (açúcar, sal, limão e fruta) para distinguir diferentes sabores.

Para além destas atividades, as crianças realizaram uma pintura com carimbos e jogos didáticos.

Assisti ainda a uma aula de Expressão Musical e a uma aula de Expressão e Movimento. Na aula de Expressão Musical, realizada por um professor, ouviram uma canção ilustrada com imagens, ouviram e tocaram instrumentos acompanhando uma melodia. Na aula de Expressão pelo Movimento, realizada pela educadora, as crianças fizeram vários exercícios (correr, saltar, etc.) e jogos de movimento.

### **Inferências/ fundamentação teórica**

Ter contado uma história, no âmbito da atividade sobre o paladar foi um aspeto importante. A criança deve ouvir histórias desde muito cedo, para que no futuro venha a ser um leitor ativo. Lopes (2006) defende que:

para que um indivíduo venha a ser um leitor empenhado, é fundamental que sobre ele se realize uma ação educativa de longo prazo, iniciada o mais precocemente possível e que lhe transmitam, em doses idênticas, duas preciosas mais-valias intelectuais e afectivas: competências na leitura e vontade de ler (p. 18).

Assim, como refere este autor, “(...) a criança deverá lidar e familiarizar-se com os livros desde muito cedo no sentido de despertar a sua curiosidade pelos seus conteúdos” (p. 66). Também Veloso (2002) defende que “o contacto precoce com o livro infantil e com a literatura é por todos reconhecido como fundamental no processo de ensino-aprendizagem” (p. 110). No entanto, penso que ao longo da semana, as crianças poderiam ter ouvido mais histórias.

A atividade realizada para abordar o sentido do paladar foi também interessante visto que, nesta idade, é importante proporcionar atividades sensoriais às crianças.

Os jogos didáticos são também muito importantes para as crianças. Valentim (s.d) menciona que “o jogo é reconhecido como meio de fornecer à criança um ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido, que possibilita a aprendizagem de várias habilidades”. Tarouco et al. (2004) referem também que:

jogar é participar no mundo de faz de conta, dispor-se às incertezas e enfrentar desafios em busca de entretenimento. Através do jogo se revelam a autonomia, criatividade, originalidade e a possibilidade de simular e experimentar situações perigosas e proibidas no nosso cotidiano.

A pintura com carimbos foi uma atividade apreciada pelas crianças, que se insere no Domínio da Expressão Plástica. Cordeiro (2010) menciona que “através da pintura e do desenho, em que se faz a exploração das cores, desenvolve a imaginação, a criatividade e sensibilidade” (p. 372).

A aula de Expressão Musical foi interessante, visto que as crianças realizaram vários exercícios que as despertam para a música. Nesta aula, as crianças tiveram a oportunidade de tocar e experimentar vários instrumentos musicais. Hohmann e Weikart (1997), defendem que é importante tornar “acessível às crianças uma grande variedade de instrumentos musicais, quer durante o tempo de trabalho, quer ao longo do resto do dia” (p. 663).

Na aula de Expressão e Movimento, as crianças realizaram vários exercícios motores. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009):

a diversificação de formas de utilizar e de sentir o corpo – trepar, correr e outras formas de locomoção, bem como deslizar, baloiçar, rodopiar, saltar a pés juntos ou num só pé, etc. – podem dar lugar a situações de aprendizagem em que há um controlo involuntário desse movimento – iniciar, parar, seguir vários ritmos e várias direcções (p. 58).

Nestas Orientações é também referido que

a exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao exterior (p. 58).

Em suma, este foi para mim um momento muito importante pois foi realizado na valência de creche que não faz parte do Estágio Profissional ao longo de toda a Licenciatura em Educação Básica e do presente Mestrado. Visto que a minha formação me permite lecionar e trabalhar com crianças desta idade, é muito importante ter a oportunidade de contactar com elas e observar os conteúdos trabalhados. Em segundo lugar, este momento foi realizado numa instituição que não pertence à realidade educativa João de Deus, o que permite conhecer outros métodos de ensino.

Assim foi um momento muito importante para a minha formação e muito prazeroso pois estive com crianças de uma idade com que tenho prazer em trabalhar.

# Capítulo 2- Planificações

Este capítulo abarca as planificações construídas para algumas das aulas que lecionei ao longo do Estágio Profissional. Começo então por fazer um enquadramento teórico relativamente ao tema das planificações, abordando ainda o conceito de currículo. Depois deste enquadramento teórico, é realizada uma contextualização onde são apresentadas três planificações de aula, por mim selecionadas, que correspondem a três aulas lecionadas. A primeira planificação refere-se à Área da Expressão e Comunicação e diz respeito ao Domínio da Matemática; a segunda planificação aborda a Área da Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita; a terceira planificação é referente à Área do Conhecimento do Mundo. Estas planificações são apresentadas por ordem cronológica, fazendo depois uma reflexão sobre as mesmas e a sua devida fundamentação teórica, relativa aos procedimentos/estratégias aplicados.

Todas estas planificações foram construídas com base no Modelo T de Aprendizagem, concebido por Martiniano R. Pérez (s.d.). A este modelo foram aplicadas algumas adaptações, pois estes planos de aula são referentes a pequenas unidades de aprendizagem.

## **2.1. Fundamentação teórica**

### **2.1.1. Planificação**

Como defende Braga (2001), a planificação é um ato de reflexão. Clark e Yinger (citados por Braga, 2001), referem que "(...) no processo de planificação se misturam elementos de pensamento, juízos e tomadas de decisões" (p. 34). Escurdero (citado por Zabalza, 2000) diz-nos que a planificação se trata:

(...) de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar (pp. 47-48).

Este autor refere também que a planificação é "o conjunto de processos psicológicos básicos, através dos quais a pessoa visualiza o futuro, faz um inventário de fins e meios e constrói um marco de referência que guie as suas acções" (p. 48).

Segundo Arends (1995), "a planificação e tomada de decisão sobre a instrução incluem-se nos aspectos mais importantes do ensino, porque determinam em grande parte o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas" (p. 67). Este autor afirma

também que, “a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interagem com todas as funções executivas do professor” (p. 44). Assim, “(...) a planificação de qualquer tipo de actividade melhora os seus resultados” verificando-se que “o ensino planificado é melhor do que o ensino baseado em acontecimentos e actividades não direccionados” (p. 45).

Para Marcelo (citado por Braga, 2001), quer seja de forma escrita ou um processo mental “(...) planificar consiste num contínuo esforço para conseguir uma aprendizagem mais eficaz; é um recurso para organizar a acção, um processo que coordena fins e meios, um guia de acção que pressupõe a formulação e o desenvolvimento de problemas” (p. 34).

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), formulados e analisados os conteúdos e objectivos:

(...) torna-se necessário planificar a sequência e desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Trata-se de seleccionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos (...) de planificar situações, «ambientes» e meios propícios à ocorrência da aprendizagem por parte dos alunos (p.433).

Segundo estes autores, a planificação pressupõe o conhecimento das características e situação dos alunos a quem se dirige o processo de ensino. Assim, “o professor organiza e sequencia o ensino, estabelecendo estratégias ou métodos, actividades ou situações de aprendizagem, seleccionando meios e materiais que facilitem a consecução dos objectivos em vista” (p. 433).

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “qualquer plano organizado e sequencial de ensino-aprendizagem deve, em termos genéricos, incluir três passos principais, servindo intenções diferentes”: - estratégias de abertura ou actividades introdutórias; - estratégias e actividades de desenvolvimento ou estudo; - estratégias e actividades de conclusão (p.440).

Para Clark e Lampert (citados por Arends, 1995), “a planificação do professor é a principal determinante daquilo que é ensinado nas escolas” (p. 44). Os mesmos autores referem que outras funções da planificação abarcam “a decisão do tempo de instrução atribuída a alunos individualmente ou em grupos, a constituição dos grupos, a organização de horários diários, semanais e trimestrais, a compensação de interrupções alheias à sala de aula e a comunicação com professores substitutos” (p. 44). Arends (1995) diz que os processos de planificação dos professores “podem dar um sentido de direcção tanto a alunos como a professores e ajudar os alunos a tornar-se mais conscientes das metas implícitas nas tarefas de aprendizagem que têm de cumprir” (p. 46).

Mayor Ruiz (citado por Braga, 2001), diz que a planificação deve ser: “i) dinâmica (sujeita a contínuas revisões), ii) criativa (com estilo próprio de reflexão), iii) prospectiva (descreve intenções), (iv) realista e objectiva (relacionada com o quotidiano do professor)” (p. 35).

Mayor Ruiz, mencionado por Braga (2001), afirma que “planificar é temporizar e preparar conteúdos e também pensar a organização da sala de aula, a fixação do tipo de avaliação mais adequada, a consideração do contexto, a previsão da dinâmica e do ambiente em que o ensino se levará a cabo” (p. 35). Assim, Bullough, (citado por Braga, 2001), “diz-nos que quando a planificação é feita com antecedência o professor se sente mais seguro” (p. 34). Este autor refere também que “(...) a planificação deve ser realizada com o objectivo de manter os alunos interessados e intelectualmente despertados, pelo que se deve recorrer alternadamente a actividades de grande e pequeno grupo, actividades que apelam ao sossego” (p. 35).

Como refere Arends (1995), “os ciclos de planificação incluem não só os planos diários como também os planos para cada semana, mês e ano” (p. 67). Ribeiro e Ribeiro (1990) reforçam que a planificação do ensino “(...) realiza-se em diferentes âmbitos temáticos ou diversos segmentos temporais ao longo do programa que o professor leciona” (p. 433). Assim sendo, estes autores sistematizam que:

os objectivos e conteúdos de um programa escolar são, regra geral, agrupados em sequências ou unidades didácticas de determinado âmbito temáticos; as unidades didácticas são desmembradas em lições (...) obedecendo a uma certa organização e sequência do ensino, que é objecto de planificação por parte do professor (p. 433).

Fisher (2004) salienta três fases do planeamento, onde podemos encontrar: o planeamento a longo prazo, o planeamento a médio prazo e o planeamento a curto prazo.

De acordo com esta autora, o planeamento a longo prazo é “efectuado semanas ou meses antes de o planeamento ser posto em prática” e é o conjunto “(...) das capacidades, dos conhecimentos e atitudes que serão apropriados para a maioria das crianças naquele contexto e durante um determinado período de tempo” (p. 26). A autora refere ainda que “o planeamento a longo prazo está relacionado com o facto de a criança ter direito a um currículo abrangente e equilibrado”. Assim, “os planos a longo prazo devem cobrir o período de tempo durante o qual as crianças estão no contexto” (p. 27). É da responsabilidade do educador “(...) verificar se o programa planeado cobre todos os elementos essenciais do currículo e pensar em como é que serão incluídos outros aspectos que são importantes para o contexto” (p. 27).

O planeamento a médio prazo, segundo Fisher (2004), “(...) tem a ver com a continuidade e a progressão entre um determinado estágio de cada área de

aprendizagem e o estúdio que se lhe segue, e entre um determinado contexto ou aula seguintes” (p. 26). Neste modo de planeamento, recorre-se a esquemas de trabalho, políticas de currículo e ao planeamento a longo prazo, e identificam-se os conceitos, capacidades, conhecimentos e atitudes que serão apresentados às crianças durante um certo período de tempo. É nesta fase que “o currículo está organizado de uma forma mais eficaz se se associarem diferentes áreas de aprendizagem através de temas ou tópicos” (p. 26).

No que diz respeito ao planeamento a curto prazo, Fisher (2004) refere que este é “ (...) realizado no próprio dia ou no instante imediato anterior àquele em que o planeamento é posto em prática – significa planejar para aquela determinada criança” (p. 26). Este planeamento:

(...) está relacionado com a diferenciação e com o planeamento das necessidades de grupos específicos ou de crianças individuais. Fornece pormenores relativos às actividades, experiências, recursos, grupos e estratégias de ensino, que são identificados através da observação contínua e da avaliação das crianças acção (p. 27).

Fisher (2004) afirma que “enquanto os planos a longo e a médio prazo estão relacionados com a organização do currículo, nos planos a curto prazo planeia-se tendo em mente a criança” (p. 31). Deste modo, o planeamento a curto prazo deve abordar: a experiência prévia, a aprendizagem pretendida, a atividade selecionada, a localização, os recursos, os grupos, o apoio por parte dos adultos, as evidências da aprendizagem e a avaliação.

A planificação, apesar de ser realizada no início do ano letivo, não deve ser rígida, mas sim, ter um grau de abertura para que se possa adequá-la às necessidades do grupo de crianças. Como menciona Zabalza (2000):

a planificação prévia feita, de qualquer maneira, antes do começo de cada ano lectivo corre o risco de “ficar no papel” quando o professor começa a implementá-la (...) os professores fazem as suas planificações no início do ano por razões administrativas, constatando-se de imediato que as suas turmas não se parecem nada com as pré-configurações (p. 55).

As planificações que eu realizei ao longo do Estágio Profissional, foram planificações diárias, ou seja, a curto prazo. Como indica Arends (1995), “(...) os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizados para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação” (p.59).

Os planos de aulas que realizei foram construídos com base no Modelo T de Aprendizagem. Segundo Pérez (s.d.a.) este modelo agrupa:

(...) os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/ actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica. Denomina-se de

modelo T porque tem a forma de um T duplo: de objetivos (capacidades-valores) e de meios (conteúdos-métodos/ actividades gerais). (p. 7).

Este autor refere que as capacidades/destrezas são objetivos cognitivos fundamentais e complementares. Define capacidade como “(...) uma habilidade geral, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo” (p. 8). Uma destreza “é uma habilidade específica, que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental é cognitivo” (p. 8). Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade.

No que diz respeito a atitudes e valores, Pérez (s.d.a.) define atitude como “uma predisposição estável para... cujo componente fundamental é afectivo” (p. 8). Os valores são “(...) constelações ou conjuntos de atitudes. Os seus componentes são os mesmos que os de uma atitude, cognitivos, afectivos e comportamentais, ainda que o componente fundamental seja afectivo” (p. 8).

No que concerne aos conteúdos, Pérez (s.d.a.) define-os como duas formas de saber: “(...) saber sobre feitos (saberes factuais) e saberes sobre conceitos (saberes conceptuais)” (p. 9). Este autor revela que os saberes básicos escolares têm os mesmos componentes que o curriculum: capacidades e valores (objectivos) e conteúdos e métodos/procedimentos como meios. Relativamente aos métodos/procedimentos, este autor diz que o método é um caminho para alcançar um objetivo. O método também é uma forma de fazer. “O procedimento significa o mesmo que método ou forma de fazer, ou uma estratégia de aprendizagem ou forma de desenvolver capacidades e valores (objectivos)” (p. 9).

### **2.1.2. Currículo**

Qualquer planificação elaborada num contexto pedagógico de ensino-aprendizagem, tem sempre por base o currículo escolar. Como referem Clark e Lampert (citados por Arends, 1995), “o currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e ênfase” (p. 44). Clark e Peterson (citados por Zabalza, 2000) afirmam que a principal função da planificação na escola é a de “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino” (p. 54).

Zabalza (2000) define currículo como “o conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para alcançar; é o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes, etc. que são considerados importantes para serem trabalhados na escola, ano após ano” (p. 12).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990):

(...) o currículo escolar é um conjunto de aprendizagens e experiências formativas delineadas para os membros da comunidade em que o sistema educativo se insere; ele é o meio de transmissão da cultura e experiência humanas – acumuladas ao longo de gerações – ao mesmo tempo que é o mecanismo de indução de crianças e jovens na cultura do grupo social a que pertencem (p. 44).

De acordo com estes autores, “(...) o plano curricular concretiza-se na atribuição de tempos lectivos semanais a cada uma das disciplinas que o integram, de acordo com o seu peso relativo no conjunto dessas matérias e nos vários anos de escolaridade que tal plano pode contemplar” (p.47).

De acordo com Pérez (s.d.a), “por curriculum entendemos uma selecção natural. E como tal indica, a cultura social convertida em cultura escolar através das instituições escolares e dos professores”. E como “ (...) a cultura escolar possui os mesmos elementos que a cultura (...) curriculum indica as capacidades, os valores, os conteúdos e os métodos que os adultos querem que se aprendam na escola” (p. 7). Para este autor, são estes os elementos básicos que devem constar em todos os Projetos e Desenhos Curriculares.

Pérez (s/d.b) refere que

“O Desenho Curricular de Aula supõe uma concretização do currículo na aula e portanto contém também estes elementos básicos: capacidades – destrezas, valores – atitudes como objectivos e conteúdos e métodos/ procedimentos como meios. Trata-se de desenhar (programar) e avaliar o currículo e a cultura social e institucional na aula para um curso escolar ou um ano escolar” (p. 38).

Este autor menciona também que “um Desenho Curricular de Aula consta de programações ou planificações largas (um curso ou ano escolar) e curtas (mínimo três, máximo seis por ano ou curso)” (p. 38). Desta forma o currículo é sequenciado e temporizado na aula e na sala de classe. Ainda nas palavras de Pérez (s/d.a), “no Desenho Curricular de Aula falamos de estratégias centradas no sujeito que aprende” (p. 9).

No caso da Educação Pré-Escolar, os vários objetivos para este nível de ensino, são definidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Como é referido na Circular n.º 17/2007, de 10 de outubro, este documento constitui “(...) um conjunto de princípios gerais de apoio ao educador na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças” (p. 1).

Na Circular n.º 17/2007, de 10 de outubro, são também apresentados dois documentos de apoio à organização e gestão do currículo: Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola e Projeto Curricular de Grupo/Turma. O Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola é o “documento que define as estratégias de desenvolvimento

do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola ou de Agrupamento e integrado no respectivo Projecto Educativo” (p. 2). O Projeto Curricular de Grupo/Turma é o “documento que define as estratégias de concretização de desenvolvimento das orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projeto Curricular de Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/ turma” (p. 2). Na elaboração deste projeto deve ter-se em conta as características do grupo e as necessidades das crianças. “Os diferentes Projectos Curriculares de Grupo/Turma devem articular-se entre si e com os outros níveis de ensino, de maneira a possibilitar o desenvolvimento da acção educativa, no respeito pelos princípios de sequencialidade e articulação subjacentes a todo o processo educativo” (p. 2).

Segundo Siraj-Blatchford (2004):

o currículo deve indicar a extensão e o equilíbrio adequados às matérias e ser cuidadosamente planeado, de modo a ir ao encontro das capacidades das crianças. Os educadores terão de se assegurar que o currículo tem relevância para as vidas das crianças – é frequente elas entrarem num determinado contexto assumindo que nós sabemos tudo o que elas sabem! (p.13).

Assim, de acordo com esta autora:

a variedade e o ritmo no currículo são um aspecto importante no «ensino» de crianças pequenas. Deve ser prestada a devida atenção à capacidade das crianças de se concentrarem e persistirem em determinadas tarefas, e a variedade de escolhas em termos de materiais e experiências é que vai determinar se elas permanecem motivadas ou se se aborrecem (p. 14).

Fisher (2004) defende também que “é fundamental que os educadores planeiem um currículo que tenha o seu ponto de partida naquilo que as crianças, naquele dado momento, conhecem ou compreendem” (p. 21). Este autor afirma ainda que “os educadores podem aperfeiçoar o planeamento, de modo a ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos pelos quais são responsáveis” (p.26).

A planificação é um suporte que organiza e orienta a atividade pedagógica do educador/professor. Planificar é organizar e encaminhar para determinados fins, visualizando o futuro e construindo um marco de referência que guia as suas ações. Neste contexto, a planificação evita a rotina e afasta um ensino desorganizado e ineficaz. Quando o professor planifica, deve ter em conta aquilo que as crianças já sabem e o que lhes pretende transmitir.

## 2.2. Planificações

### 2.2.1. Planificação 1 – Domínio da Matemática (6 de dezembro de 2011, página 49)

Quadro 3 – Planificação do Domínio da Matemática – Bibe Azul B

Jardim – Escola João de Deus de Alvalade

Plano de aula

**Duração:** 30 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 5 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:**

**Data:** 6/12/11

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>A adição</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pedir que os alunos descubram o objeto a ser utilizado através da leitura da palavra “dado”.</li> <li>Resolver operações de adição através do lançamento do dado, auxiliando com tampas;</li> <li>Fazer a decomposição de números através da soma de dois lançamentos do dado;</li> <li>Realizar um jogo de cálculo mental, dividindo a turma em duas equipas;</li> <li>Realizar uma ficha de trabalho.</li> </ul>
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"> <li>Raciocínio lógico:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Observar</li> </ul> </li> <li>Cálculo mental;</li> <li>Orientação espacial:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Interpretar</li> <li>– Representar</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Responsabilidade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Colaborar/ cooperar</li> <li>– Atenção</li> </ul> </li> <li>Respeito:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Escutar</li> <li>– Compreender</li> </ul> </li> <li>Interiorizar de regras</li> </ul>
<p><b>Material:</b> Dado grande; tampas de plástico; algarismos móveis; cartões plastificados; “tabuleiro de jogo”.</p>	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

## **Inferências/Fundamentação teórica**

- **Pedir que os alunos descubram o objeto a ser utilizado através da leitura da palavra “dado”**

Comecei a aula desta forma pois considero importante que a leitura seja praticada e estimulada em todas as áreas do conhecimento. Como referem Sim-Sim (2006), “aprender a ler é uma tarefa para toda a vida e ensinar a ler deve ser uma prioridade não só dos professores da língua materna, mas de todos os docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente” (p. 99).

- **Resolver operações de adição através do lançamento do dado, auxiliando com tampas**

O dado é um objeto lúdico que todas as crianças conhecem e costumam utilizar em diversos tipos de jogos. É também um objeto com grande potencial para desenvolver competências matemáticas. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a vivência e experimentação de situações de deslocação no espaço, do próprio corpo e de objectos, a verbalização dessas acções e a sua representação gestual ou gráfica são modos de realizar e de sistematizar aprendizagens matemáticas” (p. 76).

As tampas de plástico são um material de fácil acesso e pouco dispendioso, que apresentam também um grande potencial para desenvolver noções matemáticas como a concretização de quantidades e de operações aritméticas. Como é referido nestas Orientações, para tal objetivo “(...) podem também ser usados inúmeros materiais da vida diária, como palhinhas, paus, caricas...” (p. 76).

- **Fazer a decomposição de números através da soma de dois lançamentos do dado**

A decomposição de números é um exercício de extrema importância para desenvolver o sentido do número. Castro e Rodrigues (2008) referem que “quando falamos de crianças em idade pré-escolar, o sentido de número pode ser entendido como um processo no qual elas vão aprendendo a compreender os diferentes significados e utilizações dos números e a forma como estes estão interligados” (p. 11). Para estas autoras é através da experimentação e da comunicação, utilizando

estratégias diversificadas, que se adquire prática na construção de relações entre números e assim as crianças vão desenvolvendo o sentido de número (p. 12).

De acordo com Caldeira (2009), “cabe ao educador pensar nas actividades baseadas nas vivências da criança (que adquiriram fora da escola) de forma a realizarem descobertas e experiências para desenvolver habilidades, na resolução de problemas, fazer conjecturas, e apresentar justificações verbais ou escritas” (p. 76).

- **Realizar um jogo de cálculo mental, dividindo a turma em duas equipas**

A meu ver, os conteúdos matemáticos devem ser trabalhados, sempre que possível, com o recurso ao jogo. Através da ludicidade, as crianças sentem-se motivadas e interessadas em aprender, adquirindo conteúdos com maior facilidade. Segundo Alsina (2004), “(...) o jogo é um recurso de aprendizagem indispensável no ensino da Matemática” (p. 6). Para esta autora, uma das principais competências numéricas prende-se na capacidade de “realizar cálculos numéricos recorrendo a diferentes procedimentos” (p. 32). Damas et al. (2010) defendem que “ao desenvolverem actividades dinâmicas, como se de um jogo se tratasse, os alunos nem se apercebem de que estão a adquirir conhecimentos” (p. 7). Para Caldeira (2009), “o jogo pode ser escolhido como metodologia de trabalho permitindo a exploração e o desenvolvimento de todas as habilidades (raciocínio lógico e intuitivo), combinando-o com a resolução de problemas” (p. 52). A mesma autora refere também que “os jogos com regras são importantes para o desenvolvimento de pensamento lógico” e são adequados “para o desenvolvimento de habilidades de pensamento” (p. 54).

- **Realizar uma ficha de trabalho**

Para terminar a aula distribuí às crianças uma ficha, em que tinham de realizar dois cálculos com a operação adição, picotar o resultado e colá-lo no local correto. Segundo Spodek e Saracho (1998), nesta fase, “as crianças podem passar da comparação, contagem e escrita dos números para as operações com eles: soma, subtração, multiplicação e divisão” e quando elas “(...) tiverem desenvolvido uma melhor compreensão, é que elas vão passar para o uso de processos mais resumidos, e poderão ser introduzidas nos algoritmos” (p. 311).

**2.2.2. Planificação 2 – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (6 de março de 2012, página 74)**

Quadro 4 – *Planificação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Bibe Amarelo B.*

<p>Jardim – Escola João de Deus de Alvalade</p> <p>Plano de aula</p> <p><b>Duração:</b> 20 minutos <span style="float: right;">Ana Rita Gomes, N.º 6</span></p> <p><b>Faixa Etária:</b> 3 anos <span style="float: right;">Mestrado em Educação Pré – Escolar</span></p> <p><b>Educadora:</b></p> <p><b>Data:</b> 06/03/12</p> <p style="text-align: center;">Área da Expressão e Comunicação</p> <p style="text-align: center;">Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	
<b>CONTEÚDOS</b>	<b>PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• História “O ratinho marinho”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão;</li> <li>• Apresentar o livro e explorar os elementos paratextuais;</li> <li>• Ler a história e explorar as imagens;</li> <li>• Fazer exercícios para trabalhar a rima;</li> <li>• Realizar uma atividade de expressão plástica.</li> </ul>
<b>COMPETÊNCIAS</b>	
<b>CAPACIDADES/ DESTREZAS</b>	<b>VALORES/ ATITUDES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão oral:             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Interpretação</li> </ul> </li> <li>• Desenvolver a memória;</li> <li>• Criatividade:             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Interpretação de texto ouvido</li> </ul> </li> <li>• Escutar/ dialogar;</li> <li>• Dicção/ fluidez de expressão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solidariedade:             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Colaborar/ cooperar</li> <li>– Ajudar</li> <li>– Partilhar</li> </ul> </li> <li>• Criatividade:             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Espontaneidade</li> <li>– Imaginação</li> </ul> </li> </ul>
<p><b>Material:</b> livro; imagens; cascas de nozes; palitos, plasticina.</p>	
<p>Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.</p> <p>Planificação sujeita a alterações.</p>	

## **Inferências/ Fundamentação teórica**

- **Iniciar a aula com os alunos sentados no chão**

Para esta aula optei por dispor as crianças desta forma, pois permite um ambiente mais próximo para contar a história e, também, uma melhor visualização das imagens. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos” e a sua organização e utilização “(...) são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais, de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização” (p. 37)

- **Apresentar o livro e explorar os elementos paratextuais**

Explorar com as crianças os elementos paratextuais de um livro é um aspeto importante para que estas saibam identificar a capa ou saber o nome de quem escreve a história que vão ouvir. De acordo com Sim-Sim (2009) “(...) a conversa com o adulto sobre o material escrito promovem a convivência com mensagens, palavras e letras” e as crianças adquirem conhecimentos sobre: “(i) o acto de ler (finalidade da leitura, postura do leitor); (ii) a estrutura dos livros (capa, folhas, páginas) e o respectivo manuseamento (..); (iii) algumas características físicas da linguagem escrita” (p. 21).

Segundo Lopes (2006), “é muito importante referir expressamente o nome do livro, o autor e eventualmente a editora. Deve de igual modo deixar-se claro para as crianças o que é a “capa”, a “contracapa” e que elementos contêm, tal como o ponto em que o livro se inicia e termina” (p. 68).

- **Ler a história e explorar as imagens**

Ler histórias às crianças deve ser uma atividade diária. Ouvir ler desperta nas crianças a vontade de aprender a ler, apoiando para a sua formação enquanto leitores. Para Lopes (2006), “(...) a melhor forma de motivar as crianças para o gosto pelos livros é ler-lhes sistematicamente, mostrando-lhes o quanto se pode aprender com os livros” (p. 21). Ler para as crianças “(...) constitui uma das mais poderosas formas de desenvolver no sujeito que ouve comportamentos leitores” (p. 64). Este autor refere que a leitura para as crianças, a expressão verbal correta por parte das educadoras e a exigência de que as crianças construam frases completas é uma das formas mais adequadas de desenvolver a consciência morfosintática (p. 25).

Explorar as ilustrações de um livro, associando-as à parte do texto que se ouve, permite às crianças desenvolver várias capacidades. Para Poslaniec (2005), brincar com livros ilustrados é uma atividade de animação, de informação e de aprofundamento. Segundo este autor, “desde muito cedo que as crianças estão aptas a descobrir os livros ilustrados para a infância e a apropriarem-se deles a seu modo; e o imaginário sabe ler imagens muito antes de saber ler os textos” (p. 66).

- **Fazer exercícios para trabalhar a rima**

A história que trabalhei com as crianças era rica em rimas. Daí, fez todo o sentido pedir às crianças que dissessem palavras que rimassem com palavras da história. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “as rimas, as lengalengas, as travalínguas e as adivinhas são aspetos da tradição cultural portuguesa que podem ser trabalhados na educação pré-escolar” (p. 67). Agüera (2008) ressalva que “a rima e o ritmo estão totalmente vinculados ao processo psico-evolutivo da infância” (p. 23). Na perspetiva de Lopes (2006), numa fase inicial é importante sensibilizar a criança para a rima que constitui uma particularidade da estrutura fonológica das palavras. Este autor refere que “numa etapa posterior pode ser a própria criança a procurar palavras que rimam (...) desde que já possua alguma consciência do critério que une as palavras que rimam” (p. 33).

- **Realizar uma atividade de expressão plástica**

Esta atividade foi pertinente pois permite fazer uma ligação desta área com o Domínio das Expressões. Moldar personagens com plasticina, desenvolve não só a motricidade fina, como também a criatividade. Segundo Hohmann e Weikart (1997), os “materiais que se possam moldar ou manipular como a areia, a massa, a tinta, a plasticina são altamente aliciantes para a maioria das crianças, dadas as interessantes experiências sensoriais que possibilitam” (p. 42).

Como é mencionado nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “recrear momentos de uma actividade, aspectos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projectos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo” (p. 62).

**2.2.3. Planificação 3 – Área do Conhecimento do Mundo (27 de abril de 2012, página 92)**

Quadro 5 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo – Bibe Encarnado B.

<p>Jardim – Escola João de Deus de Alvalade</p> <p>Plano de aula</p>					
<p><b>Duração:</b> 20 minutos</p> <p><b>Faixa Etária:</b> 4 anos</p> <p><b>Educadora:</b> Elisabete Almeida</p> <p><b>Data:</b> 27/04/12</p>	<p>Ana Rita Gomes, N.º 6</p> <p>Mestrado em Educação Pré – Escolar</p>				
<p>Área do Conhecimento do Mundo</p>					
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="text-align: center; padding: 5px;">CONTEÚDOS</th> <th style="text-align: center; padding: 5px;">PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="padding: 5px;"> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A zebra:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Classe dos mamíferos (caraterísticas)</li> <li>– Habitat</li> <li>– Revestimento</li> <li>– Locomoção</li> <li>– Alimentação</li> <li>– Modo de vida</li> </ul> </li> </ul> </td> <td style="padding: 5px;"> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em semicírculo;</li> <li>• Reconhecer a zebra como um animal pertencente á classe dos mamíferos;</li> <li>• Explorar as caraterísticas gerais da zebra (habitat, revestimento, locomoção, alimentação, modo de vida), através do “Jogo dos pares”;</li> <li style="padding-left: 20px;">– Explorar imagens.</li> <li>• Dialogar sobre algumas curiosidades da zebra;</li> </ul> </td> </tr> </tbody> </table>	CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A zebra:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Classe dos mamíferos (caraterísticas)</li> <li>– Habitat</li> <li>– Revestimento</li> <li>– Locomoção</li> <li>– Alimentação</li> <li>– Modo de vida</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em semicírculo;</li> <li>• Reconhecer a zebra como um animal pertencente á classe dos mamíferos;</li> <li>• Explorar as caraterísticas gerais da zebra (habitat, revestimento, locomoção, alimentação, modo de vida), através do “Jogo dos pares”;</li> <li style="padding-left: 20px;">– Explorar imagens.</li> <li>• Dialogar sobre algumas curiosidades da zebra;</li> </ul>	
CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A zebra:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Classe dos mamíferos (caraterísticas)</li> <li>– Habitat</li> <li>– Revestimento</li> <li>– Locomoção</li> <li>– Alimentação</li> <li>– Modo de vida</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em semicírculo;</li> <li>• Reconhecer a zebra como um animal pertencente á classe dos mamíferos;</li> <li>• Explorar as caraterísticas gerais da zebra (habitat, revestimento, locomoção, alimentação, modo de vida), através do “Jogo dos pares”;</li> <li style="padding-left: 20px;">– Explorar imagens.</li> <li>• Dialogar sobre algumas curiosidades da zebra;</li> </ul>				
<p><b>COMPETÊNCIAS</b></p>					
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="text-align: center; padding: 5px;">CAPACIDADES/ DESTREZAS</th> <th style="text-align: center; padding: 5px;">VALORES/ ATITUDES</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td style="padding: 5px;"> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão oral:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Desenvolver o vocabulário</li> </ul> </li> <li>• Criatividade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Interpretação de imagens</li> </ul> </li> <li>• Escutar/ dialogar;</li> <li>• Dicção/ fluidez de expressão</li> </ul> </td> <td style="padding: 5px;"> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Solidariedade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Colaborar/ cooperar</li> </ul> </li> <li>• Criatividade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Curiosidade</li> <li>– Imaginação</li> </ul> </li> <li>• Interiorizar de regras</li> </ul> </td> </tr> </tbody> </table>	CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão oral:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Desenvolver o vocabulário</li> </ul> </li> <li>• Criatividade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Interpretação de imagens</li> </ul> </li> <li>• Escutar/ dialogar;</li> <li>• Dicção/ fluidez de expressão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solidariedade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Colaborar/ cooperar</li> </ul> </li> <li>• Criatividade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Curiosidade</li> <li>– Imaginação</li> </ul> </li> <li>• Interiorizar de regras</li> </ul>	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES				
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão oral:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Desenvolver o vocabulário</li> </ul> </li> <li>• Criatividade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Interpretação de imagens</li> </ul> </li> <li>• Escutar/ dialogar;</li> <li>• Dicção/ fluidez de expressão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solidariedade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Colaborar/ cooperar</li> </ul> </li> <li>• Criatividade:                             <ul style="list-style-type: none"> <li>– Curiosidade</li> <li>– Imaginação</li> </ul> </li> <li>• Interiorizar de regras</li> </ul>				
<p><b>Material:</b> imagens em tamanho A4.</p>					
<p>Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.</p> <p>Planificação sujeita a alterações.</p>					
<p><b>Inferências/ Fundamentação teórica</b></p>					

- **Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em semicírculo**

Escolhi começar esta aula com as crianças disposta desta forma, visto que a estratégia que utilizei teve por base um jogo de grande grupo. Desta forma todas as crianças conseguiam ver as imagens e ver-se uns aos outros. De acordo com Sanches (2001), “a organização da sala de aula tem a ver com o clima que se quer criar e o clima da aula é um dos factores mais importantes no desencadeamento das aprendizagens” (p. 19). Segundo esta autora, “os nossos alunos e nós próprios também precisamos de ambientes diferentes e renovados: salas em U, umas vezes, salas organizadas para trabalho de grupo, salas com disposição tradicional, outras vezes” (p. 19).

- **Reconhecer a zebra como um animal pertencente á classe dos mamíferos**

Explorar animais e as suas respetivas características, é um tema apreciado pelas crianças. Como afirmam Martins et al. (2009), “os animais e as plantas fazem parte do dia-a-dia das crianças através de um contacto mais ou menos directo, quer seja em casa, no Jardim de Infância ou que observem em visitas no Jardim Zoológico, quintas ou quando fazem um piquenique” (p. 79). Assim, foi importante rever os conhecimentos que as crianças já tinham e identifica-los neste animal.

- **Explorar as características gerais da zebra (habitat, revestimento, locomoção, alimentação, modo de vida), através do “Jogo dos pares”;**

- **Explorar imagens**

Abordar temas da Área do Conhecimento do Mundo com crianças da Educação Pré-escolar, não deve ser um momento expositivo e sem interesses para as crianças. Daí ter optado por abordar os conteúdos através de um jogo. Como afirmam Spodek e Saracho (1998), “mantendo uma atitude lúdica em relação à aprendizagem das ciências, as crianças podem aprender mais do que se lhes forem ensinados fatos científicos específicos por repetição” (p. 224). Caldeira (2009) defende que “o espaço escolar pode-se transformar num espaço agradável, prazeroso, para que as brincadeiras e jogos permitam ao educador alcançar sucesso em sala de aula” (p. 40).

- **Dialogar sobre algumas curiosidades da zebra**

Dialogar com as crianças sobre aspetos cuja origem, para elas é desconhecida, é importante para ajustar as suas conceções alternativas. Martins et al. (2009) referem que “(...) as crianças constroem explicações, que muitas vezes não correspondem ao conhecimento científico actual, mas que têm lógica para si” (p. 12). Segundo Oliveira (1991), “as palavras são essenciais e são o primeiro modo de especificar, confrontar, integrar e transformar ideias, conduzindo à reflexão e à descoberta do mundo social e natural” (p. 162).

Os temas relacionados com os seres vivos, fomentam a curiosidade das crianças e a vontade de quererem saber mais para além das características principais de um animal. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), “a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento” (p. 79).

# Capítulo 3 - Dispositivos de avaliação

Neste capítulo começo por expor uma fundamentação teórica sobre o tema da avaliação e, seguidamente, apresento três dispositivos de avaliação, referentes a três propostas de trabalho que realizei com as crianças ao longo do Estágio Profissional.

O primeiro dispositivo de avaliação refere-se a uma atividade realizada no Domínio da Matemática. O segundo dispositivo de avaliação diz respeito à Área do Conhecimento do Mundo. Por fim, o terceiro dispositivo de avaliação aborda o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O primeiro dispositivo de avaliação foi realizado no Bibe Azul B, enquanto o segundo e o terceiro foram realizados no Bibe Encarnado B.

Estes três dispositivos de avaliação correspondem a avaliações formativas. Inicialmente é apresentada uma breve introdução e, de seguida, são descritos os parâmetros, os critérios e as cotações estabelecidas para a avaliação das atividades. Seguidamente é apresentada a grelha de avaliação da atividade. Posteriormente é apresentado um gráfico com os resultados obtidos, juntamente com a análise do mesmo.

### **3.1. Avaliação**

A avaliação é uma componente de grande importância no currículo escolar. Zabalza (2000) defende que um professor, à altura da época, “tem que ser capaz de proceder a boas avaliações e dispor de um amplo repertório de técnicas para as efectuar” (pp.219-220). Este autor refere que a avaliação é “um conjunto de passos que se condicionam mutuamente” (p. 222). Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), “(...) não basta definir objectivos e planificar o ensino de modo a facilitar a aprendizagem dos alunos. Há, também que avaliar se os objectivos visados foram ou não atingidos, avaliação que tem lugar ao longo de todo o processo de ensino” (p. 333). Estes autores referem ainda que a avaliação precede o próprio processo de ensino “(...) enquanto que diagnostica se estão reunidas as condições necessárias a uma aprendizagem bem sucedida; acompanha-o, depois, detectando dificuldades e permitindo a procura de novas soluções; completa-o, finalmente, numa apreciação global do trabalho realizado durante um dado percurso” (p. 333).

A avaliação encontra-se presente em distintos momentos de aprendizagem do aluno e tem como principal objetivo melhorar os seus resultados. Sem avaliar, o docente não pode apreciar os resultados dos seus alunos. Figueiredo (2005) afirma que “a avaliação prende-se directamente com a qualidade do processo educativo e constitui uma das suas componentes” (p. 3).

Arends (1995) menciona que “a avaliação é uma função desempenhada pelo professor com o objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas (...) estas decisões deveriam ter na sua base informações o mais relevantes e exactas possível” (p. 228). O mesmo autor refere ainda que “o termo avaliação refere-se a um leque de informação recolhida e sintetizada pelos professores acerca dos seus alunos e das suas salas de aula” (p. 229). Este autor refere ainda outro tipo de avaliação que se refere “(...) ao processo de fazer julgamentos, atribuir valor e decidir sobre esse valor” (p. 229).

De acordo com Fisher (2004), “a avaliação que é feita após o planeamento e a aprendizagem avalia não somente a aprendizagem das crianças, mas também a qualidade de ensino” (p.35).

Ferreira (2007) sistematiza que “a avaliação das aprendizagens permite a verificação do que se passa nos processos de ensino e de aprendizagem com vista à sua regulação” (p.15).

Segundo Bartolomeis (1999) “(...) a avaliação é uma intervenção educativa, porque se destina a melhorar a qualidade de cada estágio da actividade de aprendizagem e de produção” (p. 192).

A Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011 refere que “a avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (p. 1).

No Despacho Normativo n.º 30/2001, de 22 de junho, no ponto 2 é acrescentado que a avaliação permite “(...) uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens”.

Arends (1995) afirma que a informação “(...) pode ser recolhida através de uma série de maneiras informais, tais como observações e trocas e verbais. Pode também ser recolhida de um modo formal, tal como trabalhos de casa, testes e relatórios escritos” (p. 229).

De acordo com o Despacho Normativo n.º 30/2001, de 22 de junho, no seu ponto 3, a avaliação visa:

- a. apoiar a processo educativo de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente, quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;
- b. certificar as diversas competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico;
- c. contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento.

Segundo o Despacho Normativo n.º 30/2001, de 22 de junho, no ponto 4, referindo-se ao objeto da avaliação, “a avaliação incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas, de cada ciclo, considerando a concretização das mesmas no projecto curricular de escola e no projecto curricular de turma, por ano de escolaridade”.

Segundo Hadji (1998), “avaliar pode significar, entre outras coisas: verificar, julgar, estimar, situar, representar, determinar, dar um conselho...” (p. 27). Este autor dá ainda um leque de definições possíveis para o ato de avaliar como:

verificar o que foi aprendido, compreendido, retido. Verificar as aquisições no quadro de uma progressão. Julgar um trabalho em função de instruções dadas; julgar o nível de um aluno em relação ao resto da aula; julgar segundo normas preestabelecidas. Estimar o nível de competência de um aluno. Situar o aluno em relação às suas possibilidades (...) determinar o nível de uma produção. Dar uma opinião sobre os saberes ou o saber-fazer que um indivíduo domina (pp. 27-28).

Hadji (1998) defende ainda que, para dar uma opinião sobre o valor de um trabalho, tem de se ter os meios para apreender esse valor. Para este autor, a avaliação consiste em três palavras-chave: “verificar, situar, julgar:

- verificar a presença de qualquer coisa que se espera (conhecimento ou competência);
- situar (um indivíduo, uma produção) em relação a um nível, a um alvo;
- julgar (o valor de...)” (p. 28).

Bartolomeis (1999) afirma que “quando se avalia, determinam-se, de modo mais ou menos cuidado e para diversos fins, as características de qualquer coisa (produto, objecto, fenómeno, comportamento) no que respeita a classes, índices, padrões e parâmetros escolares de grandeza” (p. 29). Este autor defende que quem avalia faz um levantamento de “presenças e ausências, de semelhanças e diferenças, de características estáveis e de características variáveis; controla e confronta; indica o lugar que a coisa avaliada ocupa numa série ordenada segundo determinados critérios; atribui um grau de significado àquilo que considera; faz previsões” (p. 29).

Bartolomeis (1999) justifica que “a quantificação, com os seus vários processos e nos campos mais diversos, tem uma função instrumental, isto é, serve para seleccionar dados, para caracterizar juízos; é uma exigência cognitiva e não compromete, por assim dizer, a natureza própria do avaliado” (p. 30).

No ponto 6 do Despacho Normativo n.º 30/2001, de 22 de junho, são expressos os seguintes princípios da avaliação:

- a. consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas, através da utilização de modos e instrumentos de avaliação diversificados, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem;

- b. primazia da avaliação formativa, com valorização dos processos de auto-avaliação regulada, e sua articulação com os momentos de avaliação sumativa;
- c. valorização da evolução do aluno, nomeadamente através da clarificação e da explicitação dos critérios adaptados;
- d. diversificação dos intervenientes no processo de avaliação.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades” (p.337). Estes autores ressaltam que a avaliação “(...) tem uma intenção formativa e que em situações onde o objectivo fundamental é descrever aprendizagens conseguidas, identificar dificuldades, proporcionar informação relevante para um maior sucesso na tarefa em vista, a avaliação é a operação essencial a levar a cabo” (p. 341).

Para Bartolomeis (1999), uma das finalidades da avaliação é “(...) permitir ao professor adquirir os elementos de conhecimento que o tornem capaz de situar, de modo mais correto e eficaz possível, a acção de estímulo, de guia, uma acção inequivocamente a favor dos alunos” (p. 40). Para este autor, a avaliação desenvolve-se “(...) em cada fase da aprendizagem e da produção, e deve ser exercida segundo critérios coerentes com as características do trabalho em que estamos empenhados” (p. 49).

Assim, a avaliação é também importante para os alunos pois permite que estes tenham conhecimento e consciência das suas aprendizagens. Como defende Bartolomeis (1999):

os alunos aprendem ou produzem algo: têm, portanto, direito de saber se partiram de premissas correctas, se estão no bom caminho, qual é a importância do que estão a realizar, como é possível melhorar a aprendizagem ou a actividade produtiva, que factores provocaram eventuais erros, de que modo um problema deve ser reformulado ou os métodos modificados para se chegar a resultados mais satisfatórios (p. 38).

Este autor menciona ainda duas respostas para a questão «porquê avaliar». Em primeiro lugar, “o professor avalia para conhecer a idoneidade da situação em que actua (a escola) e dos conteúdos, métodos e materiais com que trabalha (o seu profissionalismo)” (p. 38). Em segundo lugar, porque “o aluno exerce continuamente uma actividade de avaliação para se conhecer a si próprio, o mundo das suas experiências (família, escola, etc.), o significado do que experimenta e faz: daí a proposta de uma ficha de avaliação/ auto-avaliação do aluno”. (p. 39).

Sendo assim, e como ressalva o mesmo autor, “a avaliação no seio da actividade de aprendizagem e de produção é, portanto, uma necessidade, tanto para o professor como para os alunos” (p. 39).

Ribeiro e Ribeiro (1990) concluem que a avaliação é “(...) uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem” (p. 338).

Em suma, a avaliação é um constituinte do processo educativo e penetra-o em todos os aspetos.

### **3.2. Tipos de avaliação**

A avaliação é um processo que deve ser realizado em diversas fases e de diversas formas. Assim, existem três tipos fundamentais de avaliação. Como referem Ribeiro e Ribeiro (1990), “os três tipos fundamentais de avaliação de que o professor se socorre – diagnóstica, formativa e sumativa – não representam estratégias alternativas de avaliação mas sim formas complementares, não dispensando qualquer delas nenhuma das outras” (p. 342). Destes três tipos de avaliação, na educação pré-escolar só se pratica a avaliação diagnóstica e a avaliação sumativa.

#### **3.2.1. Avaliação Diagnóstica**

Segundo Arends (1995), “para individualizar a instrução de alunos específicos ou para adequar a instrução a um grupo particular de alunos é necessário ter-se uma informação fidedigna sobre as capacidades e conhecimentos anteriores que eles possuem” (p. 238).

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “a avaliação diagnóstica tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens” (p. 342). A análise realizada permite ao professor diagnosticar a situação presente e tomar as medidas mais adequadas para atingir os objetivos em vista.

Ribeiro e Ribeiro (1990) referem que “a avaliação diagnóstica tem lugar, geralmente no início de uma unidade ou segmento de ensino, sendo por vezes utilizada, ainda que menos frequentemente, no decorrer do próprio processo de aprendizagem” (p. 342). Estes autores afirmam também que “no final do ano lectivo e perante uma última unidade do programa, haverá lugar para a avaliação diagnóstica, exactamente nos mesmos moldes em que foi utilizada no começo ou ao longo do ano escolar” (p. 342).

O professor, segundo estes autores, necessita de realizar a avaliação diagnóstica no início de uma unidade por duas razões:

- a) Em primeiro lugar, é necessário verificar se os alunos estão de posse de conhecimentos ou aptidões sem as quais não lhes seria possível adquirir as novas aprendizagens que lhes vão ser propostas, isto é, se possuem os pré-requisitos necessários à nova unidade:
- b) É, por outro lado, conveniente averiguar (...) se, contra toda a expectativa, os alunos já adquiriram algumas das aprendizagens da nova unidade, que, nesse caso, não tem sentido estudar de novo (p. 343).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), “a avaliação diagnóstica pode, também, averiguar se os alunos já conhecem as matérias – algumas, pelo menos – que fazem parte de novas unidades de ensino. O que permite ao professor proceder a ajustamentos na planificação feita e começar, por exemplo, mais à frente do que inicialmente planeava” (p. 344).

Normalmente, a avaliação diagnóstica é feita através da realização de testes diagnósticos. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “o teste diagnóstico típico incide, pois, sobre um núcleo restrito de objectivos em volta dos quais se organizam grupos de perguntas, muitas vezes várias perguntas sobre o mesmo objectivo (p. 345).

### **3.2.2. Avaliação Formativa**

Como refere Vicente (2004), “a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assumindo carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem” (p. 73). Este tipo de avaliação “fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes na informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho” (p. 73).

Para Ribeiro e Ribeiro (1990), “a avaliação formativa acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam” (p. 348). Segundo estes autores “a avaliação formativa é, assim, utilizada no decorrer das unidades de ensino, devendo ser praticada sistematicamente, de acordo com o plano de avaliação estabelecido” (p. 348).

Para Arends (1995), “as avaliações formativas são feitas antes ou durante a instrução e pretendem informar os professores acerca dos conhecimentos e das competências anteriores dos alunos para ajudar na planificação” (p. 229).

Segundo o Despacho Normativo n.º 30/2001 de 22 de junho, no ponto 19:

a avaliação formativa é da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com os outros professores, designadamente no âmbito dos órgãos colectivos que concebem e geram o respectivo projecto curricular, e ainda, sempre que necessário, com os serviços especializados de apoio educativo e os encarregados de educação.

De acordo com a Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011, “a avaliação formativa constitui-se, assim, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador” (p. 2).

Nas palavras de Hadji (1994), a avaliação formativa é“(…) uma avaliação que se esforça por fazer um diagnóstico preciso das dificuldades do aluno; a fim de lhe permitir “encontrar-se” num duplo sentido: compreender os seus erros e, em função disso, tornar-se capaz de os ultrapassar” (p. 123).

Na avaliação formativa, são também realizados testes formativos, idênticos aos testes diagnósticos. Ribeiro e Ribeiro (1990) afirmam que “um teste formativo incide sobre um núcleo restrito de objectivos de uma unidade de ensino, avaliando em profundidade e não em exaustão” (p. 349). Os objetivos avaliados devem ser relevantes e devem ocorrer num momento oportuno.

### **3.3. Avaliação na Educação Pré-Escolar**

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) é referido que “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (p. 27).

Segundo a Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011,(M.E) “a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando” (p. 1).

Figueiredo (2005) afirma que “nesta faixa etária, o papel do educador e da avaliação só pode ser um: contribuir na medida do possível para criar as condições necessárias ao desenvolvimento de todos e de cada um dos alunos” (p. 3). Este autor defende que a avaliação “é necessária para que os pais e educadores consciencializem do nível de desenvolvimento a que cada criança conseguiu alcançar para que seja possível estimular o seu prosseguimento” (p. 3).

Este mesmo autor (2005), o papel da avaliação na Educação Pré-Escolar é “garantir se os seus objectivos estão a ser atingidos, que lhe indique como recuperar se algo vai mal e que incentive a seleccionar e a aplicar novas técnicas que possam

corrigir tais falhas” (p. 3). Este autor defende ainda que a avaliação deve ser “(...) abordada simultaneamente em outros dois níveis: a auto-avaliação do educador e das próprias crianças” (p. 3).

Referindo ainda Figueiredo (2005), tendo em conta que o desenvolvimento integral resulta das experiências vivenciadas e do ritmo a que acontecem, “(...) o jardim de infância valoriza o processo avaliativo apenas enquanto compara cada criança com ela mesma, verificando a sua evolução no decorrer do tempo” (p. 40). Para este autor “aquilo que uma criança compreende ou realiza não pode servir de parâmetro para a avaliação de outras, embora da mesma idade cronológica” (p. 40).

De acordo com a Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011 (M.E.), “avaliar assenta na observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens” (pp. 1-2). Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009) é referido que “a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança” (p. 27).

Figueiredo (2005) também defende que o método mais eficaz para a avaliação na Educação Pré-Escolar é a observação, pois:

(...) se em algum momento as crianças sentem que há um objectivo de aprendizagem a guiar a planificação do educador e que esse objectivo está a ser cobrado em determinados momentos, isso é o suficiente para que se tornem tensas, mais preocupadas em agradar e em avaliado do que em descobrir as coisas que realmente lhes interessam” (p. 41).

Por estas razões, a avaliação deve realizar-se “(...) informalmente através da observação constante das actividades e das atitudes das crianças. Para tal o educador poderá ter um registo onde vá anotando, à medida que ocorrem alguns factos que considere relevantes” (p. 41). Este autor sugere que as anotações sejam usadas como um diário onde se apontam as particularidades de cada criança. Assim, nas palavras deste autor, a observação é “(...) parte integrante do processo ensino/ aprendizagem e que, quanto mais for uma atitude consciente e intencional, mais eficaz será como instrumento de conhecimento e avaliação para o educador de infância” (p. 48).

No entanto, Figueiredo (2005) afirma que “existem dificuldades inerentes ao papel do educador de infância como observador” (p. 48). O educador “(...) tende a observar essencialmente os comportamentos que, ou se enquadram nas suas expectativas em relação ao grupo, ou se distanciam muito delas, ou aquelas a que está mais atento ou sensível” (p. 48).

Figueiredo (2005) defende também que na Educação Pré-Escolar é necessária a participação das crianças na avaliação, justificando que “numa pré-escola que pretende desenvolver a autonomia e o pensamento crítico, a participação das crianças na planificação, na avaliação das actividades e na sua própria auto-avaliação é indispensável” (p. 44).

Na avaliação dos dispositivos de avaliação da Educação Pré-Escolar, é utilizada uma escala, baseada na escala de Likert, que vai de 1 a 5 valores. Sendo assim, será esta a escala que irei utilizar nos três dispositivos de avaliação apresentados seguidamente.

Quadro 6 – *Escala de Likert*

Fraco – de 0 a 2,9 valores
Insuficiente – de 3 a 4,9 valores
Suficiente – de 5 a 6,9 valores
Bom – de 7 a 8,9 valores
Muito Bom – de 9 a 10 valores

### **3.4. Primeiro Dispositivo de Avaliação:**

#### **Área da Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática**

Esta proposta de atividade, presente no **anexo K**, foi elaborada no dia 6 de dezembro de 2011 com as crianças do Bibe Azul B. Os dispositivos avaliados foram dezanove. Anteriormente a esta atividade dei uma aula de Domínio da Matemática sobre a adição, em que utilizei um dado em grande escala. O relato desta aula está presente na página 49. Esta proposta de atividade consiste em fazer dois exercícios de adição. O objetivo é adicionar duas faces do dado, picotar os dois resultados e colá-los no local correto.

- **Descrição e cotação dos parâmetros e critérios**

De seguida, no quadro 7, encontra-se uma tabela onde são descritos os parâmetros e os critérios utilizados e as suas respetivas cotações.

Quadro 7 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios	Cotações	
1 – Escrever o nome e a data	Escrever o nome com caligrafia legível e regular;	1,5	4
	Escrever a data corretamente com algarismos regulares;	1,5	
	Escrever o nome com caligrafia legível e irregular;	1	
	Escrever a data corretamente com algarismos irregulares;	1	
	Escrever o nome no local correto;	0,5	
	Escrever a data no local correto;	0,5	
	Escrever a data incorretamente;	0	
	Escrever o nome incorretamente;	0	
	Não escreve o nome.	0	
	Não escreve a data.	0	
2 – Contar e medir	Picotar dois quadrados pelas linhas;	2	6
	Picotar um quadrado pelas linhas;	1	
	Não picota pelas linhas;	0,5	
	Cola dois quadrados no espaço limitado;	2	
	Cola um quadrado no espaço limitado;	1	
	Não cola os quadrados no espaço limitado;	0,5	
	Cola os quadrados no espaço correto;	2	
	Não picota nem cola os quadrados;	0	

- **Grelhas de avaliação**

No quadro 8 podemos observar a grelha de avaliação do parâmetro 1 e no quadro 9 podemos observar a grelha de avaliação do parâmetro 2. No quadro 10 está representada a grelha de avaliação final deste dispositivo.

Quadro 8 – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	1 – Escrever o nome e a data										Soma das cotações
	Nome com caligrafia legível e regular	Data corret. com algarismos regulares	Nome com caligrafia legível e irregular	Data corret. com algarismos irregulares	Nome no local correto	Data no local correto	Data incorret.	Nome incorret.	Não escreve o nome	Não escreve a data	0 a 4 pontos
Alunos	1,5	1,5	1	1	0,5	0,5	0	0	0	0	
1	x			x	x	x					3,5
2	x	x			x	x					4
3		x	x		x	x					3,5
4			x	x	x	x					3
5	x	x			x	x					4
6	x									x	1,5
7			x	x	x	x					3
8	x	x			x	x					4
9	x	x			x	x					4
10			x							x	1
11	x			x	x	x					3,5
12	x	x			x	x					4
13	x				x					x	2
14	x				x					x	2
15									x	x	0
16	x	x									3
17	x	x									3
18	x			x							2,5
19		x	x								2,5

Quadro 9 – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	2 – Contar e medir								Soma das cotações
Critérios	Picotar dois pelas linhas	Picotar um pelas linhas	Não picota pelas linhas;	Cola dois no espaço limitado	Cola um no espaço limitado	Não cola os quadrados no espaço limitado	Cola quadrados no espaço correto	Não picota nem cola os quadrados	0 a 6 pontos
Alunos	2	1	0,5	2	1	0,5	2	0	
1			x		x		x		3,5
2	x			x			x		6
3			x	x			x		4,5
4			x	x			x		4,5
5	x			x			x		6
6			x	x			x		4,5
7		x		x			x		5
8	x			x			x		6
9	x			x			x		6
10	x			x			x		6
11	x			x			x		6
12	x			x			x		6
13	x			x			x		6
14		x			x		x		4
15	x			x			x		6
16	x			x			x		6
17	x			x			x		6
18	x			x			x		6
19	x			x			x		6

Quadro 10 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

Parâmetros	1	2	Soma total	
			Alunos	Classificação qualitativa
	Cotação de 0 a 4	Cotação de 0 a 6	0 a 10 pontos	
1	3,5	3,5	7	Bom
2	4	6	10	Muito Bom
3	3,5	4,5	8	Bom
4	3	4,5	7,5	Bom
5	4	6	10	Muito Bom
6	1,5	4,5	6	Suficiente
7	3	5	8	Bom
8	4	6	10	Muito Bom
9	4	6	10	Muito Bom
10	1	6	7	Bom
11	3,5	6	9,5	Muito Bom
12	4	6	10	Muito Bom
13	2	6	8	Bom
14	2	4	6	Suficiente
15	0	6	6	Suficiente
16	3	6	9	Muito Bom
17	3	6	9	Muito Bom
18	2,5	6	8,5	Bom
19	2,5	6	8,5	Bom

#### 3.4.1. Descrição das grelhas de avaliação

Ao analisar o quadro 8, onde estão expressos os dados avaliados, verifico que, no **parâmetro 1 – Escrever o nome e a data**, 5 alunos foram capazes de escrever o nome e a data corretamente no local indicado. Apenas 1 aluno não escreveu o nome e a data.

De acordo com o quadro 9, no **parâmetro 2 – contar e medir**, 13 crianças picotaram os dois quadrados e colaram-nos no local correto. Não houve qualquer criança que não tivesse cumprido esta tarefa.

Assim, analisando o quadro 10, posso afirmar que a avaliação qualitativa revelou resultados positivos, pois 8 alunos atingiram a classificação Muito Bom e 8 alunos a classificação Bom. Apenas 2 alunos tiveram a classificação Suficiente e não houve nenhuma criança com resultado negativo.

Considero que a atividade estava adequada à faixa etária e ao nível de desenvolvimento dos alunos, tendo um nível de dificuldade acessível.

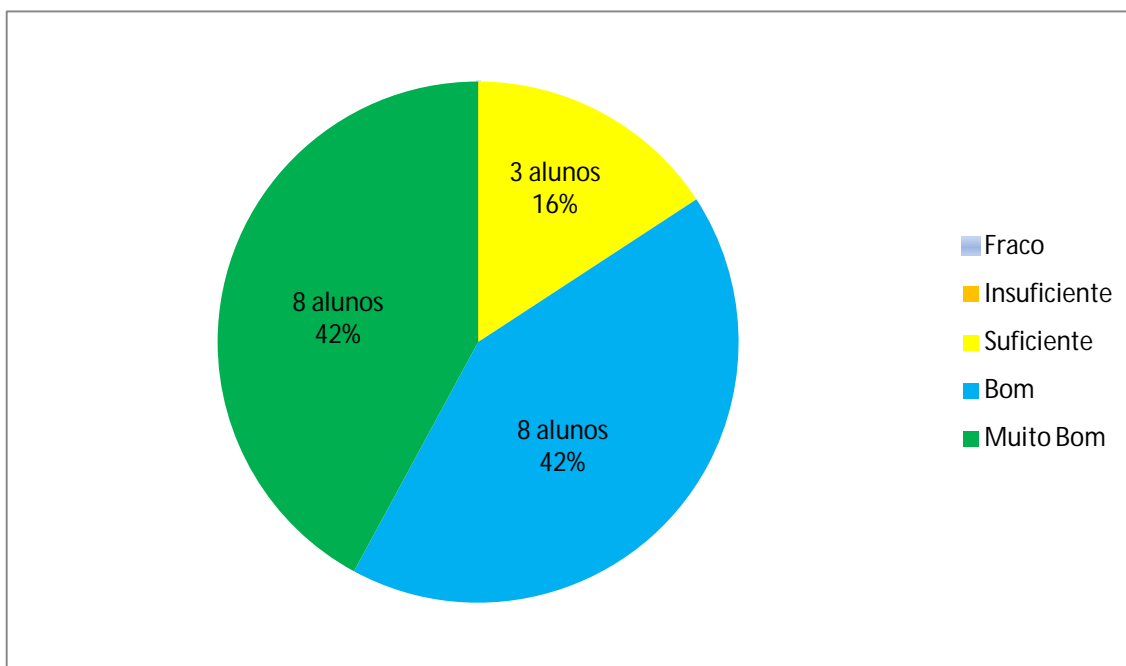


Figura 17 – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática

### 3.4.2. Análise do gráfico

É possível concluir que 100% das crianças, ou seja, a totalidade, obteve avaliação positiva. Sendo assim, a percentagem de classificação negativa é de 0%. A partir desta avaliação é possível verificar que este exercício teve um baixo grau de dificuldade. Visto que todas as crianças atingiram o objetivo, o educador poderá desenvolver posteriores atividades com um grau de dificuldade mais elevado.

### 3.5. Segundo Dispositivo de Avaliação: Área do Conhecimento do Mundo

Esta avaliação diz respeito a uma atividade realizada na Área do Conhecimento do Mundo e foi elaborada no dia 5 de junho de 2012 com as crianças do Bibe Encarnado B. Os dispositivos avaliados foram vinte e seis. Esta atividade realizou-se no seguimento da minha manhã de atividades, em que analisei com a turma o tema “a praia”. O relato desta aula encontra-se na [página 104](#). O objetivo desta proposta de trabalho, que está presente no **anexo L**, é a identificação dos objetos indispensáveis para uma ida à praia.

- **Descrição e cotação dos parâmetros e critérios**

De seguida, no quadro 11, encontra-se uma tabela onde são descritos os parâmetros e os critérios utilizados e as suas respectivas cotações.

Quadro 11 – *Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo*

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>		<b>Cotações</b>
1 – Escrever o nome e a data	Escrever o nome com caligrafia legível e regular;	1	3
	Escrever a data corretamente com algarismos regulares;	1	
	Escrever o nome com caligrafia legível e irregular;	0,5	
	Escrever a data corretamente com algarismos irregulares;	0,5	
	Escrever o nome no local correto;	0,5	
	Escrever a data no local correto;	0,5	
	Escrever a data incorretamente;	0	
	Escrever o nome incorretamente;	0	
	Não escreve o nome;	0	
	Não escreve a data.	0	
2 – Associar os objetos que representam a ida à praia	Pintar 7 imagens corretas;	7	7
	Pintar 6 imagens corretas;	6	
	Pintar 5 imagens corretas;	5	
	Pintar 4 imagens corretas;	4	
	Pintar 3 imagens corretas;	3	
	Pintar 2 imagens corretas;	2	
	Pintar 1 imagem correta;	1	
	Pintar 3 imagens incorretas;	-1,5	
	Pintar 2 imagens incorretas;	-1	
	Pintar 1 imagem incorreta;	-0,5	
	Não pinta imagens corretas.	0	

- **Grelhas de avaliação**

No quadro 12 podemos observar a grelha de avaliação do parâmetro 1 e no quadro 13 podemos observar a grelha de avaliação do parâmetro 2. No quadro 14 está representada a grelha de avaliação final deste dispositivo.

Quadro 12 – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1 – Escrever o nome e a data										Soma das cotações
	Nome com caligrafia legível e regular	Data corret. com algarismos regulares	Nome com caligrafia legível e irregular	Data corret. com algarismos irregulares	Nome no local correto	Data no local correto	Data incorret.	Nome incorret.	Não escreve o nome	Não escreve a data	0 a 3 pontos
Alunos	1	1	0,5	0,5	0,5	0,5	0	0	0	0	
1			x	x	x	x					2
2			x		x	x	x				1,5
3	x	x			x	x					3
4			x		x					x	1
5									x	x	0
6			x	x	x	x					2
7			x	x	x	x					2
8									x	x	0
9			x	x	x	x					2
10									x	x	0
11			x		x	x	x				1,5
12									x	x	0
13			x				x				0,5
14			x	x	x	x					2
15									x	x	0
16									x	x	0
17	x			x	x	x					2,5
18			x	x	x	x					2
19				x	x	x		x			1,5
20			x	x	x	x					2
21			x	x	x	x					2
22			x		x					x	1
23			x	x	x	x					2
24									x	x	0
25			x	x	x	x					2
26									x	x	0

Quadro 13 – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	2 – Associar os objetos que representam a ida à praia											Soma das cotações
Critérios Alunos	Pinta uma correta	Pinta duas corretas	Pinta três corretas	Pinta quatro corretas	Pinta cinco corretas	Pinta seis corretas	Pinta sete corretas	Pinta uma incorret.	Pinta duas incorret.	Pinta três incorret.	Não pinta nenhuma correta	0 a 7 pontos
	1	2	3	4	5	6	7	-0,5	-1	-1,5	0	
1							x					7
2							x					7
3							x					7
4							x		x			6
5							x					7
6						x						6
7							x					7
8		x										2
9							X					7
10							X					7
11							X					7
12							x			x		5,5
13							x					7
14							x					7
15							x					7
16							x					7
17							x					7
18							x					7
19						x						6
20							x					7
21							x	x				6,5
22						x		x				5,5
23							x					7
24							x					7
25						x		x				5,5
26							x		x			6

Quadro 14 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1	2	Soma total	
			Alunos	Classificação qualitativa
	Cotação de 0 a 3	Cotação de 0 a 7	0 a 10 pontos	
1	2	7	9	Muito Bom
2	1,5	7	8,5	Bom
3	3	7	10	Muito Bom
4	1	6	7	Bom
5	0	7	7	Bom
6	2	6	8	Bom
7	2	7	9	Muito Bom
8	0	2	2	Fraco
9	2	7	9	Muito Bom
10	0	7	7	Bom
11	1,5	7	8,5	Bom
12	0	5,5	5,5	Suficiente
13	0,5	7	7,5	Bom
14	2	7	9	Muito Bom
15	0	7	7	Bom
16	0	7	7	Bom
17	2,5	7	9,5	Muito Bom
18	2	7	9	Muito Bom
19	1,5	6	7,5	Bom
20	2	7	9	Muito Bom
21	2	6,5	8,5	Bom
22	1	5,5	6,5	Suficiente
23	2	7	9	Muito Bom
24	0	7	7	Bom
25	2	5,5	7,5	Bom
26	0	6	6	Suficiente

### 3.5.1. Descrição das grelhas de avaliação

Ao analisar o quadro 14, onde estão expressos os dados avaliados, verifico que, no parâmetro 1 – **Escrever o nome e a data**, apenas 1 aluno conseguiu escrever o nome e a data corretamente no local indicado. 17 alunos, embora incorretamente tentaram cumprir esta tarefa. Apenas 8 dos alunos não escreveram o nome nem a data.

No parâmetro 2 – **Associar os objetos que representam a ida à praia**, 21 crianças pintaram as 7 imagens corretas. Não houve qualquer criança que não tivesse cumprido esta tarefa.

Assim, posso concluir que a avaliação qualitativa desta atividade revelou resultados bastante positivos, pois 10 alunos atingiram a classificação Muito Bom e 15 alunos a classificação Bom. Apenas 1 aluno obteve a classificação Fraco.

Penso que esta atividade estava adequada à faixa etária e ao nível de desenvolvimento dos alunos, revelando um nível de dificuldade acessível.

### 3.5.2. Gráfico de apresentação dos resultados

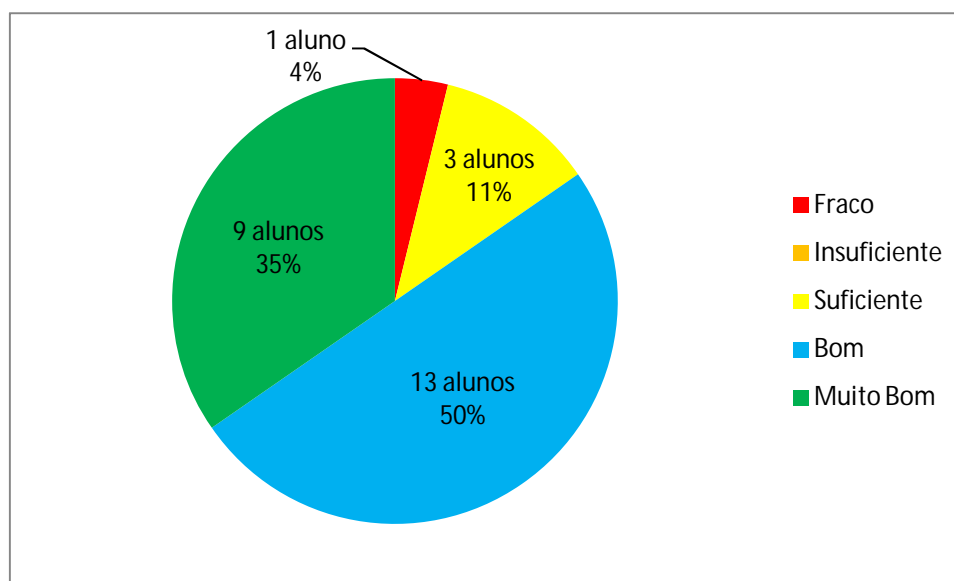


Figura 18 – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação da Área do Conhecimento do Mundo

### 3.5.3. Análise do gráfico

É possível concluir que 96% dos alunos obteve classificação positiva e apenas 4% obteve classificação negativa. A maior percentagem de crianças, correspondente a 50%, obteve a classificação de Bom. 35% dos alunos obteve a classificação de Muito Bom.

Através dos dados obtidos verifica-se que este exercício teve um baixo grau de dificuldade. Visto que todas as crianças atingiram o objetivo, o educador poderá desenvolver posteriores atividades com um grau de dificuldade mais elevado.

Para uma próxima atividade, seria interessante serem as próprias crianças a desenhar os objetos pedidos.

### 3.6. Terceiro Dispositivo de Avaliação:

#### Área da Expressão e Comunicação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Esta avaliação diz respeito a uma atividade realizada na Área da Expressão e Comunicação, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, no dia 15 de junho de 2012 com as crianças do Bibe Encarnado B. O relato desta aula está expresso na [página 109](#). Esta atividade foi realizada por vinte e três alunos e realizou-se no seguimento de uma história que li à turma, intitulada “ O Maluquinho da Bola” de Luísa Ducla Soares. A proposta de trabalho avaliada está presente no **anexo I**.

- **Descrição e cotação dos parâmetros e critérios**

De seguida, no quadro 15, encontra-se uma tabela onde são descritos os parâmetros e os critérios utilizados e as suas respetivas cotações.

Quadro 15 – Cotação atribuída ao dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios	Cotações	
1 – Escrever o nome e a data	Escrever o nome com caligrafia legível e regular;	1	3
	Escrever a data corretamente com algarismos regulares;	1	
	Escrever o nome com caligrafia legível e irregular;	0,5	
	Escrever a data corretamente com algarismos irregulares;	0,5	
	Escrever o nome no local correto;	0,5	
	Escrever a data no local correto;	0,5	
	Escrever a data incorretamente;	0	
	Escrever o nome incorretamente;	0	
	Não escreve o nome;	0	
	Não escreve a data.	0	
2 – Cortar as imagens	Cortar pelas linhas indicadas;	3	3
	Não corta pelas linhas indicadas.	0	
3 – Colar a imagem	Colar quatro partes no espaço correto;	2,5	4
	Colar três partes no espaço correto;	2	
	Colar duas partes no espaço correto;	1,5	
	Colar uma parte no espaço correto;	1	
	Não cola as partes da imagem no espaço correto;	0	
	Colar as partes da imagem no espaço delimitado;	1,5	
	Não cola as partes da imagem no espaço delimitado;	0	

- **Grelhas de avaliação**

No quadro 16 podemos observar a grelha de avaliação do parâmetro 1, no quadro 17 a grelha de avaliação do parâmetro 2 e no quadro 18 a grelha do parâmetro 3. No quadro 19 está representada a grelha de avaliação final deste dispositivo.

Quadro 16 – Grelha de avaliação do parâmetro 1 do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1 – Escrever o nome e a data										Soma das cotações	
	Critérios	Nome com caligrafia legível e regular	Data corret. com algarismos regulares	Nome com caligrafia legível e irregular	Data corret. com algarismos irregulares	Nome no local correto	Data no local correto	Data incorret.	Nome incorret.	Não escreve o nome	Não escreve a data	0 a 3 pontos
Alunos	1	1	0,5	0,5	0,5	0,5	0	0	0	0		
1			x	x	x	x						2
2				x	x	x		x				1,5
3	x				x	x	x					1
4			x	x	x	x						2
5									x	x		0
6			x	x	x	x						2
7					x	x	x	x				1
8			x	x	x	x						2
9			x	x	x	x						2
10			x		x						x	1
11									x	x		0
12			x		x	x	x					2
13			x	x	x	x						2
14			x		x	x	x					1,5
15	x	x			x	x						3
16			x		x	x	x					1,5
17			x		x	x	x					1,5
18	x			x	x	x						2,5
19			x	x	x	x						2
20									x	x		0
21			x		x		x					1
22					x	x	x	x				1
23			x	x	x	x						2

Quadro 17 – Grelha de avaliação do parâmetro 2 do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita

<b>Parâmetros</b>	<b>2 – Cortar a imagem</b>		<b>Soma das cotações</b>
Critérios	Corta pelas linhas indicadas	Não corta pelas linhas indicadas	0 a 3 pontos
	Alunos	3	
1	X		3
2	X		3
3	X		3
4	X		3
5	X		3
6	X		3
7	X		3
8	X		3
9	x		3
10	X		3
11	X		3
12	X		3
13	X		3
14	X		3
15	X		3
16	X		3
17	X		3
18	X		3
19	X		3
20	X		3
21	X		3
22	X		3
23	X		3

Quadro 18 – Grelha de avaliação do parâmetro 3 do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	3 – Colar a imagem							Soma das cotações
	Cola quatro partes no espaço correto	Cola três partes no espaço correto	Cola Quatro partes no espaço correto	Cola uma parte no espaço correto	Não cola as partes no espaço correto	Cola as partes da imagem no espaço delimitado	Não cola as partes da imagem no espaço delimitado	0 a 4 pontos
Critérios								
Alunos	2,5	2	1,5	1	0	1,5	0	
1	x						x	2,5
2	x					x		4
3	x					x		4
4	x					x		4
5	x						x	2,5
6	x					x		4
7					x		x	0
8	x					x		4
9	x					x		4
10	x						x	2,5
11	x					x		4
12	x						x	2,5
13	x						x	2,5
14	x					x		4
15	x					x		4
16	x					x		4
17	x					x		4
18	x					x		4
19	x						x	2,5
20					x	x		1,5
21	x						x	2,5
22	x					x		4
23	x					x		4

Quadro 19 – Grelha de avaliação final do dispositivo de avaliação do Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1	2	3	Soma total	
				0 a 10 pontos	Classificação qualitativa
Alunos	Cotação de 0 a 3	Cotação de 0 a 3	Cotação de 0 a 4	0 a 10 pontos	Classificação qualitativa
1	2	3	2,5	7,5	Bom
2	1,5	3	4	8,5	Bom
3	1	3	4	8	Bom
4	2	3	4	9	Muito Bom
5	0	3	2,5	5,5	Suficiente
6	2	3	4	9	Muito Bom
7	1	3	0	4	Insuficiente
8	2	3	4	9	Muito Bom
9	2	3	4	9	Muito Bom
10	1	3	2,5	6,5	Suficiente
11	0	3	4	7	Bom
12	2	3	2,5	7,5	Bom
13	2	3	2,5	7,5	Bom
14	1,5	3	4	8,5	Bom
15	3	3	4	10	Muito Bom
16	1,5	3	4	8,5	Bom
17	1,5	3	4	8,5	Bom
18	2,5	3	4	9,5	Bom
19	2	3	2,5	7,5	Bom
20	0	3	1,5	4,5	Insuficiente
21	1	3	2,5	6,5	Suficiente
22	1	3	4	8	Bom
23	2	3	4	9	Muito Bom

### 3.6.1. Descrição das grelhas de avaliação

Ao analisar o quadro 19 onde estão expressos os dados avaliados, verifico que, no parâmetro 1 – **Escrever o nome e a data**, apenas 1 aluno conseguiu escrever o nome e a data corretamente no local indicado. 19 alunos, embora incorretamente tentaram cumprir esta tarefa. Apenas 3 dos alunos não escreveram o nome nem a data.

No parâmetro 2 – **Cortar a imagem**, todas as 23 crianças cortaram a imagem pelas linhas traçadas. Não houve qualquer criança que não tivesse cumprido esta tarefa.

Assim, posso concluir que a avaliação qualitativa desta atividade revelou resultados bastante positivos, pois 6 alunos atingiram a classificação Muito Bom e 12 alunos a classificação Bom. Apenas 3 alunos obtiveram a classificação suficiente e 2 alunos a classificação Insuficiente

Penso que esta atividade estava adequada à faixa etária e ao nível de desenvolvimento dos alunos, revelando um nível de dificuldade acessível.

### 3.6.2. Gráfico de apresentação dos resultados

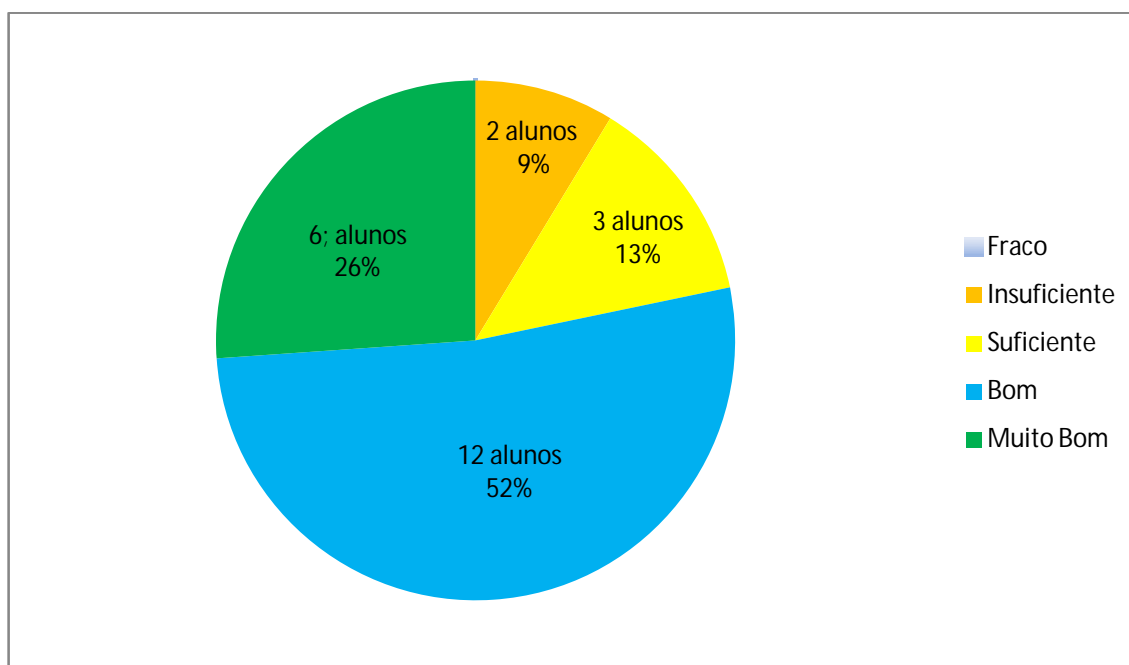


Figura 19 – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

### 3.6.3. Análise do gráfico

É possível concluir que 91% dos alunos obteve classificação positiva e apenas 9% obteve classificação negativa. A maior percentagem de crianças, correspondente a 52%, obteve a classificação de Bom. A classificação de Muito Bom foi obtida por 26% dos alunos.

Através destes dados verifica-se que este exercício teve um baixo grau de dificuldade. É assim uma atividade que os alunos realizam frequentemente e que estes já interiorizaram. Visto que todas as crianças atingiram o objetivo, o educador poderá desenvolver posteriores atividades com um grau de dificuldade mais elevado.

Visto que, nesta faixa etária, algumas das crianças apenas escrevem o seu nome, esta atividade não se centra exatamente na escrita. Centra-se na interpretação de uma história e na observação de imagens da mesma.

Para uma próxima atividade, será interessante serem as próprias crianças a recortar a imagem por linhas traçadas por elas mesmas.

# Reflexão final

## 1. Considerações finais

Ao longo de todo o meu percurso académico e do contacto com a realidade educativa aprendi que, para se ser um bom profissional, é de extrema importância trabalhar arduamente com esforço e dedicação. Só assim é possível superar qualquer obstáculo.

O Estágio Profissional foi um momento importante e marcante na minha vida académica. Esta foi uma fase de aprendizagem, de responsabilização e de tomada de consciência relativamente às minhas capacidades e também às minhas fragilidades.

Para além disso, foi uma fase marcada pelo acompanhamento e orientação, que me levou a uma reflexão sobre a globalidade do meu desempenho. Alarcão (1996), afirma que:

A reflexão sobre a prática emerge como uma estratégia possível para a aquisição do saber profissional. Esta abordagem permite uma integração entre a teoria e a prática e desafia a consideração dos saberes científicos com vista à apresentação pedagógica (p. 154).

Assim, considero que para se ser um bom educador é necessário ter uma boa orientação a fim de desempenhar eficazmente o seu papel. Desta forma, posso afirmar que a equipa de supervisão pedagógica e as educadoras cooperantes tiveram um papel muito importante neste meu percurso. Foi através das suas críticas e dos seus conselhos que tive a consciência das minhas fragilidades, o que me permitirá ultrapassar situações futuras.

No decorrer deste ano de Estágio Profissional, tive a oportunidade de observar várias formas, métodos e estratégias de ensino em diversas áreas, o que me permitiu ter uma melhor perceção de como abordar os vários domínios. Pude também perceber que um educador deve apostar na criatividade para transmitir conteúdos e para os adequar às necessidades dos seus alunos. A criatividade deve ainda aliar esta transmissão de conteúdos à transmissão de valores e atitudes. Só desta forma as crianças se poderão tornar seres humanos responsáveis.

Em todos os momentos de estágio, pude também observar que o principal elemento para uma relação pedagógica de sucesso é a afetividade e o amor. O amor pelas crianças e pelo ensino, que se revela através do carinho e da atenção. Como defende Sêco (1997), “a afetividade constitui o impulso motor da vida (...) e desempenha um papel tão importante quer para o próprio indivíduo quer para a sua relação com os outros” (p. 63).

Aprendi então que estas são qualidades que devem estar presentes tanto nos educadores como em todos os intervenientes do processo educativo. Sendo assim, exige-se o amor e a sensibilidade pelas crianças e pretende-se que o educador conheça cada um dos seus alunos de forma a corresponder às suas necessidades. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2009), o educador deve “conhecer teorias, possuir conhecimento, mas o mais importante é conhecer individualmente cada criança e facultar-lhe um ambiente seguro onde se sinta valorizada” (p. 34).

Desta forma, posso afirmar que cresci imenso enquanto profissional e enquanto ser humano. Observar pessoas diferentes, tanto as educadoras como as minhas colegas de curso, permitiu-me assim observar diferentes formas de motivar as crianças perante diversas situações e competências a desenvolver e adquirir.

Para as crianças, é fundamental que o educador se responsabilize por observá-las de modo a motivá-las para a vontade de aprender e descobrir, através da partilha de conhecimentos entre este e as crianças e, entre elas próprias. Desta forma, e de acordo com Sanches (2001), é importante “observar, atentamente, os saberes, as experiências e competências dos alunos para que estes continuem a ser um precioso recurso na orientação e desenvolvimento das actividades dentro e fora da sala de aula” (p. 46).

Só assim, é possível proporcionar um desenvolvimento saudável e harmonioso.

## **2. Limitações**

Ao longo da elaboração do presente Relatório de Estágio Profissional, deparei-me com algumas limitações. Fazendo um breve balanço, considero que a principal limitação foi a gestão do tempo para a elaboração deste Relatório. Devido à elevada carga horária das várias unidades curriculares, para além do tempo que este relatório requer, muito do meu tempo foi ocupado com o estudo e com a elaboração de trabalhos académicos.

Um outro aspeto que considero limitativo é fundamentação teórica dos relatos diários. É muito importante relatar as observações realizadas durante o período de estágio, para posteriormente fundamentá-las devidamente. Mas por vezes, esta tornou-se uma tarefa árdua a fim de encontrar citações adequadas a determinadas inferências.

Ainda assim, com o meu esforço e dedicação para concretizar o meu objetivo de vida, consegui ultrapassar as várias dificuldades que encontrei ao longo deste percurso.

Quero ainda referir que gostaria que o Estágio Profissional se realizasse também durante um dia inteiro pois, estando presente apenas na parte da manhã, não pude assistir a atividades na área das Expressões, à Assembleia de Turma, entre outras.

### **3. Novas pesquisas**

Refletindo agora sobre o futuro que me espera, encontro ainda outros objetivos a cumprir para enriquecer a minha formação.

Ao longo de todo o meu percurso académico, fui-me deparando com crianças com Necessidades Educativas Especiais. Esta é uma área que me suscita algum interesse e, visto que não foi muito explorada durante este tempo, gostaria de aprofundar um pouco mais este assunto através de pesquisa e de formação.

No decorrer da vida profissional e também pessoal, todos nós somos deparados com acidentes, principalmente numa escola onde a maioria dos intervenientes são de uma baixa faixa etária. As crianças são ainda muito vulneráveis em termos de estrutura física e, por vezes, pequenos acidentes podem causar danos irreversíveis. Daí a necessidade que encontro em investir numa formação em primeiros socorros para poder responder de uma forma rápida e adequada a situações de emergência que possam colocar as crianças em risco.

Em suma, ao concluir esta etapa tenho a consciência de que tenho a necessidade de continuar a investir na minha formação. O mundo encontra-se em constante mudança e a nossa aprendizagem deve ser contínua e atualizada o mais possível. Só assim é possível tornar-me numa boa profissional.

# Referências bibliográficas

- **Referências bibliográficas**

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S.A.

Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância*. Lisboa: Papa-letras.

Alarcão, I. (Org.). (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. e Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Almeida, R. (1994). *Teatro na escola: expressão dramática*. (S.I.)

Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico--manipulativo*. Porto: Porto Editora.

Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. Campinas: Papyrus Editora.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Balancho, M. J. e Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.

Barros, M.G. e Palhares, P. (1997). *Emergência da matemática no jardim-de-infância*. Porto: Porto Editora.

Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação*. Objectivos, instrumentos e métodos. Lisboa: Livros Horizonte.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

Braga, F. (2001). *Formação de professores e identidade profissional*. Coimbra: Quarteto.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Campos, L. (1994). *O computador na escola*. Lisboa: Editorial Presença.

Carita, A. e Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula*. Lisboa: Editorial Presença.

Castro, J. P. e Rodrigues, M. (2008). *Sentido do número e organização de dados*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos*. 5.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: A esfera dos livros.

Cortesão, L. (coord.). (2000). *Na floresta dos materiais: catálogo analítico de materiais de formação para a diversidade*. Oeiras: Celta Editora.

Custódio, L. (2002). *Lengalengas no jardim de infância*. Porto: Âmbar.

Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal.

Figueiredo, M. A. R. (2005). *Avaliação na educação pré-escolar*. Lisboa: Bola de neve.

Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.

Fontes, C. G. (2010). *O valor e o papel do cálculo mental nas séries iniciais*. Dissertação de mestrado inédita, Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação.

Formosinho, J. (coord.). (2009). *Formação de professores. Aprendizagem profissional e acção docente*. Porto: Porto Editora.

García, C. M. (1999). *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

Gomes, J. A. (1996). *Da nascente à voz*. Lisboa: Editorial Caminho.

Gonçalves, E. (1991). *A arte descobre a criança*. Amadora: Raiz Editora.

Hadji, C. (1998). *A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.

Henriques, A. C. (2002). *Jogar e compreender (2.ª ed.)*. Lisboa: Instituto Piaget.

Hohmann, M. e Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens: um guia para pais e educadores*. Porto: Edições Asa.

Korthagen, F. (2009). *A prática, a teoria e a pessoa na aprendizagem profissional ao longo da vida*. In Flores, M. A, e Veiga Simão, A. M. (Ed.), *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Lamas, S. O. (2007). *Livro dos jogos educativos*. Porto: Livpsico – Edições de Ciências da Educação/ Legis Editora.

Lopes, J. A. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA Editores, S.A.

Lorenzato, S. (2006). *Educação infantil e percepção matemática*. Campinas: Editora Autores Associados.

Loughran, J. (2009). *A construção do conhecimento e o aprender a ensinar sobre o ensino*. In Flores, M. A. e Veiga Simão, A. M. (Ed.), *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.

Loureiro, M. J. (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Martínez, M. P., García, M. C. e Montoro, J. M. (1992). *Dificuldades de aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A. e Couceiro, F. (2009). *Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.

Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A. e Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores*. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.

Matos, J. M. e Serrazina, L. (1996). *O geoplano na sala de aula*. Associação de Professores de Matemática.

Mendes, M. F. e Delgado, C. C. (2008). *Geometria. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Mendonça, M. (1994). *A Educadora de infância. Traço de união entre a teoria e a prática*. Porto: Edições ASA.

Ministério da Educação (2009). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar (4.ª ed.)*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monteiro, M. (1995). *Intercâmbios e visitas de estudo*. In A. D. Carvalho (Org.). *Novas metodologias em educação*. Porto: Porto Editora.

Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim de infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Moreira, L. (2002). *Histórias infantis e desenvolvimento do “espírito crítico” da criança*. In Viana, F. L., Martins e M. E Coquet, E. (2002). *Leitura, literatura infantil e ilustração*. Braga: Bezerra Editora.

Niza, I. e Martins, M. A. (2009). *Entrar no mundo da escrita*. In Niza, S. (coord.). (2009). *Criar o gosto pela escrita. Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.

Oliveira, M. T. (1991). (Coord.). *Didáctica da Biologia*. Lisboa: Universidade Aberta.

Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill.

Pereira, J. D. L. e Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

Pérez, M. R. (s/d.a). *Estratégias de aprendizagem na aula desenho e avaliação*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Pérez, M. R. (s/d.b) *Desenho Curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Pombo, O., Guimarães, H. M. e Levy, T. (1993). *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.

Poslaniec, C. (2005). *Incentivar o prazer de ler. Actividades de leitura para jovens*. Porto: Edições ASA.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais (2.<sup>a</sup> ed.)*. Lisboa: Editora Gradiva.

Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino- - aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Riscado, L. (2002). *A crítica literária de literatura infantil e as escolhas do público*. In Viana, F. L., Martins, M. E Coquet, E. (2002). *Leitura, literatura infantil e ilustração*. Braga: Bezerra Editora.

Robinson, N. (2006). *Enciclopédia do origami*. Lisboa: Dinalivro.

Rodrigues, P. (1999). *A avaliação curricular*. In Estrela, A. e Nóvoa, A. *Avaliações em educação: novas perspectivas*. Porto: Porto Editora.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Santos, E. M. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto Editora.

Santos, L. A. (2005). *Hábitos alimentares de crianças do 1.º ciclo do ensino básico – estudo de caso*. Tese de mestrado inédita, Universidade do Minho. Instituto de Estudos da Criança.

Sêco, J. (1997). *Chamados pelo nome. Da importância da afectividade na educação da adolescência*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Serrazina, L. (org.) (2002). *A Formação para o ensino da matemática na educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.

Silveira-Botelho, A. T. I. F. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em portugal*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación.

Sim-Sim, I. (coord.). (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: ASA Editores, S.A.

Sim-Sim, I. (2009). *O ensino da leitura: a decifração*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Siraj-Blatchford, I. (2004). *Crítérios para determinar a qualidade na aprendizagem das crianças entre os três e os seis anos*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela arte e artes na educação: 2.º volume: drama e dança*. Lisboa: Instituto Piaget.

Spodek, B. & Saracho O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Vale, F. (2001). *Teatro, histórias e rimas para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.

Varela, C. M. R. C. (2009). *As visitas de estudo e o ensino aprendizagem das ciências naturais: um estudo sobre representações de professores e alunos do 9.º ano de escolaridade*. Minho: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

Vicente, N. A. L. (2004). *Guia do gestor escolar. Da escola de qualidade mínima garantida à escola com garantia de qualidade*. Porto: Edições ASA.

Villas-Boas, M. A. (2002). *Leitura de histórias: o contributo da dimensão sócio-afectiva*. In Viana, F. L., Martins, M. E Coquet, E. (2002). *Leitura, literatura infantil e ilustração*. Braga: Bezerra Editora.

Veloso, R. M. (2002). *“Curtir” literatura infantil no jardim de infância*. In Viana, F. L., Martins, M. E Coquet, E. (2002). *Leitura, literatura infantil e ilustração*. Braga: Bezerra Editora.

Zabalza, M. (1998). *Didáctica da educação infantil*. Rio Tinto: Edições Asa

Zabalza, M. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Asa Editores S.A.

- **Referências eletrônicas**

Barros, C. (2008). *Era uma vez... sobre os contos tradicionais na literatura infantil*. Recuperado em 2011, dezembro 15, de <http://sociedadedepsicologia.wordpress.com/2008/07/18/era-uma-vez-sobre-os-contos-tradicionais-na-literatura-infantil/>

Fernandes, D. M. e Cardoso, A. C. (s.d.). *Experenciar a cidadania com tabelas e gráficos no jardim-de-infância*. Recuperado em 2012, fevereiro 9, de [http://www.apm.pt/files/\\_CO\\_Fernandes\\_Cardoso\\_4a28b37c1a215.pdf](http://www.apm.pt/files/_CO_Fernandes_Cardoso_4a28b37c1a215.pdf)

Galveias, M. F. C. (2008). *Prática pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2012, fevereiro 7, de [http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1\(1\).pdf](http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1(1).pdf)

Guimarães, C. M. e Lopes, C. C. G. P. (2007). *As práticas educativas-formativas na formação inicial do profissional da educação infantil*. Recuperado em 2012, fevereiro 7, de <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-451-04.pdf>

Lucas, A. G. (2006). *A técnica da observação participante*. Recuperado em 2012, fevereiro 15, de <http://entreduesterras.blogspot.com/2006/01/tecnica-da-observao-participante.html>

Ministério da Educação. (2011). Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011. *Avaliação na educação pré-escolar*. Recuperado em 2012, abril 5, de <http://sitio.dgidc.min-edu.pt/pescolar/Documents/CircularAvaliacaoEPEdocumentofinal.pdf>

Ministério da Educação. (2007). Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007. *Gestão do currículo na educação pré-escolar*. Recuperado em 2011, novembro 20, de [http://sitio.dgidc.min-edu.pt/pescolar/documents/circular17\\_dsdc\\_depeb\\_2007.pdf](http://sitio.dgidc.min-edu.pt/pescolar/documents/circular17_dsdc_depeb_2007.pdf)

Ministério da Educação. (2001). Despacho Normativo n.º 30/2001 de 22 de junho. *A avaliação das aprendizagens dos do ensino básico*. Recuperado em 2012, junho 2, de [http://www.esec-rodo.rcts.pt/DESPACHO\\_NORMATIVO\\_30\\_2001.htm](http://www.esec-rodo.rcts.pt/DESPACHO_NORMATIVO_30_2001.htm)

Ministério da Educação. (1997)., Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro. *Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar*. Recuperado em 2011, dezembro 10, de <http://dre.pt/pdf1sdip/1997/02/034a00/06700673.PDF>

Pinto, F. e Maia, I. (2004). *Rastreamento oftalmológico na pediatria ambulatória*. Revista Saúde Infantil, 26, 33-44. Recuperado em 2012, junho 20, de [http://saudeinfantil.asic.pt/volume\\_detail.php?volume\\_id=26](http://saudeinfantil.asic.pt/volume_detail.php?volume_id=26)

Ribeiro, J. S. (2005). *Informática na educação: teoria & prática*. Recuperado em 2012, abril 4, de <http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/8172/4858>

Rodrigues, M. J. e Vieira, R. M. (2009). *Trabalho experimental de ciências em contexto de jardim-de-infância – desenvolvimento de um programa de formação*. Recuperado em 2012, maio 10, de [http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4602/1/Texto\\_Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4602/1/Texto_Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf)

Setubal, M. A. (2011). *Diálogos entre cultura e educação na escola*. Recuperado em 2012, julho 14, de <http://educarparacrescer.abril.com.br/gestao-escolar/dialogo-cultura-escola-499667.shtml>

Tarouco, L. M. R, Roland, L. C., Fabre, M. J. M. e Konrath, M. L. P. (2004). Jogos educacionais. Revista Novas tecnologias na educação, 1, Recuperado em 2012, julho 15, de [http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo\\_3/Jogos\\_Educacionais.pdf](http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_3/Jogos_Educacionais.pdf)

Valentim, M. O. S. V. (s.d.). *Brincadeiras infantis: importância para o desenvolvimento neuropsicológico*. Recuperado em 2012, junho 22, de <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2011/02/psicomotricidade-nas-brincadeiras-infantis.pdf>

# Anexos

# **Anexo A**

Horário da turma do Bibe Azul B



## Bibe Azul Planificação semanal – Ano letivo 2011/2012

Setembro	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
9H15 – 10H	Matemática	Leitura e escrita/ Desenvolvimento verbal	Matemática	Leitura e escrita	Leitura e escrita
10H10 – 11H	Leitura e escrita Iniciação Musical (10.30h-11.30h)	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita Ed. Física (10.30h-11.30h)
11H10 – 12H	Iniciação Musical (10.30h-11.30h) Leitura e escrita	Matemática	Leitura e escrita	Matemática	Ed. Física (10.30h-11.30h) Matemática
12H – 13H	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13H – 14H	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
14H10 – 15H	Conhecimento do Mundo	Informática	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo
15H10 – 16H	Estruturação espacio-temporal	Conhecimento do Mundo	Jogos de interior	Exp. Plástica	Exp. Dramática
16H - 16H30	Inglês(15.30h-16.30h)	Dinamização da leitura/ Biblioteca	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolvimento da Motricidade</li> </ul>	Estimulação à leitura (ex: histórias)	Assembleia de turma
16H30 – 17H	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

- Neste item incluem-se as atividades de interior e exterior como por exemplo: picotagem, grafismos, atividades com movimento, etc.

**Nota:** entre as diversas atividades existem intervalos para jogos e brincadeiras. Na área da Matemática são utilizados alternadamente os seguintes materiais manipuláveis: Calculador multibásico, Dons de Froebell, Tangram, Geoplano, Palhinhas, Cuisenaire, Blocos Lógicos e outros alternativos.

# **Anexo B**

Planificações da manhã de  
atividades no Bibe Azul B

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 45 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 5 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** E. T.

**Data:** 11/11/11

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"><li>A Lenda de São Martinho</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em filas e apresentar o tema;</li><li>Contar a Lenda de S. Martinho através de sombras chinesas;</li><li>Conversar com os alunos sobre os valores da solidariedade e bondade;</li><li>Recontar a lenda com as crianças através de uma dramatização;</li></ul>
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"><li>Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação</li></ul></li><li>Desenvolver a memória;</li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação de texto ouvido</li></ul></li><li>Escutar/ dialogar;</li><li>Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li><li>– Ajudar</li><li>– Partilhar</li></ul></li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Espontaneidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li><li>Interiorizar de regras</li></ul>
<b>Material:</b> Fantocheiro, sombras chinesas, livro, adereços para a dramatização.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 30 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 5 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** E. T.

**Data:** 11/11/11

### Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>• O magusto:<ul style="list-style-type: none"><li>– Tradições portuguesas</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em roda:<ul style="list-style-type: none"><li>– Explicar o que é o magusto e como se festeja;</li><li>– Abordar a origem da castanha, mostrando imagens;</li><li>– Dialogar sobre a forma como os alunos festejam este dia.</li></ul></li><li>• Ouvir a música “Uma, duas, três castanhas;</li><li>• Realizar uma ficha de trabalho;</li></ul>	COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Desenvolver o vocabulário</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação de imagens</li></ul></li><li>• Escutar/ dialogar;</li><li>• Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Curiosidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li><li>• Interiorizar de regras</li></ul>	<b>Material:</b> Imagens em tamanho A3; “ouriço”; castanhas; CD; ficha de trabalho.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# **Anexo C**

Planificação da aula de Domínio da  
Matemática

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 30 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 5 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** E. T.

**Data:** 5/12/11

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>• A adição</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Pedir que os alunos descubram o objeto a ser utilizado através da leitura da palavra “dado”.</li><li>• Resolver operações de adição através do lançamento do dado;</li><li>• Fazer a decomposição de números através da soma de dois lançamentos do dado;</li><li>• Realizar um jogo de cálculo mental;</li><li>• Realizar uma ficha de trabalho.</li></ul>	
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none"><li>– Observar</li></ul></li><li>• Cálculo mental;</li><li>• Orientação espacial:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretar</li><li>– Representar</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li><li>– Atenção</li></ul></li><li>• Respeito:<ul style="list-style-type: none"><li>– Escutar</li><li>– Compreender</li></ul></li><li>• Interiorizar de regras</li></ul>	
<b>Material:</b> Dado grande; tampas de plástico; algarismos móveis; cartões plastificados; “tabuleiro de jogo”.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# **Anexo D**

Horário da turma do Bibe Amarelo B



## Horário letivo 2011/12

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h	Acolhimento e canções no Salão				
1ª Tempo da manhã	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	ginástica (9h30h/10h30)	Iniciação à Matemática/ Cerâmica**	Iniciação à Matemática
	Educação Musical (10h20/10h50)	Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal		Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal	Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal
10h30	Suplemento alimentar – Recreio/ Cantinhos (10h30/11h)				
2ª Tempo da manhã	Conhecimentos do Mundo	Conhecimentos do Mundo	Iniciação à Matemática/ Conhecimentos do Mundo	Conhecimentos do Mundo	Informática/ Biblioteca
12h	Almoço e higiene				
13h	Sesta				
1ª Tempo da tarde	Realização de propostas de trabalho*/ jogos	Realização de propostas de trabalho*/ Plasticina e jogos	Realização de propostas de trabalho*/ Cantinhos	Realização de propostas de trabalho*/ Entrelaçamentos e Enfiamentos	Realização de propostas de trabalho*/ Plasticina e jogos
16h	Lanche/Saída				

Atendimento aos Encarregados de Educação - 4ª feira das 9h30 às 10h30.

\* As propostas de trabalho visam: trabalhar diversas expressões plásticas, exercitar a grafomotricidade, desenvolver o raciocínio Lógico-Matemático e consolidar temas da área de Conhecimentos do Mundo.

\*\* Aula que decorre de 3 em 3 semanas.



# **Anexo E**

Planificações da manhã de  
atividades no Bibe Amarelo

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 3 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** J. S.

**Data:** 06/03/12

Área do Conhecimento do Mundo

COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES
<b>CONTEÚDOS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• As profissões associadas aos meios de transporte:<ul style="list-style-type: none"><li>– Motorista de autocarro</li><li>– Piloto</li><li>– Assistente de bordo</li><li>– Comandante/ marinheiro</li><li>– Maquinista</li></ul></li></ul>	<b>PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em roda:<ul style="list-style-type: none"><li>– Fazer uma revisão dos vários meios de transporte;</li></ul></li><li>• Através de imagens, abordar algumas profissões relacionadas com os meios de transporte;</li><li>• Realizar uma atividade de correspondência entre as profissões e os transportes abordados.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Desenvolver o vocabulário</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação de imagens</li></ul></li><li>• Escutar/ dialogar;</li><li>• Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Curiosidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li><li>• Interiorizar de regras</li></ul>
<b>Material:</b> livro em tamanho A4; imagens.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 3 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** J. S.

**Data:** 22/06/12

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quantidades;</li><li>• Algarismos;</li><li>• Cores;</li><li>• Sequências/ combinações.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados nos seus lugares;</li><li>• Reconhecer o material apresentado e explorá-lo;</li><li>• Realizar exercícios para desenvolver:<ul style="list-style-type: none"><li>- Cálculo mental (adição e subtração)</li><li>- Comparar quantidades;</li></ul></li><li>• Reproduzir sequências/ combinações.</li></ul>
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none"><li>- Observar</li></ul></li><li>• Cálculo mental;</li><li>• Orientação espacial:<ul style="list-style-type: none"><li>- Interpretar</li><li>- Representar</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none"><li>- Colaborar/ cooperar</li><li>- Atenção</li></ul></li><li>• Respeito:<ul style="list-style-type: none"><li>- Escutar</li><li>- Compreender</li></ul></li></ul>
<b>Material:</b> caracóis em papel de várias cores; algarismos móveis.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 3 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** J. S.

**Data:** 06/03/12

### Área da Expressão e Comunicação

#### Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"><li>História “O ratinho marinho”</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Iniciar a aula com os alunos sentados no chão;</li><li>Apresentar o livro e explorar os conteúdos da capa;</li><li>Ler a história e explorar as imagens;</li><li>Fazer exercícios para trabalhar a rima;</li><li>Realizar uma atividade de expressão plástica.</li></ul>
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"><li>Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação</li></ul></li><li>Desenvolver a memória;</li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação de texto ouvido</li></ul></li><li>Escutar/ dialogar;</li><li>Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li><li>– Ajudar</li><li>– Partilhar</li></ul></li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Espontaneidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li></ul>
<b>Material:</b> livro; imagens; cascas de nozes; palitos, plasticina.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# **Anexo F**

Horário da turma do Bibe Encarnado

B

## Bibe Encarnado B



### Horário Anual 2011/2012

	<b>segunda-feira</b>	<b>terça-feira</b>	<b>quarta-feira</b>	<b>quinta-feira</b>	<b>sexta-feira</b>
<b>1º Tempo (manhã)</b>	Acolhimento às crianças				
	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica (9h30m/10h30m)
	Hora do conto: estimulação à leitura/teatro de fantoches				
	Suplemento alimentar Recreio orientado e livre				
	Educação Musical (11h30m/12h)	Informática (10h30m/12h)	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
		Biblioteca *			
12.00	Higiene pessoal/Almoço				
<b>2º Tempo (tarde)</b>	Recreio orientado e livre				
	Conhecimento do Mundo	Picotagem/dobragem	Rasgar/recortar Colagem	Atividades Plásticas	Experiências
	Grafismo				
Modelagem com Terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação Espacial	Desenho livre/orientado	Puzzles e jogos de mesa	
16.00	Lanche				

Atendimento aos Encarregados de Educação - 6ª feira das 9h30m às 10h30m

\* Estimulação à Leitura na biblioteca que decorre de 2 em 2 semanas.

# **Anexo G**

Planificações da aula programada  
no Bibe Encarnado B

## “Escola A”

### Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 4 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** E. A.

**Data:** 27/04/12

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>História “A zebra Camila”</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Iniciar a aula com os alunos sentados no chão;</li><li>Mostrar o livro e explorar os conteúdos da capa (elementos paratextuais);</li><li>Apresentar a personagem da história, utilizando o “boneco” da mesma;</li><li>Ler a história, explorando as imagens e interagindo com o “boneco”;</li><li>Solicitar a ajuda dos alunos para colarem fitas na zebra;</li><li>Conversar sobre a história, referindo a importância de valores como a amizade e a partilha.</li></ul>	
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação</li></ul></li><li>Desenvolver a memória;</li><li>Desenvolver o cálculo mental;</li><li>Escutar/ dialogar;</li><li>Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Ajudar</li><li>– Partilhar</li></ul></li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Espontaneidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li></ul>	
<b>Material:</b> livro; “boneco” da personagem em grandes dimensões.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 4 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** E. A.

**Data:** 27/04/12

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Quantidades;</li><li>• Cálculo mental: soma e subtração;</li><li>• Divisão;</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados nos seus lugares;</li><li>• Reconhecer o material, lembrando as regras de utilização do mesmo;</li><li>• Explorar situações de adição e subtração, representando com imagens:<ul style="list-style-type: none"><li>- Colocar questões de cálculo mental.</li></ul></li><li>• Realizar uma situação problemática que envolva a divisão:<ul style="list-style-type: none"><li>- Representar com as peças do material, auxiliando com imagens.</li></ul></li></ul>	
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none"><li>- Analisar</li><li>- Resolução de problemas</li></ul></li><li>• Cálculo mental;</li><li>• Orientação espacial:<ul style="list-style-type: none"><li>- Representar</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none"><li>- Interesse</li><li>- Atenção</li></ul></li><li>• Respeito:<ul style="list-style-type: none"><li>- Escutar</li><li>- Participar de forma ordenada</li></ul></li></ul>	
<b>Material:</b> Calculadores Multibásicos; imagens; algarismos móveis.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

**Faixa Etária:** 4 anos

**Educadora:** E. A.

**Data:** 27/04/12

Ana Rita Gomes, N.º 6

Mestrado em Educação Pré – Escolar

### Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>• A zebra:<ul style="list-style-type: none"><li>– Classe dos mamíferos (caraterísticas)</li><li>– Habitat</li><li>– Revestimento</li><li>– Locomoção</li><li>– Alimentação</li><li>– Modo de vida</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em semicírculo;</li><li>• Reconhecer a zebra como um animal pertencente á classe dos mamíferos;</li><li>• Explorar as caraterísticas gerais da zebra (habitat, revestimento, locomoção, alimentação, modo de vida), através do “Jogo dos pares”;<ul style="list-style-type: none"><li>– Explorar imagens.</li></ul></li><li>• Dialogar sobre algumas curiosidades sobre a zebra;</li></ul>		
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Desenvolver o vocabulário</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação de imagens</li></ul></li><li>• Escutar/ dialogar;</li><li>• Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Curiosidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li><li>• Interiorizar de regras</li></ul>		
<b>Material:</b> imagens em tamanho A4.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# **Anexo H**

Planificações da manhã de  
atividades no Bibe Encarnado B

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 4 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** Elisabete Almeida

**Data:** 05/06/12

### Área do Conhecimento do Mundo

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>A praia:<ul style="list-style-type: none"><li>Cuidados a ter com o sol</li><li>Cuidados a ter com o mar</li><li>Atividades de lazer</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em semicírculo;</li><li>Observar os objetos expostos na sala para descobrir o tema da aula;</li><li>Mostrar a imagem de uma praia, através de um Powerpoint, e explorá-la com as crianças;</li><li>Referir os cuidados a ter com o sol e com o mar;</li><li>Relembrar os cuidados a ter com a alimentação e a poluição;</li><li>Rever os vários objetos que utilizamos na praia e dialogar sobre a sua importância;</li><li>Dialogar e simular com as crianças as suas vivências na praia.</li></ul>		
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>Desenvolver o vocabulário</li><li>Interpretação de imagens</li></ul></li><li>Escutar/ dialogar;</li><li>Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>Respeito:<ul style="list-style-type: none"><li>Colaborar/ cooperar</li></ul></li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>Espontaneidade</li><li>Imaginação</li></ul></li><li>Participar de forma ordenada</li></ul>		
<b>Material:</b> Powerpoint; areia da praia; água do mar; recipiente transparente; saco com objetos (chapéu, protetor solar, óculos de sol, toalha, etc.); bola, brinquedos de praia.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 4 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** E. A.

**Data:** 05/06/12

### Área da Expressão e Comunicação

### Domínio da Matemática

CONTEÚDOS	PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS
<ul style="list-style-type: none"><li>• Formas geométricas;</li><li>• Cores;</li><li>• Tamanhos;</li><li>• Construções;</li><li>• Situações problemáticas.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados nos seus lugares;</li><li>• Rever os atributos das peças dos Blocos Lógicos;</li><li>• Realizar construções com o material;<ul style="list-style-type: none"><li>– Explorar as peças utilizadas em cada construção;</li><li>– Resolver algumas situações problemáticas;</li><li>– Realizar uma construção livre.</li></ul></li></ul>
COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none"><li>– Resolver problemas</li></ul></li><li>• Cálculo mental;</li><li>• Orientação espacial:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretar</li><li>– Representar</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li><li>– Atenção</li></ul></li><li>• Respeito:<ul style="list-style-type: none"><li>– Escutar</li><li>– Compreender</li></ul></li></ul>
<b>Material:</b> Blocos lógicos e imagens.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 4 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** E. A.

**Data:** 05/06/12

### Área da Expressão e Comunicação

#### Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>História “A praia dos sonhos”</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Iniciar a aula com os alunos sentados no chão em semicírculo;</li><li>Apresentar a história e explorar os elementos paratextuais do livro;</li><li>Apresentar o painel onde está representada a praia;</li><li>Ler a história e, ao longo da leitura, solicitar às crianças que coloquem as imagens da mesma.</li></ul>	
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação</li></ul></li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação de texto ouvido</li></ul></li><li>Escutar/ dialogar;</li><li>Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li><li>– Partilhar</li></ul></li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Espontaneidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li></ul>	
<b>Material:</b> painel; imagens.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

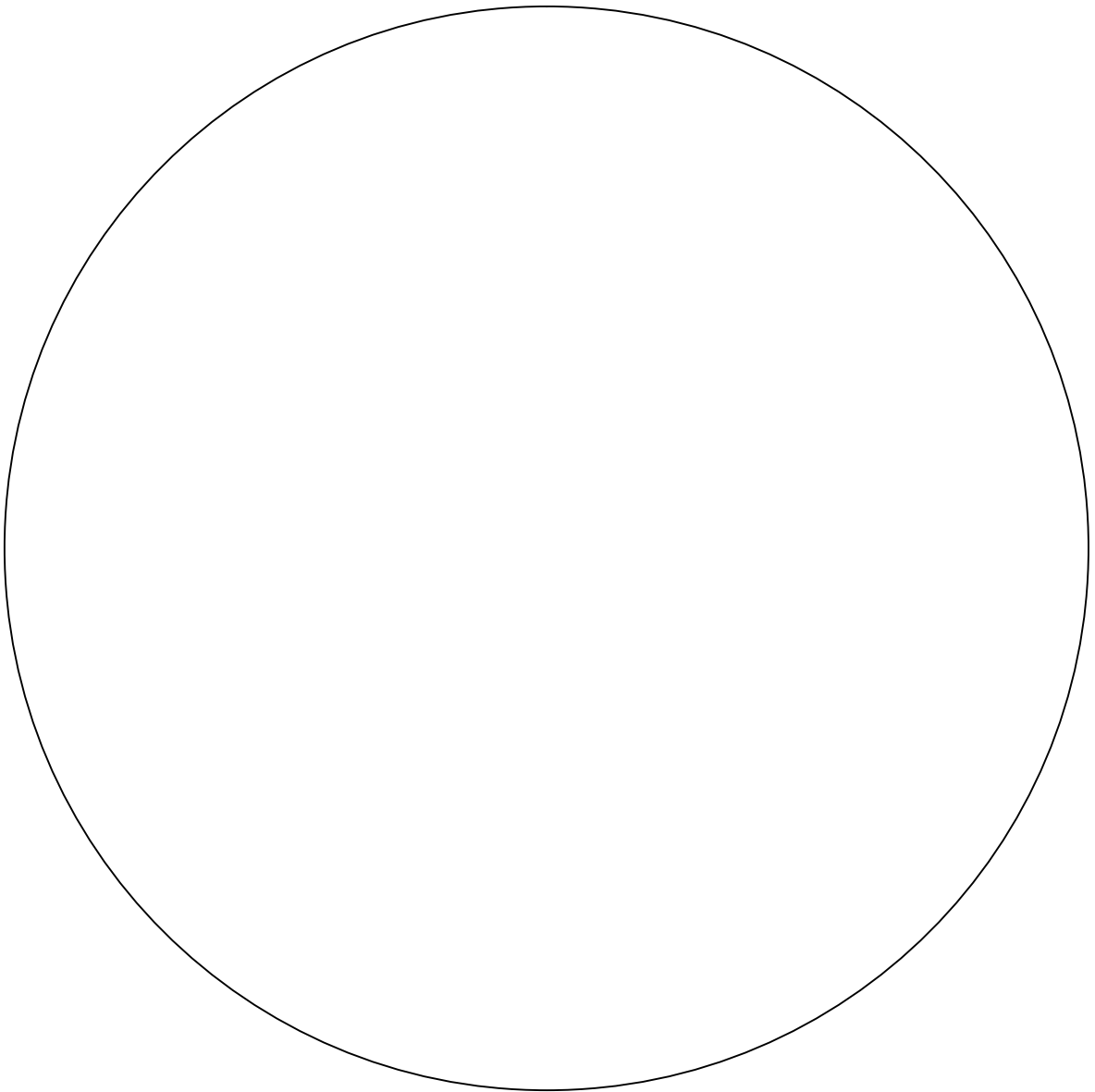
# **Anexo I**

Proposta de trabalho do Domínio da  
Linguagem Oral e Abordagem à  
Escrita

# “Escola A”

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita  
Bibe Encarnado

- Recorta a imagem pelas linhas marcadas.
- Cola o puzzle no espaço delimitado.



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



# **Anexo J**

Planificações da Prova Prática de  
Avaliação da Capacidade  
Profissional

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

**Faixa Etária:** 3 anos

**Educadora:** J. S.

**Data:** 22/06/12

Ana Rita Gomes, N.º 6

Mestrado em Educação Pré – Escolar

### Área do Conhecimento do Mundo

COMPETÊNCIAS	
CAPACIDADES/ DESTREZAS	VALORES/ ATITUDES
<b>CONTEÚDOS</b>	<b>PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• O caracol:<ul style="list-style-type: none"><li>– Corpo</li><li>– Locomoção</li><li>– Alimentação</li><li>– Reprodução</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados no chão:<ul style="list-style-type: none"><li>– Mostrar uma caixa às crianças e, através de pistas, pedir para adivinharem qual o animal que está dentro da mesma;</li></ul></li><li>• Mostrar o caracol;</li><li>• Visualizar imagens expressas num <i>PowerPoint</i>:<ul style="list-style-type: none"><li>– Explorar as características do seu corpo;</li><li>– Observar o modo de locomoção através de um vídeo;</li><li>– Identificar o tipo de alimentação;</li><li>– Compreender como o caracol se reproduz.</li></ul></li><li>• Observar o caracol e os seus comportamentos;</li><li>• Ensinar uma lengalenga sobre o caracol.</li></ul>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>– Desenvolver o vocabulário</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretação de imagens</li></ul></li><li>• Escutar/ dialogar;</li><li>• Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li></ul></li><li>• Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Curiosidade</li><li>– Imaginação</li></ul></li><li>• Interiorizar de regras</li></ul>
<b>Material:</b> caracóis e caracoleta; caixa com folhas e ramos de árvore; <i>PowerPoint</i> ; cascas diversas de caracóis.	

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.  
Planificação sujeita a alterações.

## “Escola A”

### Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 3 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** J. S.

**Data:** 22/06/12

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Matemática

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Contagens</li><li>• Quantidades e algarismos;</li><li>• Cálculos</li><li>• Sequências/ combinações.</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Iniciar a aula com os alunos sentados nos seus lugares;</li><li>• Apresentar um caracol (de peluche) que será a personagem da história envolvente da aula;</li><li>• Reconhecer o material apresentado e explorá-lo;</li><li>• Realizar exercícios para desenvolver:<ul style="list-style-type: none"><li>- Contagens</li><li>- Quantidades</li><li>- Cálculo</li><li>- Reprodução de uma sequência</li><li>- Divisão</li></ul></li></ul>	
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Raciocínio lógico:<ul style="list-style-type: none"><li>– Observar</li></ul></li><li>• Cálculo mental;</li><li>• Orientação espacial:<ul style="list-style-type: none"><li>– Interpretar</li><li>– Representar</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none"><li>– Colaborar/ cooperar</li><li>– Atenção</li></ul></li><li>• Respeito:<ul style="list-style-type: none"><li>– Escutar</li><li>– Compreender</li></ul></li></ul>	
<b>Material:</b> caracóis em papel de várias cores; algarismos móveis, painel.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.

Planificação sujeita a alterações.

## “Escola A”

### Plano de aula

**Duração:** 20 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 3 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** J. S.

**Data:** 22/06/12

#### Área da Expressão e Comunicação

#### Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>História “Caracol e caracola”</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Iniciar a aula com os alunos sentados no chão;</li><li>Apresentar a história;</li><li>Ler a história, mostrando as imagens através de um <i>PowerPoint</i>.<ul style="list-style-type: none"><li>Pedir a colaboração das crianças para contar a história;</li></ul></li><li>Realizar uma atividade prática:<ul style="list-style-type: none"><li>Pintar as personagens da história (caracol ou a “caracola”) e elaborar um fantoche.</li></ul></li></ul>	
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>Expressão oral:<ul style="list-style-type: none"><li>Interpretação de texto ouvido</li></ul></li><li>Escutar/ dialogar;</li><li>Dicção/ fluidez de expressão</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>Solidariedade:<ul style="list-style-type: none"><li>Colaborar/ cooperar</li><li>Ajudar</li></ul></li><li>Criatividade:<ul style="list-style-type: none"><li>Espontaneidade</li></ul></li><li>Imaginação</li></ul>	
<b>Material:</b> <i>PowerPoint</i> ; caracóis em cartolina; lápis de cor; espátulas de madeira.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.  
Planificação sujeita a alterações.

# “Escola A”

## Plano de aula

**Duração:** 15 minutos

Ana Rita Gomes, N.º 6

**Faixa Etária:** 3 anos

Mestrado em Educação Pré – Escolar

**Educadora:** J. S.

**Data:** 22/06/12

Área da Expressão e Comunicação

Domínio da Expressão Motora

CONTEÚDOS		PROCEDIMENTOS/ MÉTODOS	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Jogo “Passa o caracol”;<ul style="list-style-type: none"><li>- Trabalho de equipa;</li><li>- Jogo infantil.</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Levar as crianças até ao recreio;</li><li>• Dividir a turma em duas ou três equipas e coloca-las na posição de jogo:<ul style="list-style-type: none"><li>- Cada equipa será uma ponte; coloca-se em fila e senta-se no chão.</li></ul></li><li>• Explicar as regras do jogo:<ul style="list-style-type: none"><li>- Ao sinal, o primeiro elemento de cada equipa retira um caracol de uma caixa e passa-o ao elemento atrás, até o caracol chegar ao último elemento da equipa, que o colocará noutra caixa. Repete-se o processo até o tempo terminar;</li><li>- Vence o jogo a equipa que, no final do tempo, passou mais caracóis pela ponte.</li></ul></li><li>• Realização do jogo;</li><li>• Contagem dos caracóis reunidos por cada equipa.</li></ul>	
COMPETÊNCIAS			
CAPACIDADES/ DESTREZAS		VALORES/ ATITUDES	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Expressão corporal:<ul style="list-style-type: none"><li>- Coordenação óculo-manual</li></ul></li><li>• Socialização:<ul style="list-style-type: none"><li>- Trabalhar de equipa</li><li>- conviver</li></ul></li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Responsabilidade:<ul style="list-style-type: none"><li>- Colaborar/ cooperar</li><li>- Empenho</li></ul></li><li>• Respeito:<ul style="list-style-type: none"><li>- Escutar</li><li>- Compreender</li></ul></li></ul>	
<b>Material:</b> caracóis em papel de várias cores; caixas de cartão.			

Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem.  
Planificação sujeita a alterações.

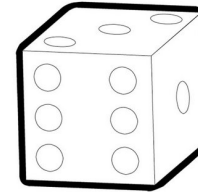
# **Anexo K**

Proposta de trabalho – Domínio da  
Matemática

“Escola A”

Domínio da Matemática

1. Picota os quadrados que contêm os números.
2. Soma o número de pintas das faces do dado e cola no local correto os quadrados que picotaste.



$$\begin{array}{|c|} \hline \bullet & & \bullet \\ \hline \bullet & \bullet & \bullet \\ \hline \bullet & & \bullet \\ \hline \end{array} + \begin{array}{|c|} \hline \bullet & \bullet & \bullet \\ \hline \bullet & \bullet & \bullet \\ \hline \end{array} = \square$$

$$\begin{array}{|c|} \hline \bullet & \bullet & \bullet \\ \hline \bullet & \bullet & \bullet \\ \hline \end{array} + \begin{array}{|c|} \hline \bullet & \bullet & \bullet \\ \hline \bullet & \bullet & \bullet \\ \hline \end{array} = \square$$

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

# **Anexo L**

Proposta de trabalho – Área do  
Conhecimento do Mundo

# “Escola A”

## Bibe Encarnado B Área do Conhecimento do Mundo – A praia

Pinta os objetos que deves levar sempre contigo quando vais à praia.



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_